

REVISTA DA SEMANA

Anno IX — N. 476

DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1909

Numero: 300 réis

TORPEDOS AEREOS

Certos jornaes allemães fallam encobertamente, no anno passado, de experiencias que se realizavam sob o maior segredo nas usinas Krupp, relativas a um mysterioso invento que chamavam o torpedo voador. O correspondente

720 a 780 kilometros por hora. As experiencias de vôo deram resultados muito satisfactorios, quer com um modelo reduzido, quer com uma machina pesando 80 libras.

O Sr. Weichert acredita ter encontrado o meio não sómente de governar a sua machina pela acção das ondas hertzianas, as de pro-

immensas e voltar novamente ao ponto de partida.

Aqui reproduzimos estas informações sob as maiores reservas.

O odio grita: é a blasphemia; o amor segreda, murmura: é a prece.

que o servia. Tambem costumava o dona da casa aspergir de agua benta as comidas, participando os gatos da aspersão.

Um dia em que o dono da casa teve de ir longe ficou o creado, e antes de ir para a mesa, preparou agua a ferver, e esperou os gatos. Vieram elles logo que lhes deu o cheiro da comida e o creado aspergiu-os então fortemente, a valer, fugindo em debandada toda a gataria.

No dia seguinte, quando o patrão se dispoz para jantar, vieram os gatos rodeal-o, mas assim que o viram pegar no hyssope, pernas para que te quero!

Saltam por cima da mesa, a fu-

O NOVO PESSOAL



O Anjo da Guarda...

vocar a explosão á distancia e a um momento determinado.

Segundo o correspondente inglez, a invenção está perfeitamente estudada e a ponto de ser praticamente empregada, e a Allemanha estará dentro em pouco de posse de uma das mais terriveis armas de guerra.

Accrescenta-se que o professor Weichert quer applicar o seu invento a procuras scientificas, que poderiam prestar os maiores serviços aos aeronautas, porquanto os seus pequenos aparelhos voadores seriam utilizados no estudo da atmosphera nas grandes altitudes.

Governados pelas ondas hertzianas poderam elevar-se a alturas

em Berlim do *Daily Express* conseguiu obter informações bastante precisas sobre o assumpto.

A casa Krupp, em Essen, fechou realmente um contrato com o inventor, o Sr. Weichert, professor do Instituto Meteorologico de Göttingen, assegurando-lhe uma annuidade de 12.500 francos para continuar as suas experiencias nos terrenos da usina. O engenho é uma especie de aeroplano movido por um pequeno motor electrico e sustentando um torpedo, voando com uma velocidade de 12 a 13 kilometros por minuto ou sejam

GATO ESCALDADO

Dá-se como origem deste anecdotim a seguinte anecdota:

Um individuo muito amigo de gatos, tinha por costume rodear-se delles á sua pequena mesa de jantar e dar-lhes de coar. de maneira que as sobras eram bem poucas para o pobre do creado

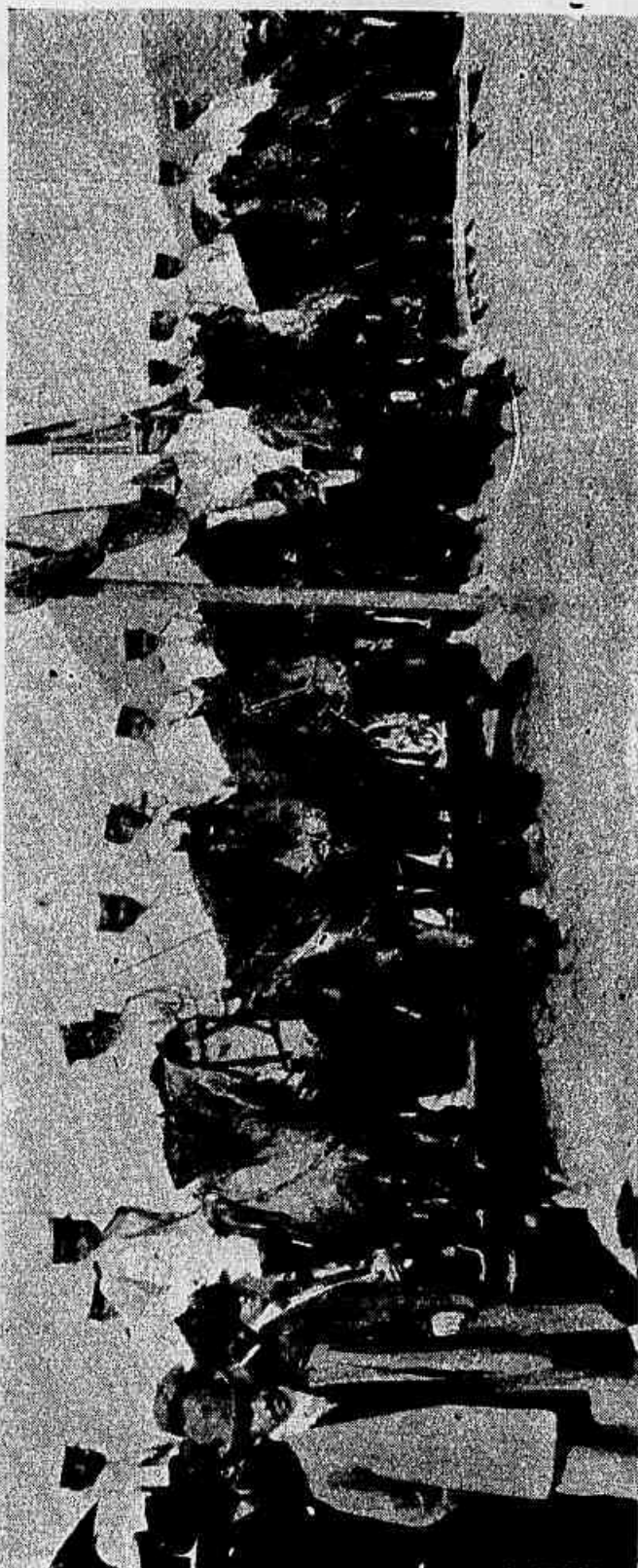
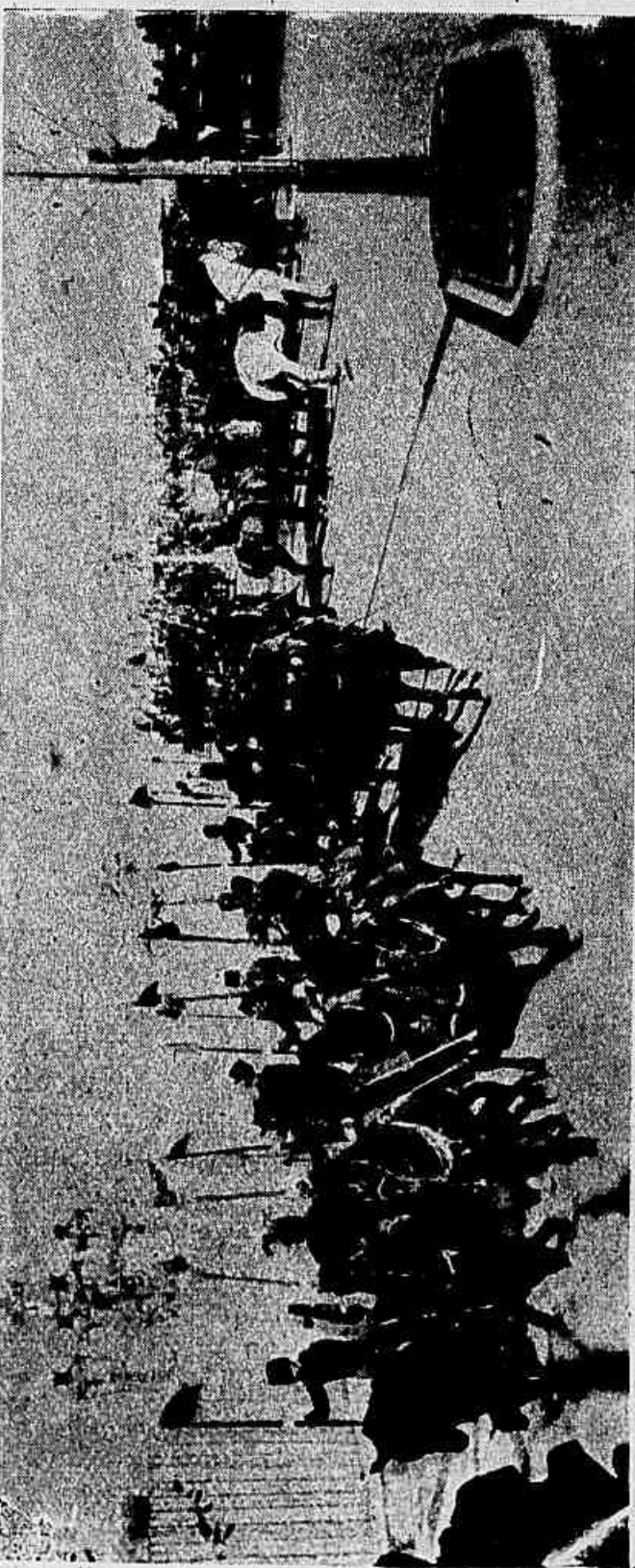
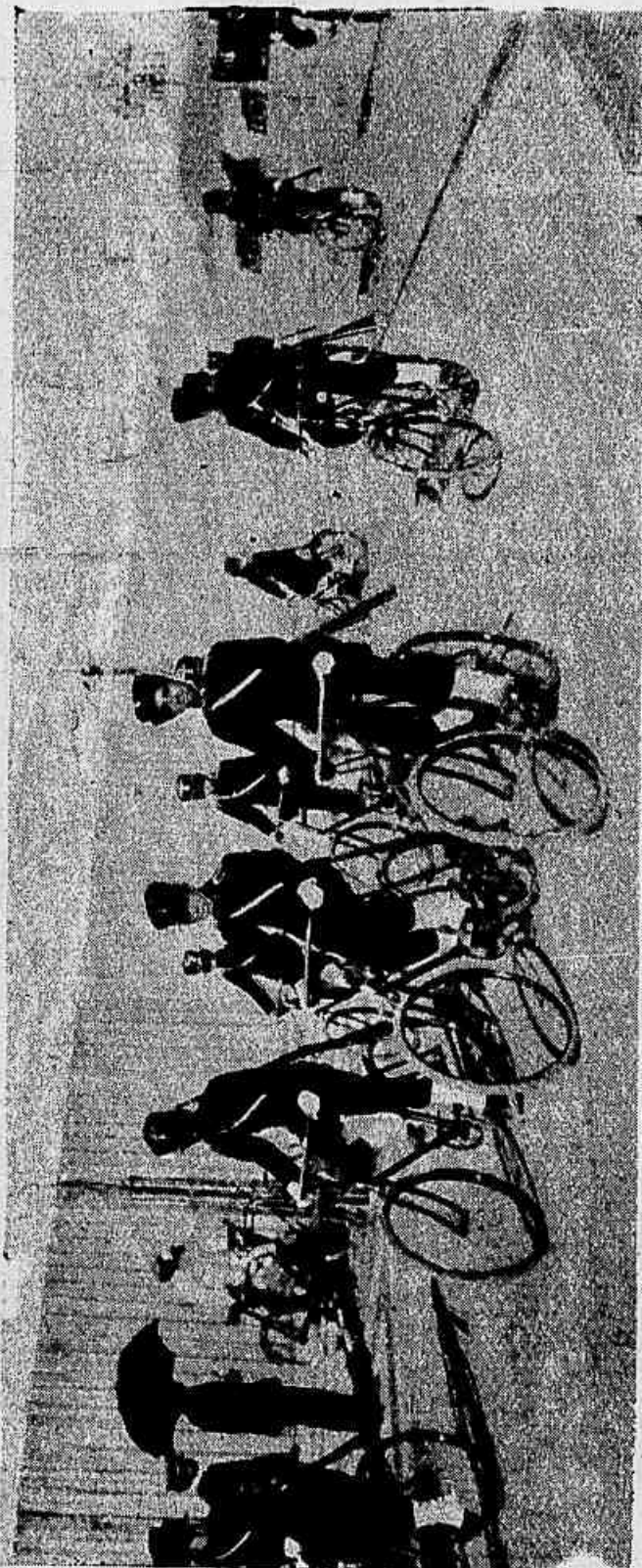
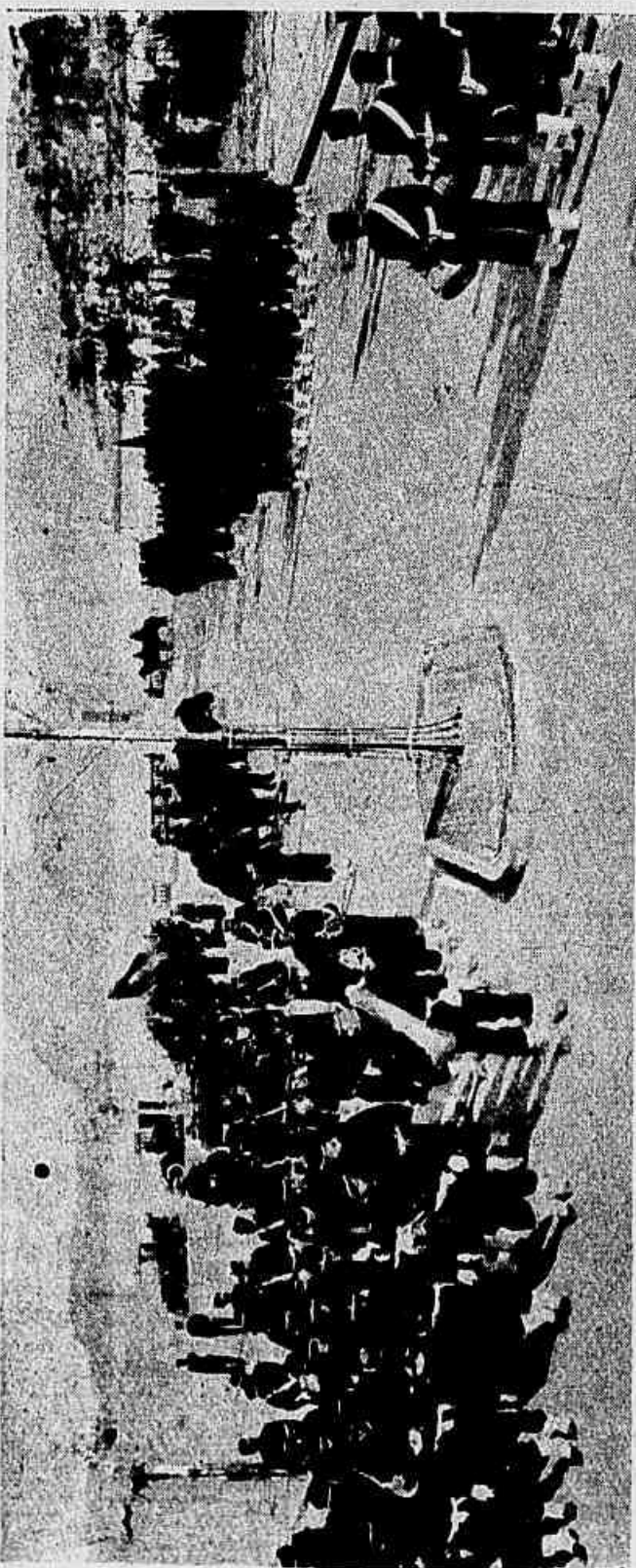
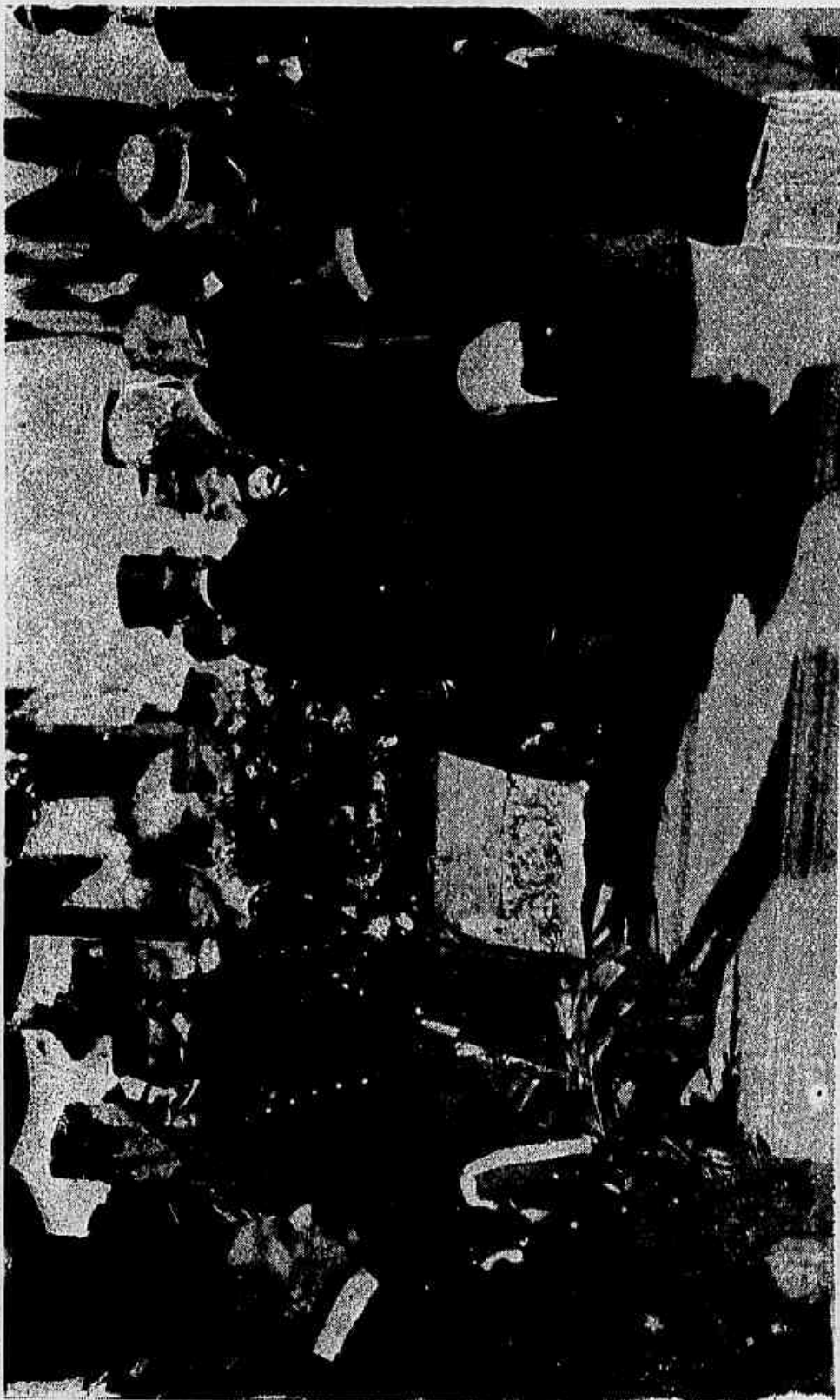
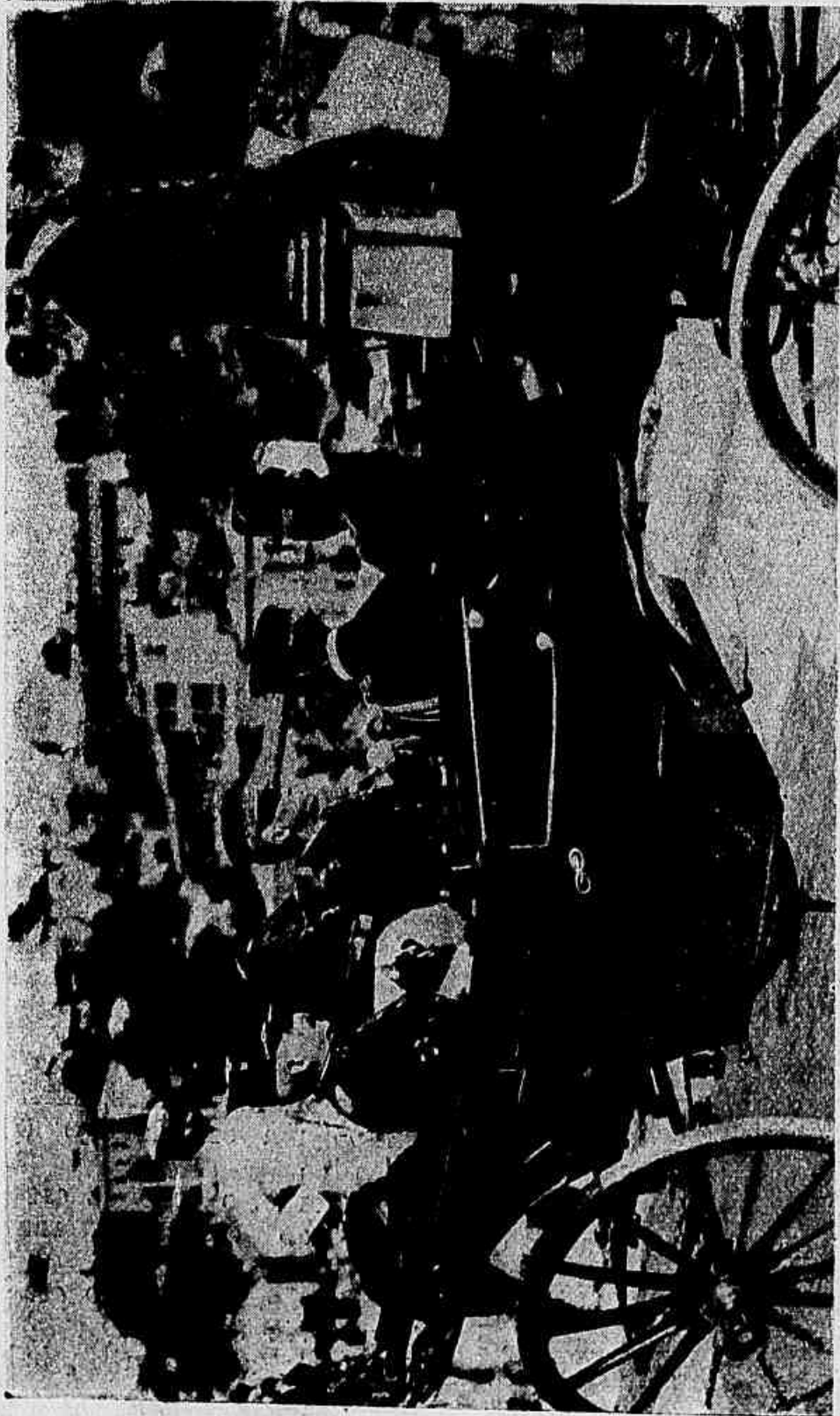
gir, quebrando pratos, terrinas e fazendo um estardalhaço de mil diabos!

Espantado, o dono da casa perguntou ao creado a razão do caso.

— Patrão, é que gato escaaldado d'agua fria tem medo.

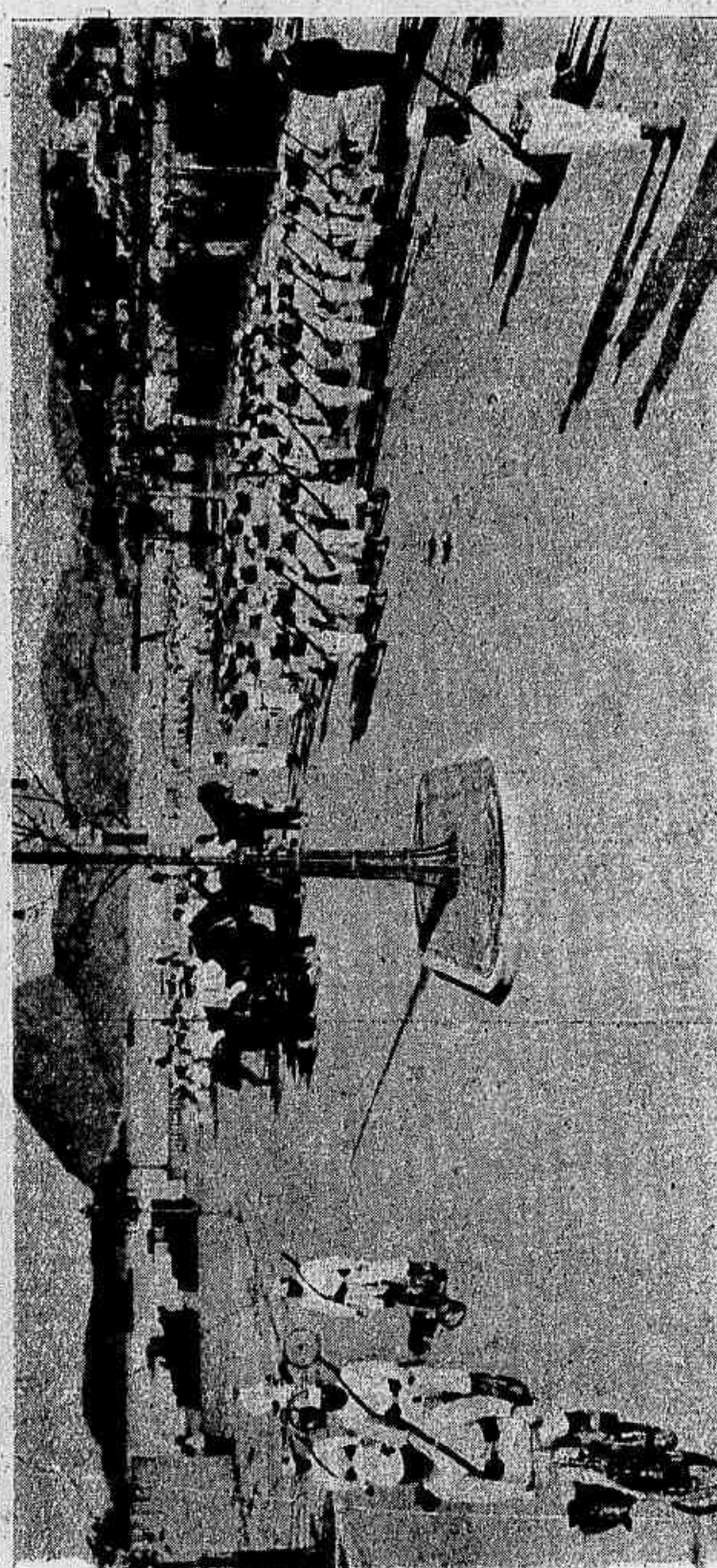
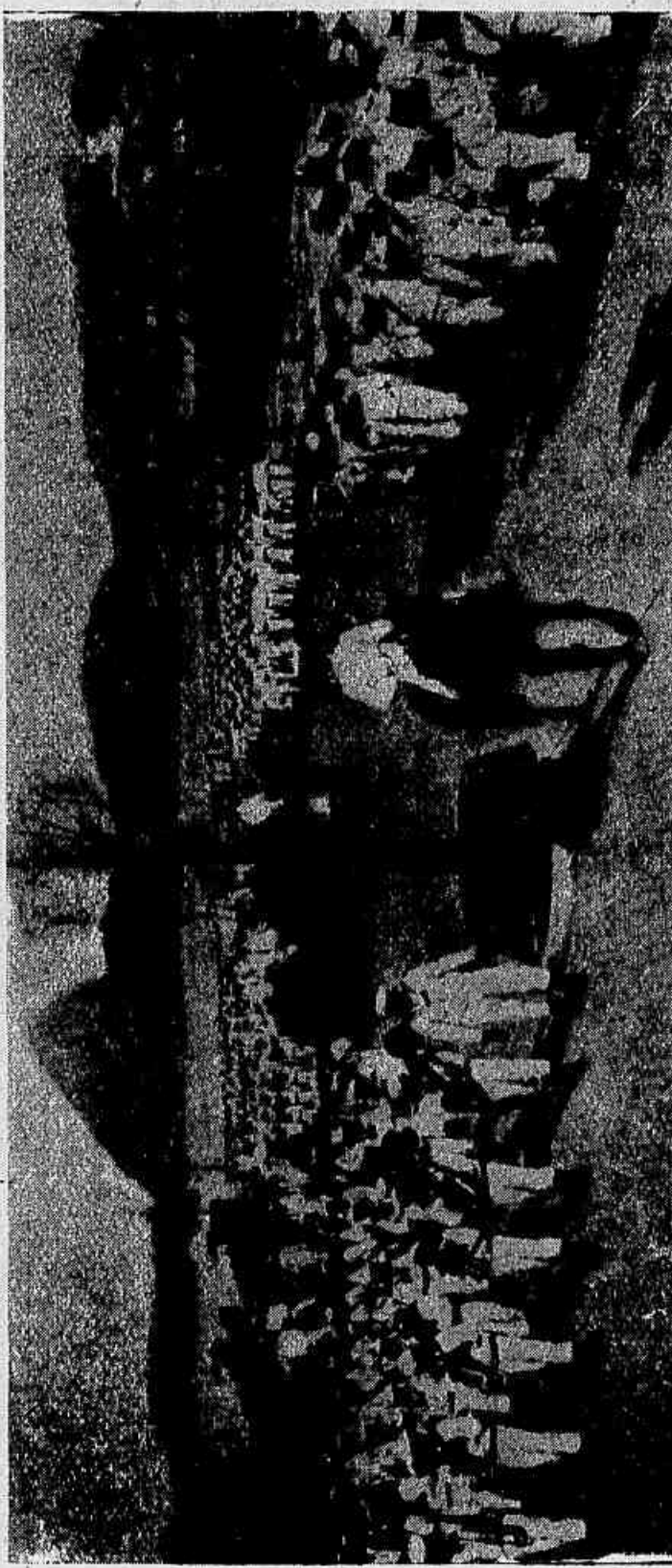
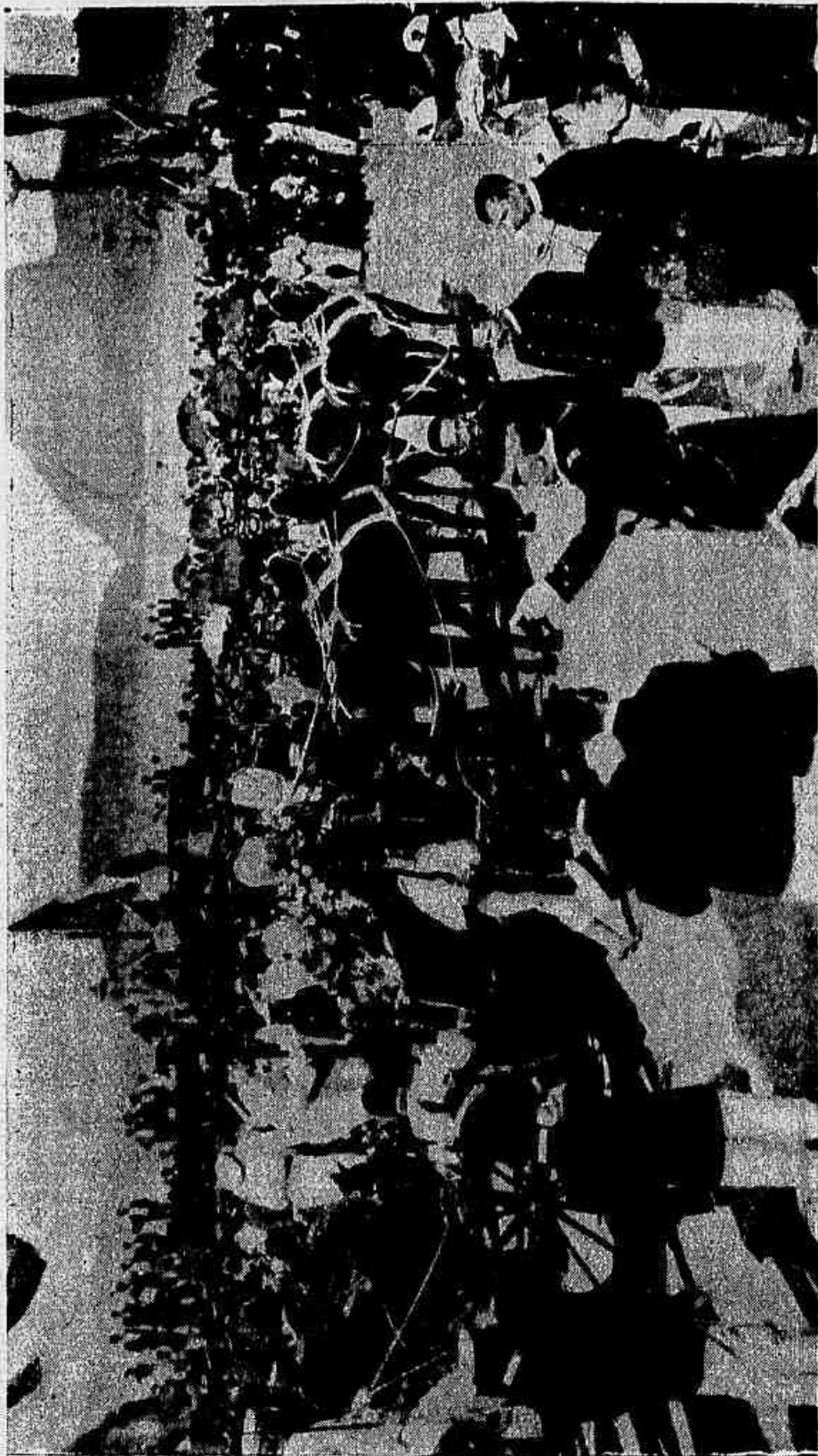
E é esta a origem da habitual phrase.

FORÇAS DE MAR E TERRA — A PARADA DE 11 DE JUNHO

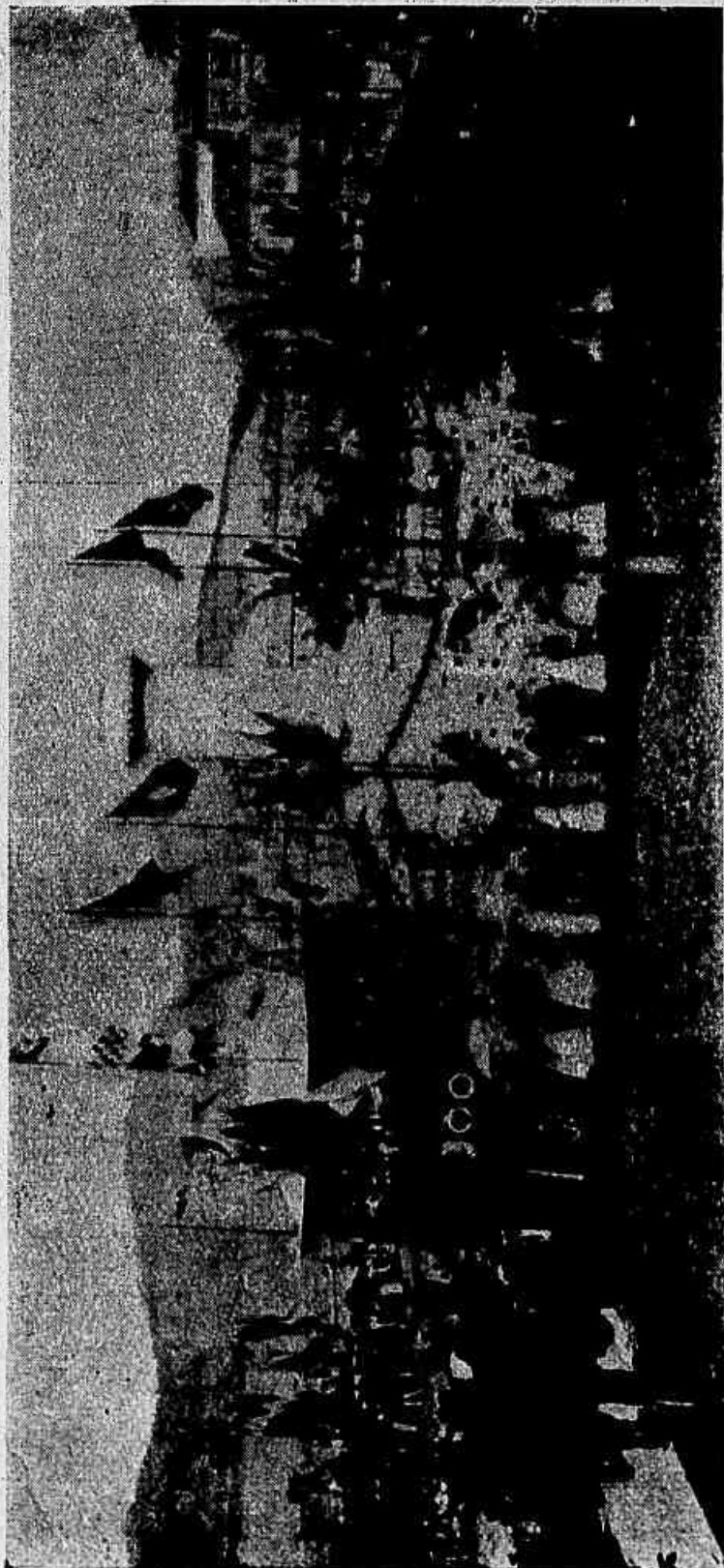
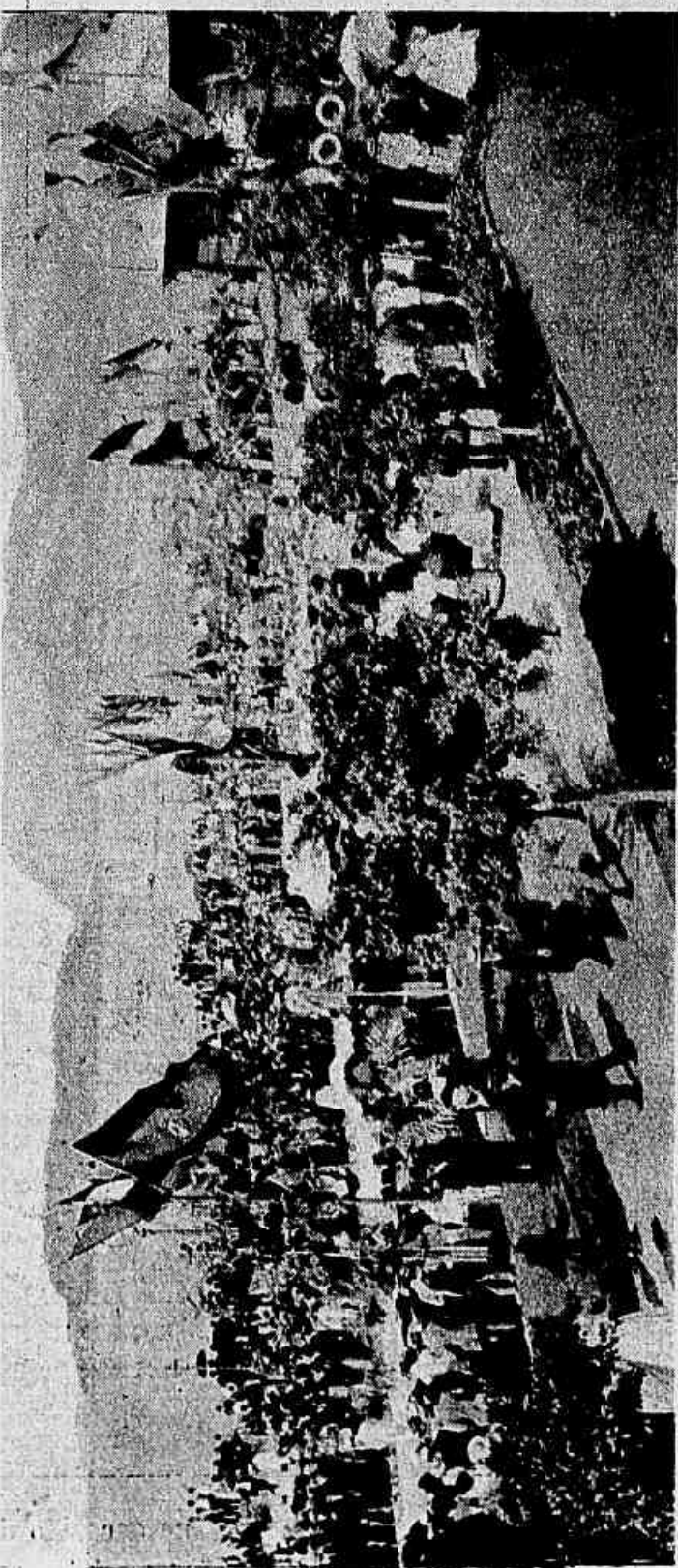


1 — Os Srs. Ministros da Marinha e da Guerra, passando revista às tropas; 2 — Forças do Exército durante a parada; 3 — A Cavallaria da Força Policial no extremo da Avenida; 4 — Junta

cripta á do monumento quando orava o Sr. Barão de Tefé; 5 Collegio Militar em frente ao palacio Monroe 6 — O commando das forças.



os restos mortaes do Almirante Barroso; 11 — Passagem do Corpo de Marinheiros Nacionais pela Avenida Central; — O Corpo de Apendizos Marinheiros durante a marcha.



7 — Trasladação dos restos mortaes do Almirante Barroso para a crypta de monumento, na praia do Russell; 8 — Movimento popular durante a cerimonia; 9 — Aspecto do local onde vae ser erguido o monumento ao heroe do Riachuelo; 10 — Landau conduzindo a urna onde se acham

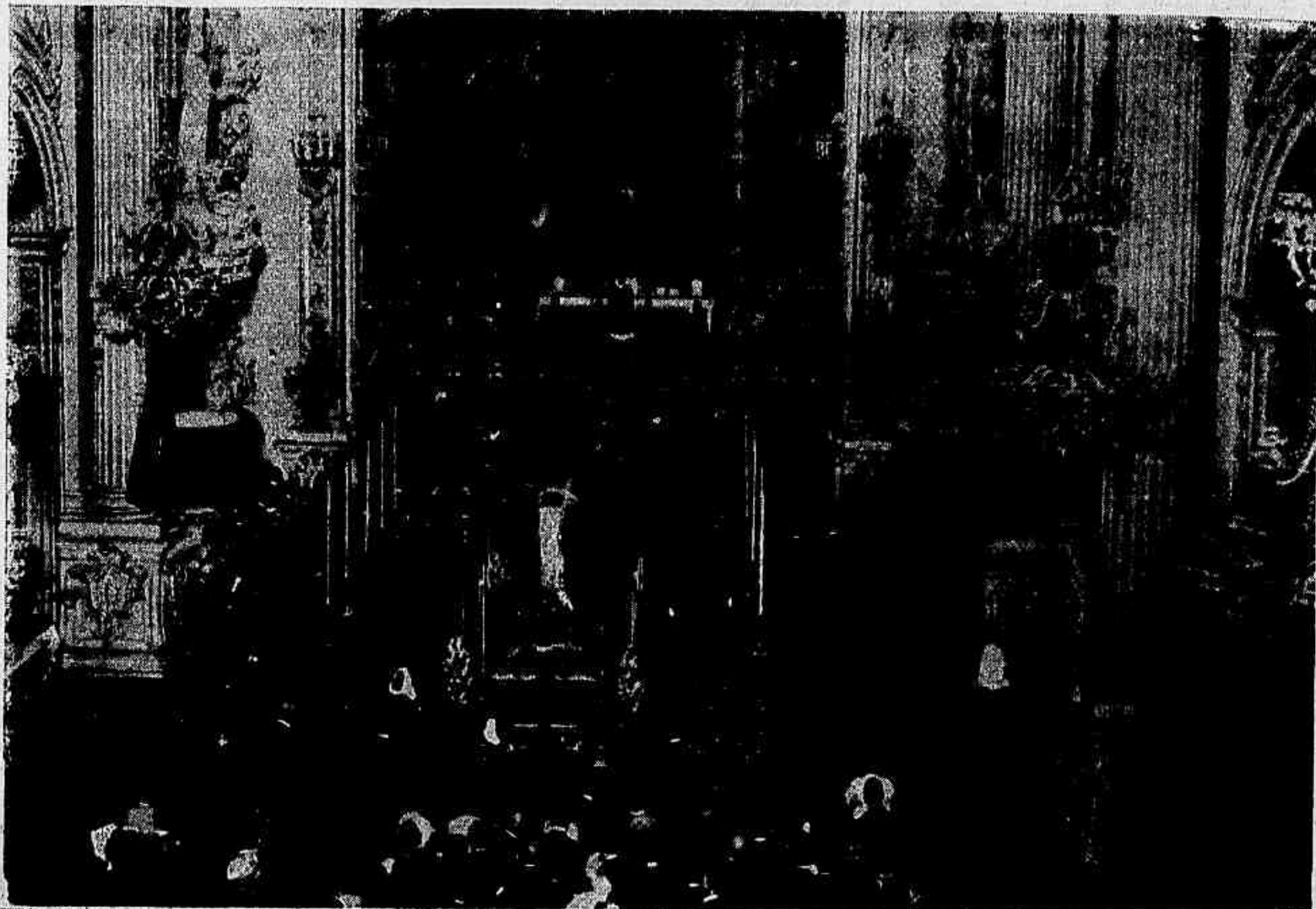
DR. AFFONSO PENNA

MISSA DE SETIMO DIA celebrada na Igreja de S. Francisco de Paula, em: 21 do corrente

Segunda-feira ultima celebraram-se na Igreja de S. Francisco de Paula, missas do sétimo dia, por alma do Sr. Conselheiro Dr. Affonso Penna, mandadas rezar por sua Exma. familia e alguns amigos.

As missas que foram rezadas no altar-mór e no de Nossa Senhora das Dores assistiram o Sr. Dr. Nilo Peçanha, Presidente da Republica, membros do Corpo Diplomatico, Ministros de Estado, membros das duas casas do Congresso, do Supremo Tribunal Federal, altas patentes de mar e terra, e outras pessoas gradas.

Ao centro do templo erguia-se rico catafalco, ladeado por cirios e tocheiros, com uma cobertura de velludo preto, sobre o qual se via, bordada a ouro, uma grande cruz envolta em crepe.



A' entrada da Igreja foi collocado riquissimo docel de velludo negro com franjas douradas, vendo-se pendentes das janellas o monogramma «A. P.» em prata.

CHRONIQUETA

O inverno ahi está, humido e semsaborão. Pelo menos é o que nos garantem os almanaks orientados pelos Observatorios entendidos em cousas de rotação da terra.

Em politica, fóra o movimento de expectativa da situação actual corre tudo como o inverno, a suggerir o celebre verso de Casimiro: "Meu Deus! que gelo, que frieza aquella!..."



0 — 1 catafalco, no da interior Igreja; 2 — Aspecto geral do largo de S. Francisco, na occasião da missa; 3 — O Sr. General Carlos Eugenio, Ministro da Guerra e seu ajudante de ordens; 5 — O Sr. Dr. Nilo Peçanha, Presidente da Republica e o Sr. Dr. André Cavalcanti, Ministro do Supremo Tribunal Federal ao sahir da Igreja.



Grupo de pessoas que assistiram á missa, no qual se vêem os Srs. Drs. Ruy Barbosa e David Campista, ex-Ministro da Fazenda.

Os novos Ministros surgem animados de boas intenções, procurando o guia principal na rigorosa economia e na cega obediência dos preceitos da lei. Oxalá que o Prefeito fizesse o mesmo quanto ao Theatro Municipal, que nos custou e custará os

barco um homem entendido no assumpto, como é o Dr. Candido Rodrigues.

Camara e Senado continuam na pasma-
ceira; mais um mez vae se escoando sem que o povo veja a utilidade immediata dessas sessões.

Ha commissões que ainda não estão eleitas, outras ha desfalcadas e tudo isso a mostrar uma lassidão condemnavel, que só póde servir de perigoso exemplo e mostra prejudicial de ensinamento aos povos.

Os jornaes continuam na cantilena da situação em artigos rasgados, cheios de cartas, protestos, representações, tudo isso inda ha de dar pannos para mangas e é de crêr que em toda essa giga-joga politica appareça um *tertius* que ganhe a partida...

Raulino.



Pessoas que assistiram á missa, entre as quaes se vêem os Srs. Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha e o Dr. Esmeraldino Bandeira, Ministro de Justiça.

Recebemos o n. 8 da IV serie da *A Nova Cruz*, revista que se publica em São Paulo sob a direcção de Arthur Goulart e Francisco Gaspar. Traz um *cliché* de Honório Jovino, poeta ha pouco fallecido naquelle Capital, e um dos seus mais distinctos collaboradores.



Um grupo de pessoas que assistiram á missa, sahindo da Igreja

olhos da cara para aluguel de celebridades cosmopolitas.

O novo Ministerio da Agricultura por que tanto batalhamos, por ser a lavoura a principal fonte de vida do paiz, essencialmente agricola, está afinal constituído. Esperemos que, passado o periodo burocratico da sua organização, a obra seja proficua, o que não se póde duvidar quando se vê no leme do



Grupo geral de pessoas que assistiram á missa

Escola Nocturna de S. José no Mosteiro de S. Bento



VIOLINOS

PRECIOSOS

O Dr. Oldham, recentemente fallecido, deixou por testamento ao "British Museum" cinco admiráveis violinos de velhos mestres italianos, entre os quaes o famoso "Toscam" de Stradivarius.

O "British Museum" recusou este legado, entendendo ser criminoso reduzir ao silêncio esses instrumentos maravilhosos.

Bella lição, diz o "Menestrel", para os



coleccionadores egoistas, que encerram nas suas vitrines preciosos instrumentos adquiridos a peso de ouro, em detrimento dos artistas que não têm meios de os disputar.

O "Toscam" a que acima se allude, fôra comprado em Florença em 1794, por um certo Kerr, por 180\$; vendido em leilão em 1865 por 1:125\$000 e pago por 4:500\$000, em 1888 pela casa Hill, de Londres.



1, Posição do grupo tirada após a communhão geral.—2, «São José» Foot Ball-Club. Por detraz do muro destaca-se a insinuante figura do Director da Escola.—3, Grupo geral em que se vêem ao centro o Padre Director e os Professores Dr. J. Côrtes Junior e Rodolpho Madureira.—4, Club do Tiro «São José».—5, Collação na galeria do claustro após a communhão geral.

Uma transmissão electrica de 110.000 volts

A Sociedade Hydro-Electric Power, de Ontario, começou a construção de uma linha de 480 kilometros de extensão que funcionará com 110.000 volts.

A energia será comprada á Ontario Power Co., de Niagara Falls e será distribuída por alta tensão á Toronto Hamilton, Saint Thomas, etc.

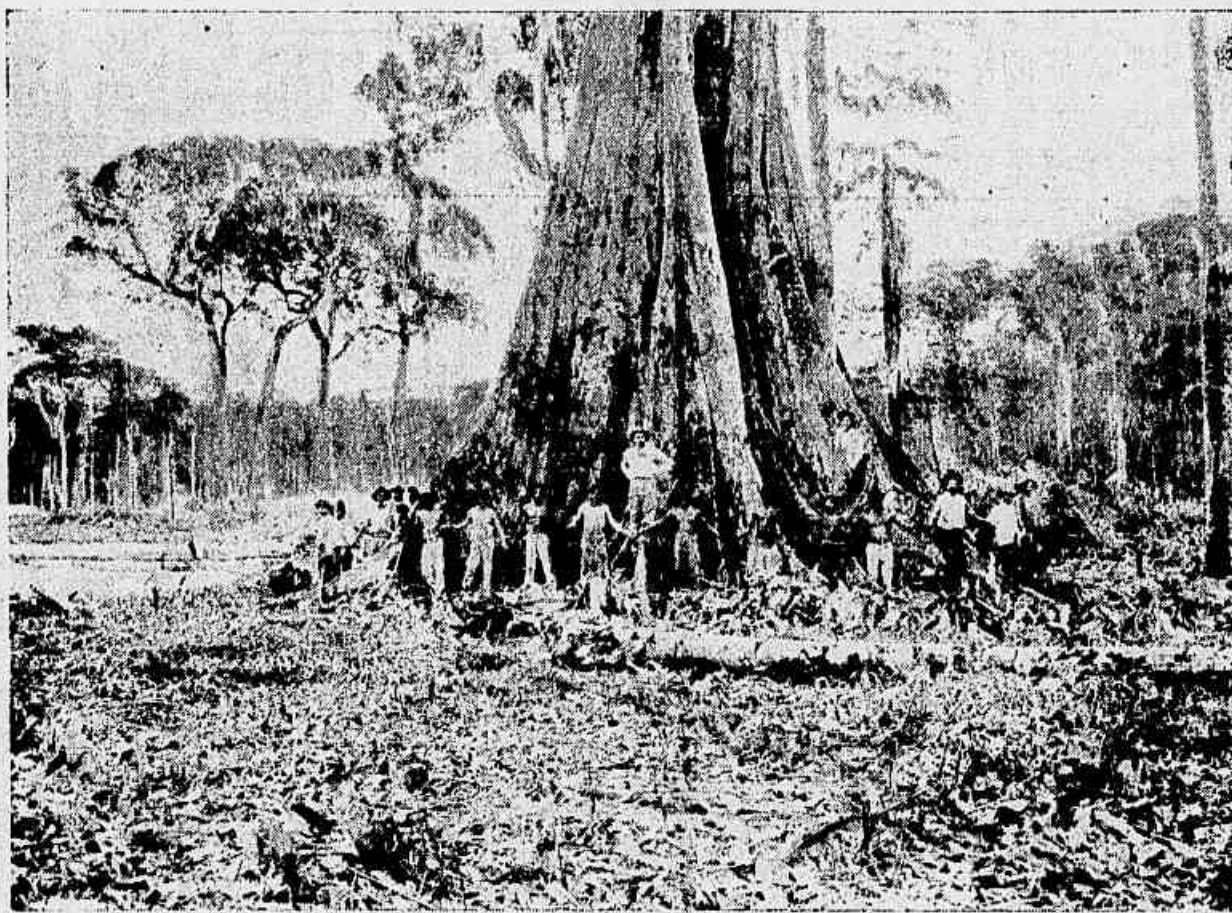
Espera-se que a installação, que será estabelecida para uma força de 30.000 kilowatts, poderá ser posta em serviço no fim de 1909.

A linha terá 500 toneladas de cabo de alumínio; será sustentada por 3.200 postes de aço galvanizado, cuja construção absorverá 7.500 toneladas de aço.

Os espaços normaes de poste a poste será de 165 metros; na travessia de Humber River haverá contudo uma distancia maxima de 375 metros.

Os tres conductores do systema triphasico têm cada um 5,8 m. m. de diametro; serão sustentados por isoladores em fôrma de discos superpostos e suspensos por séries de cinco. Existe, para guia, a experiencia de uma installação analoga de 110.000 volts, a de Muskogon, que funciona já ha uns seis mezes.

Um fio de terra corre por toda a extensão da linha pelo cimo dos postes e será ligado á terra em diversos logares para preservar os conductores do raio; esta disposição deu no Mexico excellentes resultados.



ESTRADA DE FERRO MADEIRA MAMORÉ — Samaumeira, do logar denominado Porto Velho, ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. São necessários vinte homens para rodear essa colossal arvore.

Ao Evangelho fez-se ouvir o orador sacro Revd. Padre Olympio de Castro.

A orchestra esteve sob a direcção do professor Pedro de Alcantara e regencia

EM UM SALÃO

do professor José Raymundo de Miranda Machado.

Assistiram a missa solemne a Irmandade do Divino Espirito Santo da Lapa do Desterro, e muitos fleis.

Solemne procissão sahiu a tarde na seguinte ordem:

Bandeira do Divino Espirito Santo da Lapa do Desterro, conduzida pelo José Pedro Soares.

Guião da Matriz de Santo Antonio dos Pobres.

Andor de São Sebastião, Asylo São Cornelio, Andor do Menino Jesus, conduzido por senhoritas, Andor de Nossa Senhora da Conceição conduzido por irmãos.

Irmandade da Matriz, de Santo Antonio dos Pobres, Andor de Sant'Anna, Irmandade de S. Pedro da Gamboa, Andor de São Joaquim, Irmandade do Santissimo Sacramento da Matriz da

Gloria, Andor do Senhor dos Passos, conduzido pelo Srs: João Rocha Lopes, Antonio Vital, Matheus Rocha Lopes, Ernesto Francisco da Silveira e Miguel Avila da Silva.

Cruz da Ordem Terceira dos Carmelitas, Andor de Nossa Senhora da Soledade, Irmandade de Nossa Senhora das Neves, representada por uma comissão, Irmandade do Divino Espirito Santo da Lapa, precedida a Cruz conduzida por um dos irmãos, Andor da Sagrada Familia Debaixo do Palio, o Crucifixo conduzido por Frei Thomaz, anjos e virgens e muitos fleis.

Ao recolher a procissão houve Bênção do Santissimo Sacramento, officiando Frei Thomaz.

O templo esteve muito concorrido.

A' INFANCIA

Como é poetico a bella quadra da infancia!

Nessa primavera da vida como na primavera do amor tudo que nos cerca são flores e perfumes e tudo que vemos falla e sorri.

Os campos vigosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduz o gorgoeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa bramindo na voz do trovão nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

Que saudade, que funda saudade não temos desse tempo quando a nossa alma chela de decepções e despoetizada pelas misérias da vida, se recorda melancolica do passado.

Caseiro de Abreu.

Recebemos a Exposição sobre o estado financeiro de Nitheroy, apresentado á camara municipal pelo Prefeito Dr. João Pereira Ferrás, bem elaborado em quadros estatísticos.

— O Malho deu-nos mais um numero variado e bom. Storni continúa a brilhar no lapis.

SECÇÃO RELIGIOSA

FESTA DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS E PROCISSÃO

A Veneravel e Archiepiscopal Irmandade do Di-



vino Espirito Santo da Lapa do Desterro, realizou no domingo 6 do andante com brilhantismo a festa de Nosso Senhor dos Passos com missa solemne ás 10 1/2 horas.

Foi officiante Frei Elyzeu.

— Então commendador, gostou do Viuva Alegre?

— Infelizmente não, e sahi muito triste do theatro.

— Porque ?

— Lembrei-me que já estou velho e que, quando morrer, a minha mulher venha a ter esse titulo... Ella é tão nova e rica!

LAURO MAZI

— A Revista Paraense apresenta mais um numero variado e alegre. Hors texte offerece mais uma pittoresca vista do Pará, com que faz aos leitores um optimo brinde.

— Car eta apresenta-se esfusante e trefego. O lapis de J. Carlos continúa a faver di-bruras na politica e fóra della.

O NOVO GOVERNO

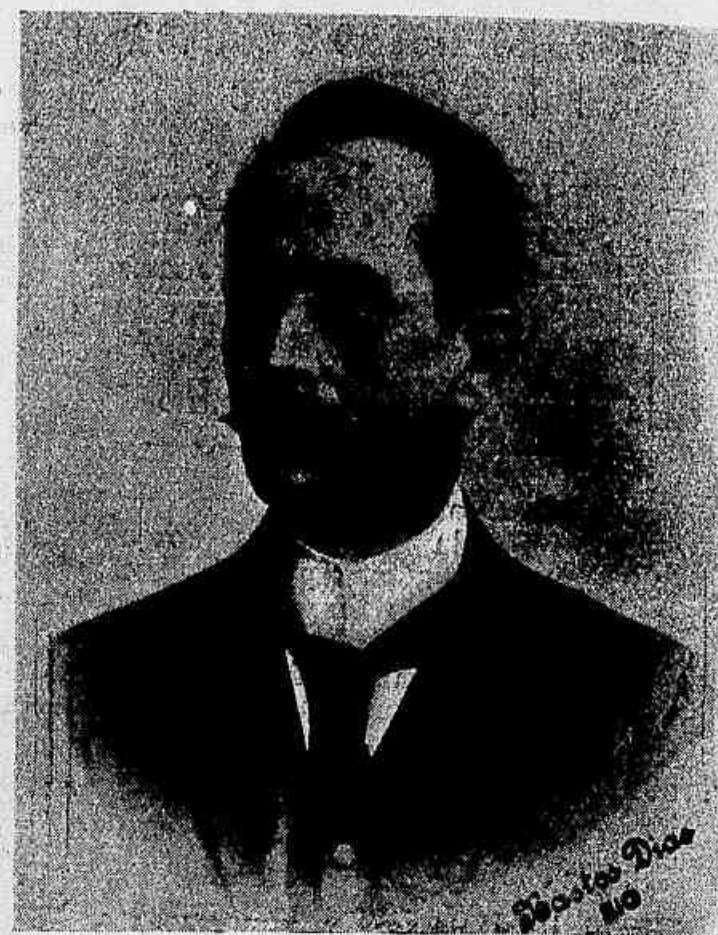


BARÃO DO RIO BRANCO
Ministro das Relações Exteriores

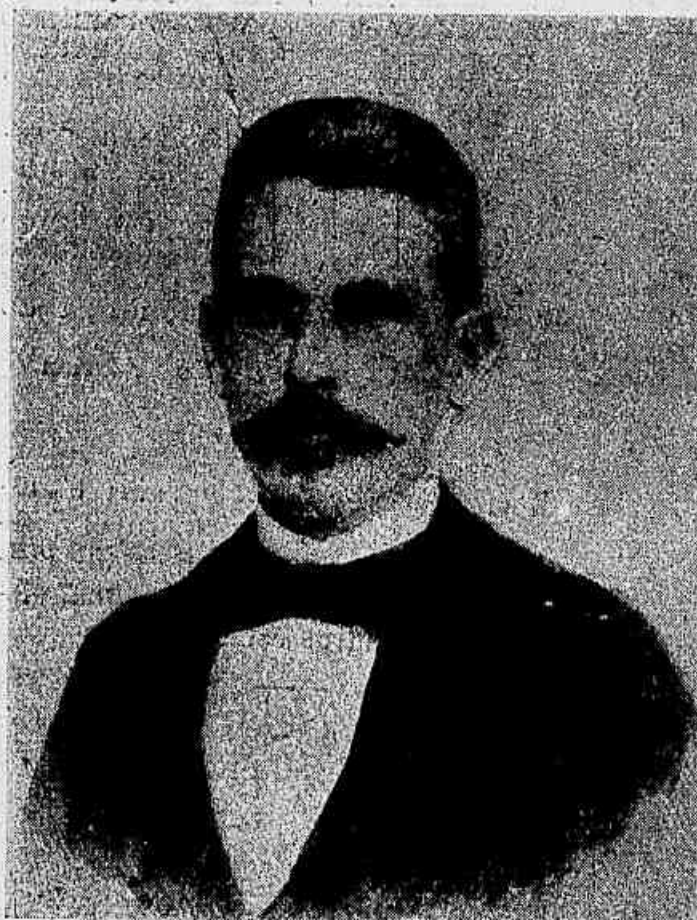


DR. NILO PEÇANHA, Presidente da Republica

O Presidente em exercicio, como se verifica pela escolha feita de seus Ministros, conservando do anterior regimen alguns elementos de provada competencia e reconhecida imparcialidade, procurou cercar-se de novos e bons elementos administrativos de modo a constituir um conjunto afinado que saberá levar a bom termo a ardua tarefa de dirigir os destinos do paiz no diminuto periodo de anno e meio.



DR. LEOPOLDO DE BULHÕES
Ministro da Fazenda



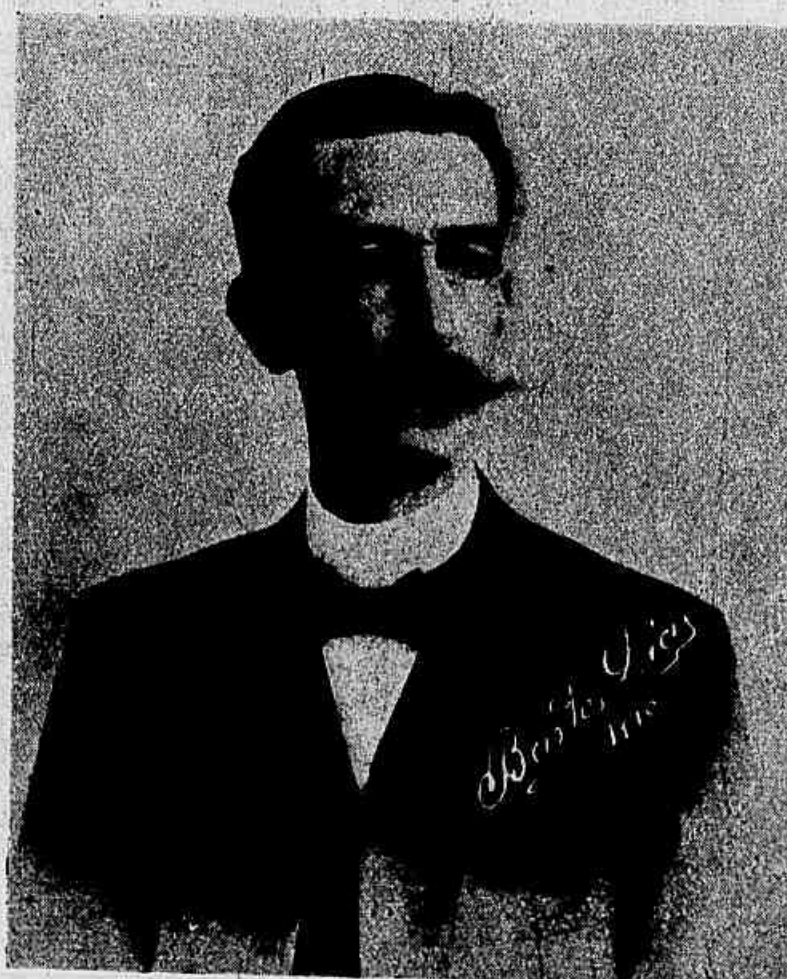
DR. FRANCISCO DE SÁ
Ministro da Industria



DR. A. CANDIDO RODRIGUES
Ministro da Agricultura



GENERAL CARLOS EUGENIO
Ministro da Guerra



DR. ESMERALDINO BANDEIRA
Ministro da Justiça



Alm. ALEXANDRINO DE ALENCAR
Ministro da Marinha

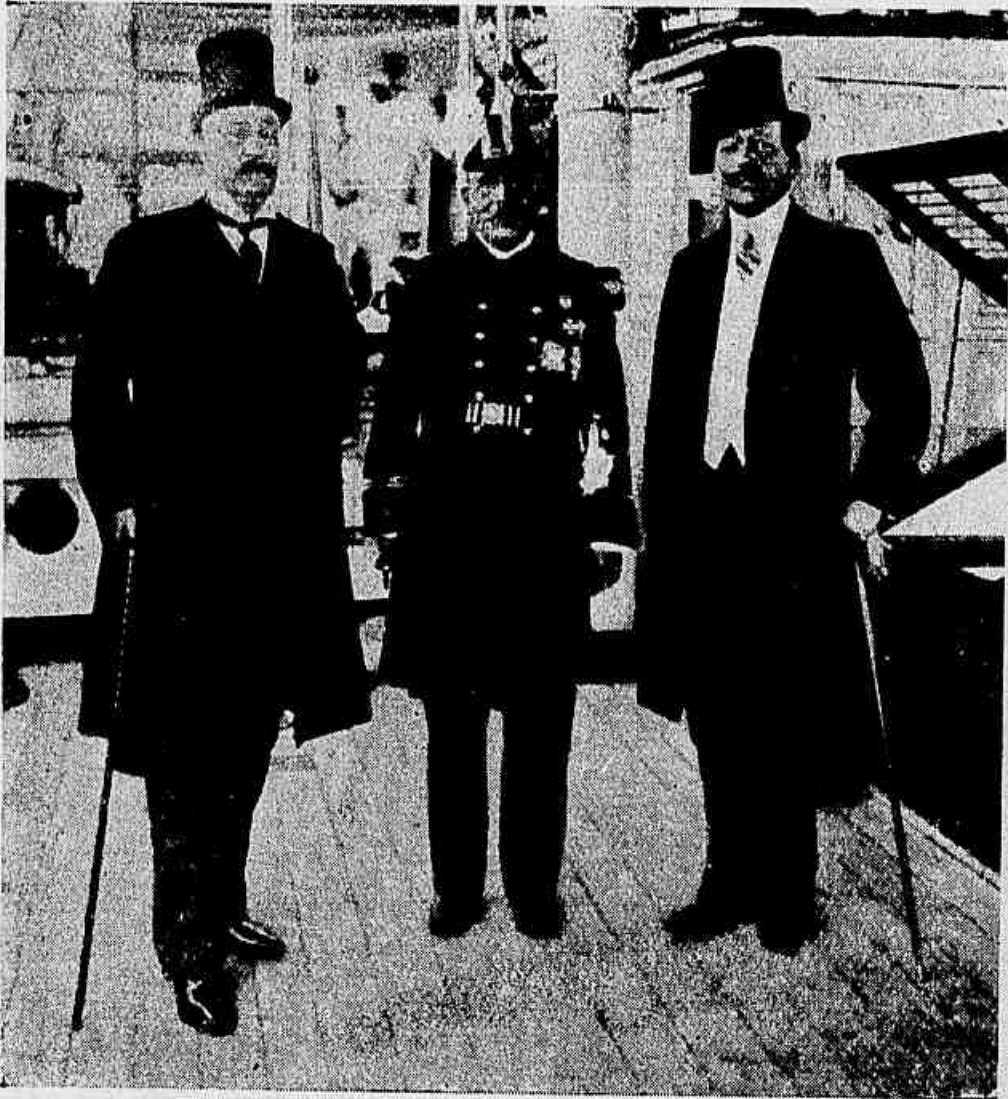


Almirante ELYSIARIO BARBOSA — Chegada do corpo do grande herói da Marinha Brasileira no cemitério de S. João Baptista. A' frente, junto á urna funeraria, o Sr. Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar



Grupo de alumnos e professores da «Association Polytechnique» do Rio de Janeiro, por occasião do anniversario natalicio do Dr. A. F. de Abreu, delegado da Associação

INSTANTANEOS TIRADOS A BORDO DA CORVETA DE GUERRA HESPAÑHOLA «NAUTILUS»



O Sr. Ministro da Hespanha, o Sr. Commandante do Nautilus e o Sr. Ministro do Perú



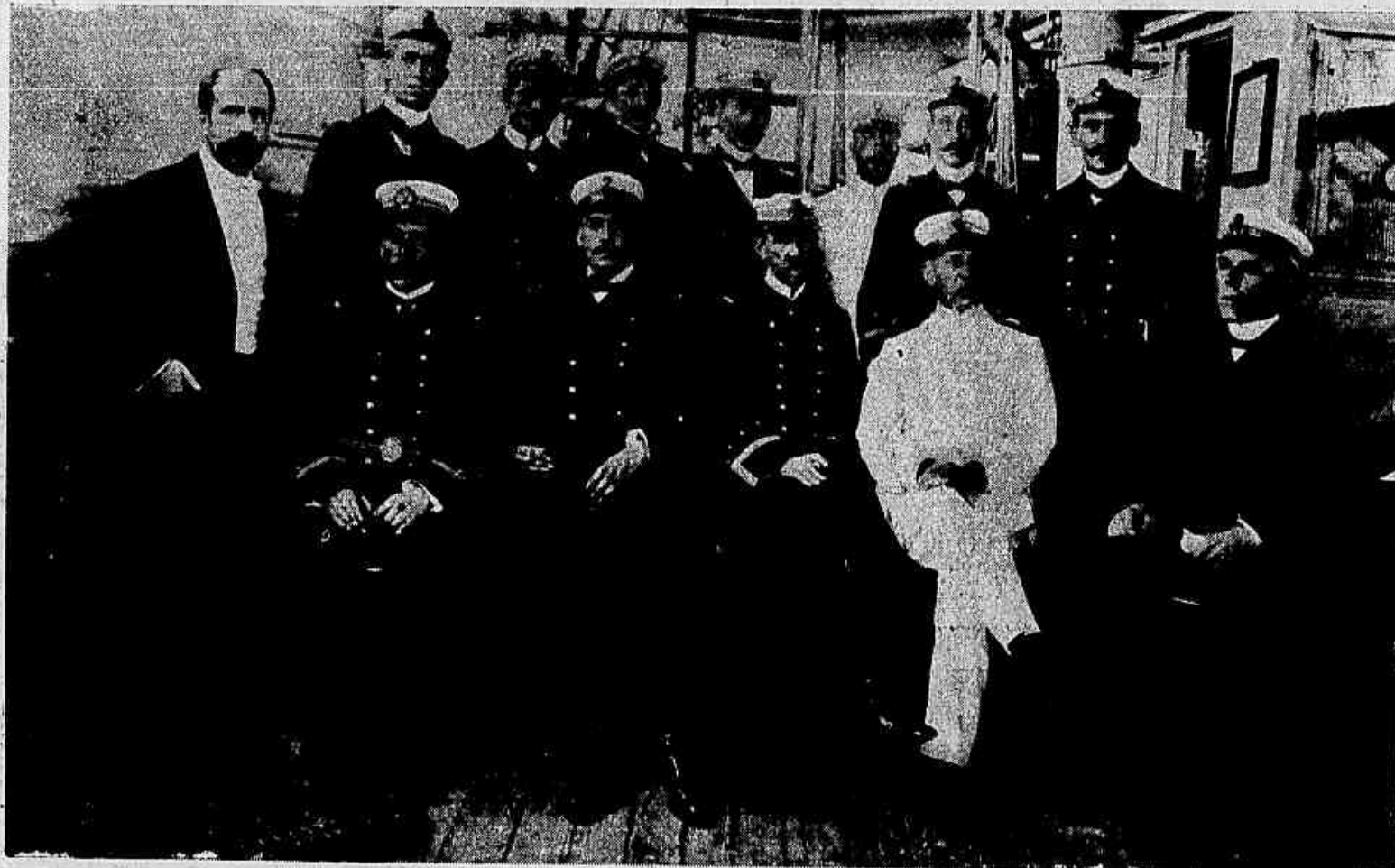
Grupo de Guardas-marinha

**BEBEDORES
DA BAVIERA**

Os estudantes bava-ros exigem que os "bo-cks" que lhes são ser-vidos nas cervejarias sejam inteiramente cheios.

Acaba até de se fun-dar entre ellas uma associação com o fim de protestar contra o abuso do "collarinho postigo". Designam as-sim a espuma, que di-minue o conteúdo de um copo de cerveja.

Ora, essa associação pretende que o publico é assim defraudado em perto de 900 contos. A

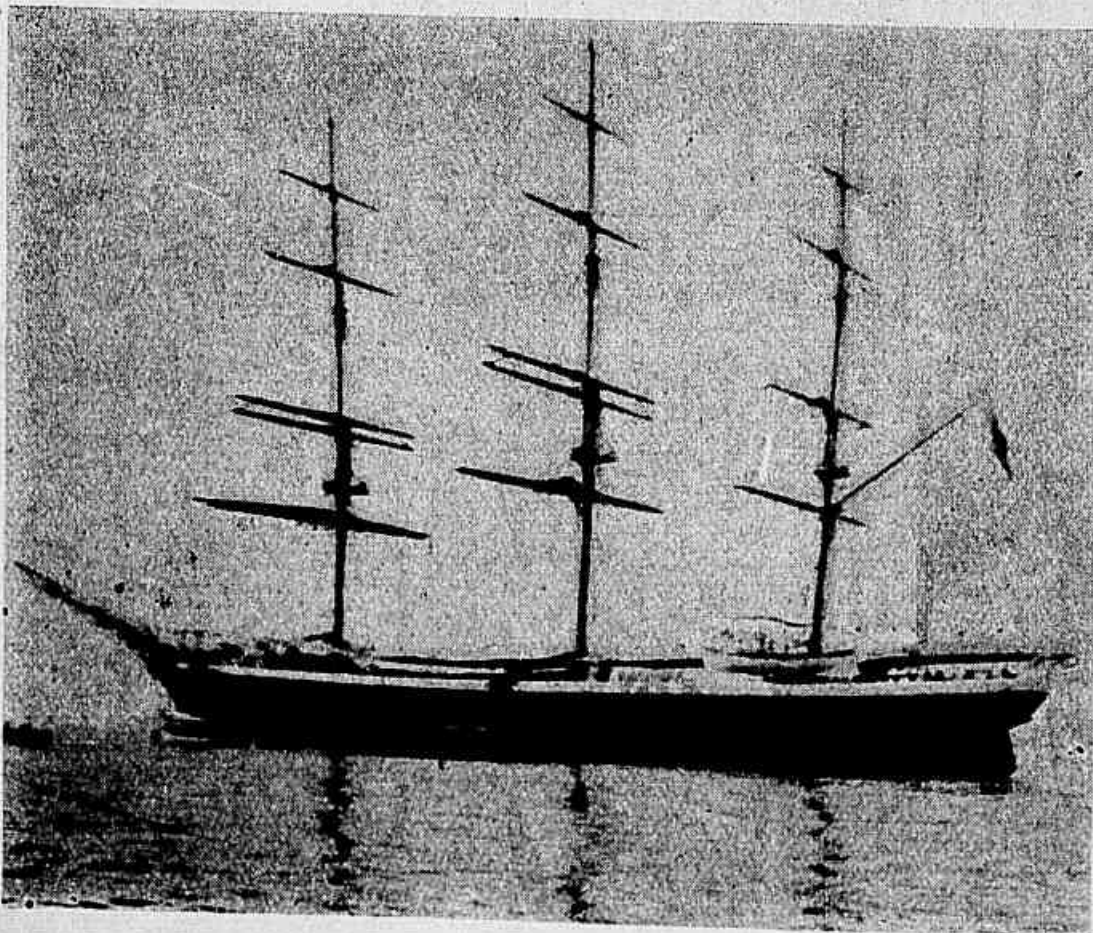


A officialidade da corveta Nautilus e o nosso companheiro Placido Isasi

sua acção parece não dever ficar esteril e a "Theetrische Velh's-zeitung" informa que um criado de cerveja-ria, de nome Mitter-maier processado pelos seus "cuidados", acaba de ser condemnado a oito mezes de prisão e 200\$000 de multa.

Provou-se que fez uma economia fraudu-lenta de mais de 3:600\$. não enchendo sufficientemente os co-pos dos freguezes.

¶ Caras e Caretas ofe-receu-nos mais um exem-plar soberbo com innumeras illustrações e caricaturas e bellas paginas de letras.



A corveta hespanhola Nautilus



Commendador Ezequiel C. Areas, Srs. Espino, Arnedo, Ricart e Placido Isasi, di-rectores do Casino Español e alguns officiaes do Nautilus

OUTOMNO

Após um tormentoso e calido estio, em que o astro-rei parecia tudo abraçar, eis-nos em pleno Outomno !

Já se não sentem os ardentes raios do sol, entorpecendo os animos; já na campina, com mais aroma, entreabre as alvinhentas pétalas, o candido lyrio, e, a suggestiva passionária desabrocha em um doce sorrir melancolico ; já na espessa matta, vicejam com maior frescor, as altaneiras ramas dos arvoredos, que, na maior exuberancia de seiva e de vida, pendem um tanto como que a nos offerecer os saborosos fructos já meio sazoados !...

As brisas matutinas, deliciosamente frescas, entoam, em harmonia com o murmurio dos regatos e o mavioso canto dos passarinhos uma terna canção de alegria !

Quanta belleza encerra o verde matiz das alcantiladas montanhas em destaque com o azul suave e translucido do firmamento !... quão poeticas se tornam as tardes nestes formosos dias de Abril !...

E, á proporção que o sol vae desaparecendo no Occaso, o nosso pensamento, como em um devaneio fugidio, evolva-se nas azas do Sonho, para as regiões ethéreas da Phantasia...

E' que a nossa alma se extasia ante o sublime quadro que a hora crepuscular nos offerece, mórmente na branda estação outomnal !

Como então tudo se parece harmonisar em cambiantes de luz, em cadencia melodiosa e de rythmos vagamente melancolicos ?!...

A roupagem purpurina de Apollo como que se esvae, diluindo-se em ondas aurifulgentes, pelo céu serenamente azul...

As mimosas flores da selva parecem tambem prestar o seu concurso na ornamentação do azulino manto, enviando para esse immenso painel os delicados matizes de suas corollas polychromas !

Quão solemne e cheio de indefinido mysterio o crepusculo outomnal !...

Plena de religioso mutismo, de vago silencio, é essa hora em que até a Natureza, como que mergulhada em um mystico recolhimento — parece emmudecer... E' sem duvida a hora por Ella escolhida, para a prece que envia ao Todo Poderoso !...

E quem ousará negar a existencia Divina ante tão admiravel espectáculo ?!

Bemidita a Omnipotencia de Deus que após a magestosa scena do crepusculo — esse élo de ouro que prende o dia á noite — ainda nos apresenta a admiravel apothese de uma noite de luar !...

E Diana, formosa, cheia de seductores atavios, ostenta-se no Outomno mais bella que nunca!

Companheira do poeta, confidente muda do Amor, meiga inspiradora de ternos madrigaes, como te adoro nesta doce e suave estação !...

Acho-te graciosa, quando, com jovialidade infantil, brincas na verdejante alcatifa do prado...

Acho-te bella, quando no bosque — penetrando pela esmeraldina ramagem do arvoredado, — procuras, vaidosa, o placido e limpido regato, onde languida-

mente miras teu semblante lindo... Acho-te sublime quando pretendes sondar os mysterios do Oceano, transformando-lhe o glaucoso dorso em vasto manto de setim bordado de offuscantes pedrarias !...

Não é, porém, passeando sobre a relva os teus argenteos raios, nem buscando na selva o limpido regato, nem procurando sondar os mysterios do Oceano, que mais ardentemente te amo — Selene formosa ! — Adoro-te com todas as véras de minha alma, é quando, sobre a necropole merencorea e triste — envias aos tumulos sua pallida luz,



A MELHOR PROVA — Realmente, nas platéas, somos mais bonitas sem chapéo.



ACTOR LEONARDO — O popular creador de typos populares nacionaes, actualmente no Theatro Recreio

que, irradiando, cõa-se pelos frangidos leques do palmeiral e, batendo nas marmoreas lousas, parece querer perscrutar os arcanos que ellas religiosamente guardam...

Influencia da Temporada Theatral

— Bon-jour mademoiselle... Não é franceza ? fallemos em italiano :
— Bon giorno Signorina... Mão tambem não é italiana ! Talvez seja ingleza :
— Good morning miss... Peior !
— Buenos dias Señorita... Nada ?!
Ah ! já sei é alemã :
— Gut morgen Fraulein...
— Grande pedante ! Em logar de papagueiares, devias aprender melhor a tua.

Fazes lembrar então candida e melancolica virgem, envolta em pallido véo de tristeza, em busca da alma eleita pelo seu coração, da alma irmã da sua, arrebatada em tragico dia para a mansão de Além...

E's, sem duvida, nessa hora a doce musa que faz coração do poeta gratas recordações do passado que lhe penetrando no espirito — de um lyrisimo triste — transformam-se em doces carnes de terna e saudosa nenia !

em que Vesper no céu reluz, a Natureza nos apresenta os mais sublimes quadros e as mais bellas scenas — como vos amo !
O' suaves e frescas noites de



ACTRIZ ABIGAIL MAIA — Joven patricia recentemente contractada pela companhia portugueza Miranda, do Theatro Recreio, para trabalhar na temporada actual e em Lisboa

Não és só a musa querida do poeta, és tambem a meiga inspiradora do terno menestrel. — fazes com que elle com maior

Outomno — cheias de doçura e de encanto, fonte de perenne poesia e de gratas emoções — sede bemditas !...

Rio, 15 de Abril de 1909.

Maria Rachel.

Neue Basler Handelszeitung, Eco del Gottardo, Feuille d'Avis de Vevey são os jornaes estrangeiros ultimamente recebidos. Trazem grandes e honrosas referencias sobre a vida economica e prospera do nosso Brasil.

CLUB RECREATIVO O. ALLIANÇA — CONVESCOTE EM PAQUETA



Comissão do convescote



A banda de musica do club

CAIXA POSTAL

Dr. Nilo Pecanha — Já que de-seja a nossa opinião, ella ahí vae. V. Ex. teve dedo para escolher. Está tudo muito bem feito. Quanto ás medidas salutaras inadiaveis, a primeira a fazer é dar cabo daquelle monstrengo do contrato de arrendamento do Theatro Municipal. Dê para baixo e nunca o braço lhe cance.

Dr. Gottuso — Estão em voga Adoreis, Exora, Pampres d'or já não se usa. Lencço com monogramma do lado direito, chapéo de côco de catharro, botinas a Eduarão.



Grupo de convidados

ôa separação de corpos pelo facto de extinguir completamente o vinculo conjugal. Parece que a sua pergunta foi feita por brincadeira. Deve saber dessas cousas melhor do que nós.

Sr. Samuel Neves — Scientes de que as rendas tem augmentado. Signal de prosperidade economica, não acha?

Dr. Leopoldo Bulhões — Até agora não sabemos se as tropas



Outro grupo de convidados

Sim, gravata cinzenta fica bem... no Hospicio.

Dr. Leoni Ramos — A repartição central é na rua do Lavradio em frente á Maçonaria. Consulte o Almanak Laemmert para saber as Delegacias. Sim, senhor, guarda civil, inspectoría de vehiculos, corpo de agentes e Força Policial ás ordens. Deve ir lá todos os dias.

Sr. Celso Bayma — O Sr. bem mostra que é do Paraguay, com a sua pergunta! Pois não conhece aqui a cidade? Não sabe que o

obelisco fica no extremo leste da Avenida Central?

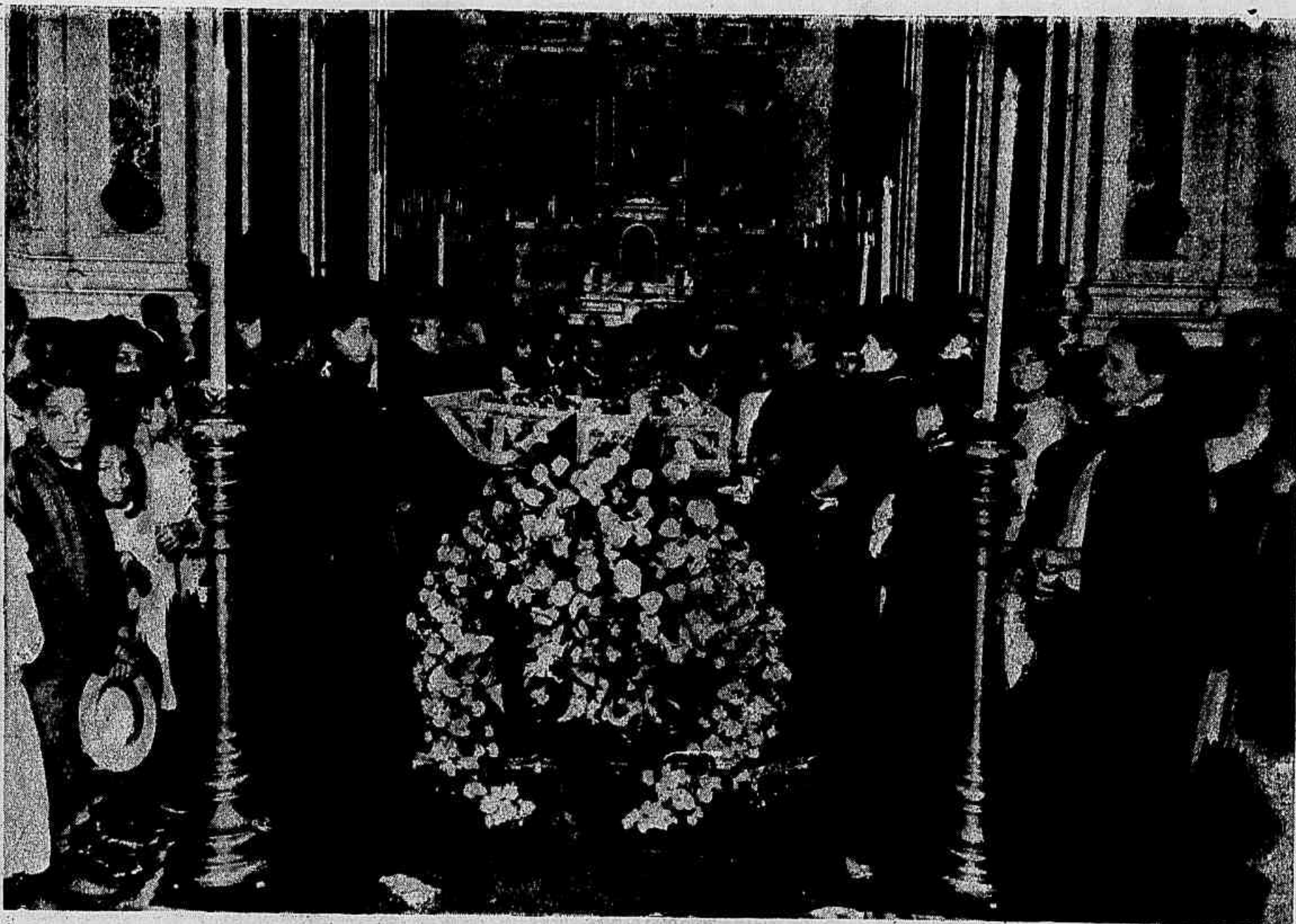
Senhoras e senhoritas presentes a festa

Dr. Esmeraldino Bandeira — A chegaram a Goyaz. Vamos indagar. resposta é facil. O divorcio differe





Monsenhor Monte, vigario da freguezia da Lagoa, recentemente fallecido



Monsenhor Monte na camara ardente armada ao centro da Matriz da Lagoa

Sr. Luiz Peixoto — Quinhentos mil réis de pancada, é muita coisa! Enfim, já que promete fazer economias para o enxoval...

Dr. Francisco Sá — Banco é uma instituição de credito cheia de complicações que serve para a gente se sentar e figura como fantasma no festim de Macheth, de Shakespeare e no meio do mar sob a forma de montões de areia.

Sr. Monteiro Lopes — Póde ficar tranquillo. O illustre Deputado é por natureza immortal, pois não póde ser *ex-tincto*.

Dr. Getulio das Neves — O bondas quatro sae ás cinco e meia.

General Pinheiro Machado — Quando é anão, chama-se garnisé: não serve para rinha.



Santo Antonio dos Pobres — Distribuição de esmolas ás crianças pobres

Irmandade de Santo Antonio dos Pobres
— A Directoria

Commendador Accioly, (Ceará) Infelizmente não podemos attender seu pedido. E' quasi impossivel mandar diariamente para lá o nome do bicho que deu. Dá muito na vista.

General Souza Aguiar — Está em tempo, sim, senhor. Basta uma pennada para dar termo a esse ominoso contrato de arrendamento do theatro. Faça isso e não se arrependerá.

D. Carmen Dolores — O seu soneto está damnado! Precisa mulletas em todas as estrophes. Calafete o aleijão e depois volte.

Sr. Luiz Edmundo — Não conhecemos o systema, que é novo, pergunte ao Olegario Mariano que é entendido no assumpto.

Dr. Mello Mattos — Console-se comnosco que também não somos.

Dr. Vaz-Com-Sellon

MODAS DA

Revista da Semana

CHRONICA ELEGANTE

Tratando hoje dos trajes para theatros, bailes, banquetes, etc., julgamos superfluo dizer que estes trajes devem ser feitos em tecidos deliciosamente vaporosos e ás vezes transparentes: crepe conhecido pelo nome de *Impéria*, setim *Antique* e *Ondoyant crepe charmeuse*. Forros um pouco lisos, em setim *Meteore*, *Liberty* de tons um pouco unidos, cobertos com longas tunicas de tulle, presas na frente e sobre os braços por meio de cordões de seda, ou tunicas curtas em rendas de ouro, em tulle rendado bordado de prata e contas, em tulle — gotta d'agua —; este tulle é feito com disposição, isto é, com uma tira semeada de pontinhos muito juntos, circumdando a tunica.

A's vezes tambem, cobrem o forro com bordaduras scintillantes feitas em contas de ouro ou de crystal, contas tubulares, irisadas, nacaradas ou diversamente tintas, ás quaes misturam gemmas de cores diferentes.

Estes ricos enfeites são formados de motivos, figurando grandes palmas, borboletas, medalhões, angulos ou rhombos combinados para formar um conjuncto. Collocam

sobre tulle preto se affirma cada vez mais; compõem bellos vestidos com tulle listado de — *revières* — de grandes lentejoulas; uma *charpe* completamente bordada de contas tubulares, pretas, em apanhados sobre a saia, prende-se em baixo, do lado, sob um enorme *cabocho* de vidrilho, com borlas de contas; no corpinho ordens de grossas contas dispostas em — *girandoles* — presa de espaço em espaço por *cabocho*ns de vidrilho,

Ou, ainda, a saia, muito ampla, forma apanhados dos lados, na parte inferior. Estes apanhados são dispostos em forma de — *paniers*. — Tal disposição é feita em baixo e não no alto, como antigamente.

Fazem, sobretudo, longas tunicas enroladas, recortadas atrás em uma grande ponta que vem se unir do lado.

Voltaram os vestidos feitos em duas partes, com corpinho separa-

mesmo tecido, com pequeno — *plastron-chémisier* — e gola em linon branco.

Outros modelos são feitos em *Charmeuse*, cachemire ou em panno de seda, levemente Imperio atrás; a saia, franzida, é armada em um *empiéement* descendo em ponta na frente e prolongando-se atrás em dous pannos direitos, da largura de vinte ou vinte e cinco centímetros, cahindo suavemente até em baixo e terminando em ponta de capuz.

O corpinho, cruzado em ponta na frente abre-se sobre um *empiéement* de renda creme bordada a seda frouxa.

Acrilato.

CHARUTO DE PAPEL

O charuto de papel, preparado com caldo de fumo, é a mais recente das extravagantes invenções norte-americanas. O tal charuto fabrica-se de papel impregnado de caldo de fumo, cortado e fabricado de modo a imitar as nervuras das folhas de fumo verdadeiro e a dar á nova contrafacção o aspecto de charuto usual.

Não ha negar que essa nova fabricação constitue talvez um notavel progresso sobre o *mata-ratos* e, por isso, é possível que, pela sua simplicidade engenhosa, consiga destronar, nos mercados e casas



Vestido em foulard

sobre forros em setim vaporoso, cinzento, cor de ouro, azul velho, vieux-rose, cor de alfazema, branco ou creme, um outro forro semelhante, solto na talhe, em tulle filó ou em grosso tulle hexagono, preto, aberto do lado em toda a altura até á cava; as bordas são ligadas por meio de *cabocho*ns.

A voga das lentejoulas pretas



Vestido a princeza, enfeitado de guipura

acompanham graciosamente as bordas do decote; ás vezes tambem, a guarnição consiste em uma — *bavette* — com lentejoulas e contas, que desce sobre a frente do corpinho, seguida de *pattes* cahidas, tambem bordadas de vidrilho.

Com crepe da China, musselina de seda, voile Ninon, procuram quasi sempre novas disposições de pregas e apanhados; ora as saias formam effeitos de — desenroladas — ora são arregaçadas muito altas atrás e prolongadas por uma larga franja de contas de crystal ou de contas irisadas, ou, tambem, sendo levemente em apanhados dos lados, sua amplidão forma *choux* atrás; algumas vezes este movimento é reproduzido em sentido inverso, e a saia, armada em franziço, é levantada e reconduzida para a frente por meio de pregas volteantes que terminam na altura dos joelhos, de cada lado do avental, formando uma especie de grosso vinculo.



Vestido em tussor branco

do da saia; este, porém, sobe agora em apanhados alongados, occultando a linha de separação, de maneira que todo o conjuncto parece ser feito de um só pedaço.

As mangas dos vestidos de ceremonias são todas chatas, direitas, redondas, tendo a forma e as dimensões de um *mancheron*; podem ser incrustadas de rendas, mas sempre simples no conjuncto, adaptando-se á forma do braço. A's vezes descem até o cotovelo e ás vezes tambem são longas, cobrindo a mão, semelhante ás *mitaines*.

Temos sobre nossa mesa de trabalho alguns modelos de trajes para á tarde, compostos com altos folhos de renda, imitação de pontos á agulha ou de Alençon, em apanhados sobre fundos de Liberty ou de musselina de seda; vestidos em voile muito fino, cuja saia, bordada em baixo e *plissée* em roda em pregas chatas, sobe em *bretelles* ligadas por meio de tiras transversaes; estes trajes são completados por camisetes independentes, do

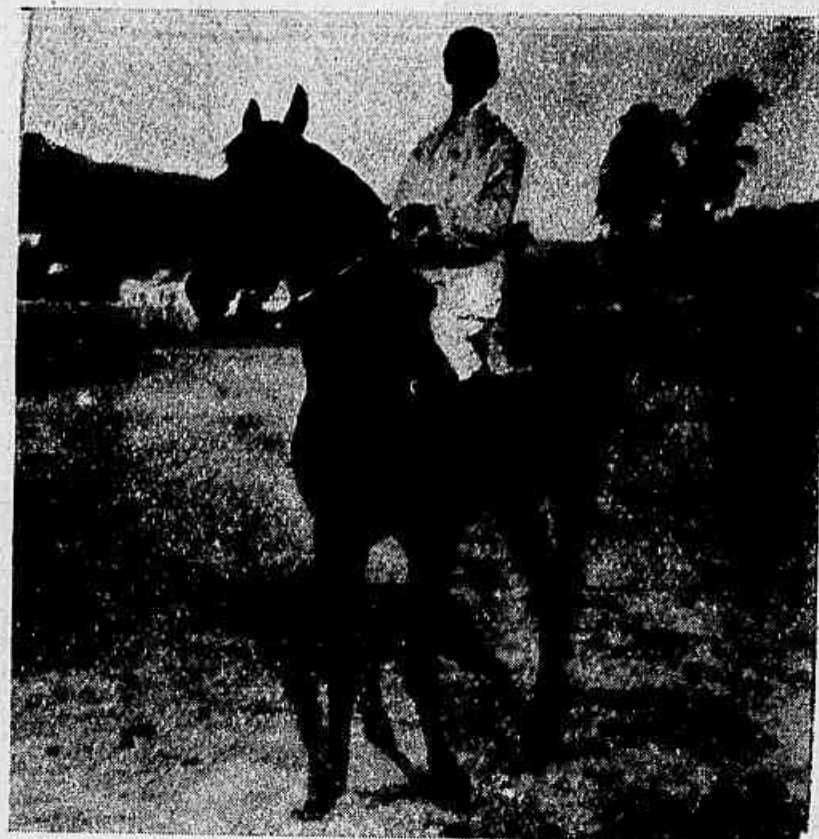


Vestido em panno, para passeio

de fumo, a vulgar folha de couve, ou, em termos mais expressivos e adequados ao caso, os celebres *fusileiros*!

Em todo caso, esta nova industria conta com elementos de exito, e parece que já ha freguezes e partidarios do charuto de papel.

AS CORRIDAS NO JOCKEY-CLUB



1 *Deputado*, por Love Grass e Constituinte, da Ecurie Paris, vencedor do pareo Dr. Costa Ferraz. 2, *Herodes*, por Orbit e Absala, do Sr. A. A. Moreira, vencedor do pareo Mariano Propicio. 3, *Jugurtha*, por Bay Ronald e Acmena, do Stud 13 de Março, vencedor do Classico São Francisco Xavier. 4, *A Indiana*, antes de sua victoria no Grande Premio Cruzeiro do Sul. 5, *Indiana*, por Brizern e egua de 1/2 sangue, do Paraná, criação do Sr. Carlos Dietzch e propriedade da Coudelaria Tenerife, vencedora do Grande Premio Cruzeiro do Sul. 6, Aspecto geral do Jockey-Club, antes de se realizar o Cruzeiro do Sul. 7, *Delia*, por Progresso e Dalia, de São Paulo, da Coudelaria Paulista, que chegou em 2º lugar no Grande Premio Cruzeiro do Sul.

RIBALTAS

Fez bem o actor Ferreira da Silva em escolher o Theatro Lyrico para sua festa artistica. O Theatro Carlos Gomes é pequeno para conter os seus admiradores. Na sua noite de festa teve occasião de verificar o quanto é apreciado e aos applausos unisonos que recebem juntamos os nossos. A companhia deu-nos *O Caminho*, que é uma bella peça, bem representada. Alli começam agora os beneficios: Caetano Reis já o fez com *O Avaro*. Zulmira Ramos também. A com-

daram cadeira, mas fomos. Demos ao Lourenço cinco mil réis por uma letra D, para vermos o que havia lá dentro.

Representava-se a *Reforma do diabo* que, embora tenha algum apparato, está longe da sua primitiva como nós de uma estrella remota. Medina tem de esconder a voz para não abafar a das outras, Olympio faz o que pôde para conter os companheiros, Grijó e Gomes fazem o que querem, enxertando ditos à vontade.

Ha scenas que são uma verdadeira confusão irreverente, fallam todos ao mesmo tempo. O Gomes,



Actor Ferreira da Silva da Companhia Dramatica do Theatro Principe Real, de Lisboa, que actualmente trabalha no Theatro Carlos Gomes, fez sua festa artistica no dia 22 do corrente

panhia, que não teve o curso transcendente que pretende para nós o Eduardo Victorino, vai muito bem muito obrigado, sem que com isso perigues a instituição do theatro para a qual o Victorino tem pedido tanta sciencia e tanta trapalhada, conforme disse o João do Rio, que continua a dizer o que pensa... o Celestino, chefe da *claque* dos criticos papa-jantares e bifa-retratos. No Recreio continua o exito do *Marizae* com situações novas de actualidade e a companhia Miranda não tem mãos a medir com o movimento continuo da bilheteria. A peça está bem defendida pelos actores Leonardo, Edmundo, Veiga, Iopiccolo, Esquiro, e Abigail Maia, esta um pouco deslocada, em papeis fracos, quando pôde perfeitamente dar conta de qualquer delles.

Fomos ao Apollo, não nos man-

da momento a momento, vê-se atarrantado para as marcações, e está sempre com um olho no palco e outro nos bastidores, de modo a dar a perceber que está commandando todo aquelle movimento.

Nos outros theatros sessões praticas de academia de linguas vivas e mortas.

Le Bargy chegou, sem grandes zabumbas, que são cousas de que não precisa; quem tem valor como elle, sabe impôr-se. Conquistou logo o publico, sem precisar das louvaminhas dos criticos almiscarados.

Espera-se a todo o momento que a tranca do bom senso feche o Theatro Municipal á exploração extranha e contraria á lei e á exploração que querem fazer aos direitos dos nacionaes.

Ainda é tempo!

João Scena.

JOÃO PAULINO

Premio: — Um esplendido jogo para a noite de S. João.

Sorteio do 178 Concurso Semanal.

Realizado no dia 23 do corrente, ás 2 horas da tarde na sala da redacção da *Revista da Semana* á Avenida Central nos. 110 e 112.

Foi sorteado com o 1º premio o n. 71 pertencente a menina **Almerinda Cunha**, residente á travessa Cabussú.

Do 2º ao 6º premios, retratos na galeria da *Revista da Semana*;

2º, n. 46, Octavio da Silva Borges, rua Theophilo Ottoni n. 44.

3º, n. 9, Joaquim de Medeiros Santos, rua Bom Jardim n. 56.

4º, n. 10, Romão Escibano Escudero, rua da Quitanda n. 28.

5º, n. 97, Euripedes de Oliveira, rua Torres Homem n. 197.

6º, n. 5, Messias Lutterbach, travessa Alice n. 24, Gloria.

CONCURSO SEMANAL

Enviaram soluções certas os amiguinhos seguintes:

1 Elisa Faustina; 2 Alayde Alves Moreira; 3 Hugo Alves Moreira; 4 Olavo Gonçalves Lima; 5 Messias Lutterbach; 6 Paulo Russel Mac-Cord; 7 Italo Corrêa; 8 Alberto Gomes de Menezes; 9 Joaquim de Medeiros Santos; 10 Ernani Silva.

11 Juvenal Conrado Filho; 12 Floraspe Renzetti; 13 Oswaldo Ribeiro; 14 Alberto Rodrigues dos Santos; 15 Jayme Cucello; 16 José Bessa; 17 Nelson Nobrega de Araujo; 18 Hedy Lina Santarem; 19 Vera Cruz; 20 Gildete Coutinho.

21 Ary Corrêa; 22 Rosaria Renzetti; 23 Luiz da Costa Bentzenmuller; 24 Assinto Marino; 25 Maria do Carmo Dias Leal; 26 Donguinha Dias Leal; 27 Carmen Dias Leal; 28 Nenê Dias Leal; 29 Santinha Dias Leal; 30 Duduca Dias Leal.

31 Filhinha Dias Leal; 32 Pequitita Dias Leal; 33 Mary Dias Leal; 34 Norma Dias Leal; 35 Zelia de Freitas Dias; 36 Lygia Dias Leal; 37 Castellar Rodrigues Dias; 38 Nana Rodrigues; 39 Arthur Rodrigues Dias; 40 Gustavo Rodrigues Dias.

41 Paulo Pereira; 42 Helenita Galdanha; 43 Joaquim Borges de Barros; 44 Aurora Borges de Barros; 45 Amelia Mafra; 46 Octavio da Silva Borges; 47 Wellington C. de S. José Filho; 48 Antonio Benedicto Mendes; 49 Vicente Lotufo; 50 Jayr José Baptista.

51 Djanira Costa; 52 Hylda Rosa da Costa; 53 Misael Bandedeira de Mello; 54 Yara Santos Nogueira; 55 Jorge Eduardo Miranda; 56 Firmina dos Santos; 57 Mario Soler; 58 Alberto Gonçalves de Oliveira; 59 Joanita da Fonseca; 60 Henrique Amblard.

61 Francisco Nico; 62 Dina Gonçalves de Souza; 63 Waldemar Candido do Sacramento; 64 Waldemar Claudionor; 65 José Marques da Silva; 66 Ophelia Maria Boisson; 67 Amezue Raposo; 68 João Corrêa; 69 Heitor Pinto; 70 Romão Escibano Escudero.

71 Almerinda Cunha; 72 Jayme Crelio da Rocha; 73 Magda-

lena Mirandella; 74 Maria da Silva; 75 Esmeralda Mendes Alves; 76 Mauricio P. Souza; 77 Adelina V. Guimarães; 78 Servio da Silveira Santos; 79 Carmen de Aguiar; 80 Frederico Martins.

81 Antonio Gaspar dos Santos; 82 José da Silva Mattos; 83 Antonio Joaquim Ferreira; 84 João Brum Fontes; 85 Oswaldina Lopes de Oliveira; 86 Julio Lobato; 87 Olga Machado de Azevedo; 88 Oswaldo Machado de Azevedo; 89 Ayde Pires Martins Costa; 90 Luiz de Avelar Drummond.

91 Antonio Bastos Mascarenhas; 92 Ary Koerne Prado da Conceição; 93 Oswaldo Jurandyr de Macedo Silva; 94 João Allevato; 95 Humberto Juracy de Macedo Silva; 96 Waldemar Carvalheira; 97 Euripides de Oliveira; 98 Desdemona Dias Brandão; 99 Jayme Machado de Azevedo; 100 Cecília Eloy Ramos.

101 Francisco Mattos; 102 Augusto Rinck; 103 Hylda Caldas; 104 Alayde Caldas; 105 Sophia Helena da Costa; 106 Albertina Amélia; 107 Carmen de Araujo; 108 Olgina Durão; 109 Herminia Durão; 110 Jarbas de Moraes.

111 Rodolpho Duarte Durães; 112 Heitor de Pinho; 113 Augusto Pires Machado; 114 Carlos M. Gomes; 115 Anorelino Malheiro; 116 Eleontina Octavia de Vasconcellos Aragao; 117 José Ferreira Leal; 118 Addy Motta; 119 Gilberto da Silva Torres; 120 Nestor Braga.

121 Americo de Souza Lima; 122 Nerondina de Souza Lima; 123 Julieta Espirito Santo; 124 Adeline de Almeida Cruz; 125 Antonio Francisco de Moraes; 126 Victor Manuel de Oliveira Junior; 127 Maria Ondina Guimarães dos Santos; 128 Irma Paulmann; 129 Mario Rocha Pinto; 130 Nay de Figueiredo.

131 Isaura de Queiroz; 132 Gilda Duarte; 133 Alide Hartley; 134 Olga Montelero; 135 Roldão Alves do Nascimento; 136 José Guimarães; 137 Maria Maia; 138 Odette da Costa Brito; 139 Pedro; 140 Marina França Bastos.

141 João Ferreira da Silva; 142 Margarida Albertina de Veneza; 143 Elza Elizabeth Isensee; 144 Adalgisa de Lourdes Lunet; 145 José de Mello Alvarenga; 146 Celine Lobo; 147 João Paulino II; 148 Alzira Luiza Meirelles; 149 Anna Rosa de Oliveira; 150 Waldemar da Fonseca.

151 Samuel Ribeiro da Silva; 152 Benjamin Luiz da Costa; 153 Carlos Alberto da Cunha; 154 Maria de Lourdes Coutinho; 155 Alvaro Lopes; 156 Nelson Joaquim Fernandes; 157 Alice de Mattos; 158 Graciema da Silva; 159 Guimar Celestina Fernandes; 160 Iracy Telles.

161 Nair da Costa e Silva; 163 Herminia do Valle; 164 Zaira Freitas; 165 Cencita Lassance de Abreu; 166 Cesar; 167 Eliza Januaria de Lima; 168 Luizinho Collim Mee; 169 Antonio Manuel Perez; 170 Zoraido de Lima.

171 Etta Wilson; 172 Ary Koch; 1-73 Faustino Benter da Costa.

Erradas 58.

177 CONCURSO

Chegaram depois do sorteio do 177 Concurso mais as soluções dos amiguinhos seguintes:

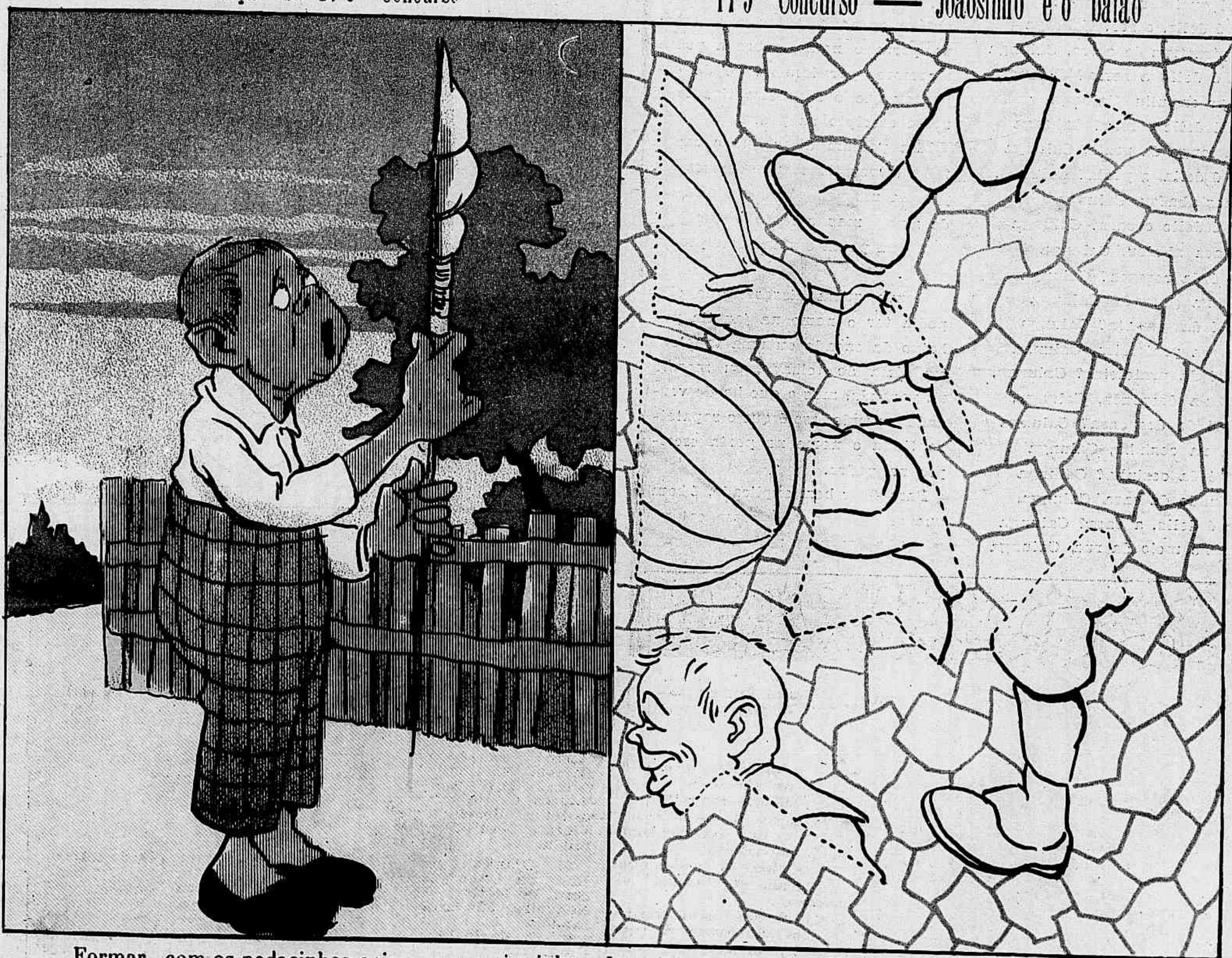
1 Americo Colombelli; 2 Otto de Figueiredo Barbosa; 3 Ernani Lacerda; 4 Pedro de Castro; 5 Djanira Costa; 6 Eliza Faustina Costa; 7 Hylda Ferreira da Cunha e 8 Sylvio Cruz.

America, o importante periodico de propaganda mensal norte-americano, enviou-nos o ultimo numero que é um dos melhores que tem publicado.

SUPLEMENTO DO João Paulino

Solução do 178º Concurso

179º Concurso — Joãosinho e o balão



Formar, com os pedacinhos acima, um amiguinho o Joãosinho e o seu balão.
Premios — Ao Primeiro **Um lindo automovel** e retrato na galeria da *Revista da Semana*; do 2º ao 6º retratos na mesma galeria.
As soluções serão recebidas até quarta-feira, ao meio-dia, e o sorteio realizar-se-á no mesmo dia, às 2 horas da tarde.



SUPLEMENTO DO JOÃO PAULINO
179º CONCURSO REVISTA DA SEMANA
Rua Gonçalves Dias 56

O CALUNGA

(CANTIGA POPULAR)

Vamos atraz da serra, Calunga
 Vêr a mulatinha, Calunga,
 Da cara queimada, Calunga,
 Quem foi que queimou? Calunga,
 Foi sua senhora, Calunga,
 Por causa de que? Calunga,
 Por causa do fogo, Calunga,
 Que é delle, o fogo? Calunga,
 Agua apagou, Calunga,
 Que é della, a agua? Calunga,
 O boi bebeu, Calunga,
 Que é delle, o boi? Calunga,
 Fugiu para o campo, Calunga
 Que é delle, o campo? Calunga
 Está no meio do matto, Calunga
 Que é delle, o matto? Calunga
 O sol queimou, Calunga
 Que é delle, o sol? Calunga
 Foi p'ra traz da serra, Calunga
 Que é della a serra? Calunga
 O mar enguliu, Calunga
 Que é delle o mar? Calunga
 Está longe da praia, Calunga
 Que é della, a praia? Calunga,
 O caes abafou, Calunga
 Que é delle o caes? Calunga
 Ressaca abalou, Calunga
 Que é da ressaca? Calunga
 Está na garrafa, Calunga
 Que é da garrafa? Calunga
 Está na prateleira, Calunga
 Que é da prateleira? Calunga,
 Está na despensa, Calunga,
 Que é da despensa? Calunga
 Está na cozinha, Calunga
 Que é da cozinha? Calunga
 No fundo da casa, Calunga,
 Que é della, a casa? Calunga
 Está no meio da rua, Calunga

Que é della a rua? Calunga;
 Está na cidade, Calunga
 Que é da cidade? Calunga,
 Está no paiz, Calunga,
 Que é do paiz? Calunga,
 Está no continente, Calunga,
 Que é do continente? Calunga
 Está sobre a terra, Calunga
 Que é della, a terra? Calunga
 Anda no espaço, Calunga
 Que é delle o espaço? Calunga
 Acabou agora, Calunga.

Uma historia comprida

Era uma vez um sapateiro que tinha na porta o nome escripto na pedra.

Todos sabem que é uso muito antigo os negociantes collocarem na porta o nome, sobre a pedra marmore, por isso não é de espantar que o sapateiro tivesse o nome escripto na pedra.

Mas podiam dizer que o sapateiro talvez tivesse o nome escripto em um pedaço de madeira ou de zinco, mas o facto é que elle tinha na porta o nome escripto na pedra.

Houve quem dissesse que elle podia ter o nome na janella por baixo da sacada ou uma taboleta em cima do telhado, ou mesmo na varanda, mas o que ha de verdade em tudo isso é que o sapateiro tinha o nome na porta escripto na pedra.

Para ficar bem explicado, é bom que se saiba que o nome estava gravado em uma pedra marmore

que tinha sido collocada no humbral da porta do lado esquerdo de quem vem de baixo e toma á direita dando a frente para o lado de lá, assim se via logo que o sapateiro tinha na porta o nome escripto na pedra.

Podia ter o nome no portal ou nas folhas de madeira que não havia mal nenhum nisso, mas se assim fosse, já não poderíamos dizer que o sapateiro tinha na porta o nome escripto na pedra.

Antes de começar a historia convém saber tambem que o sapateiro tinha o nome na porta es-

cripto na pedra, que era de marmore preto.

As letras eram brancas para assim ficar bem destacado o nome do sapateiro escripto na pedra.

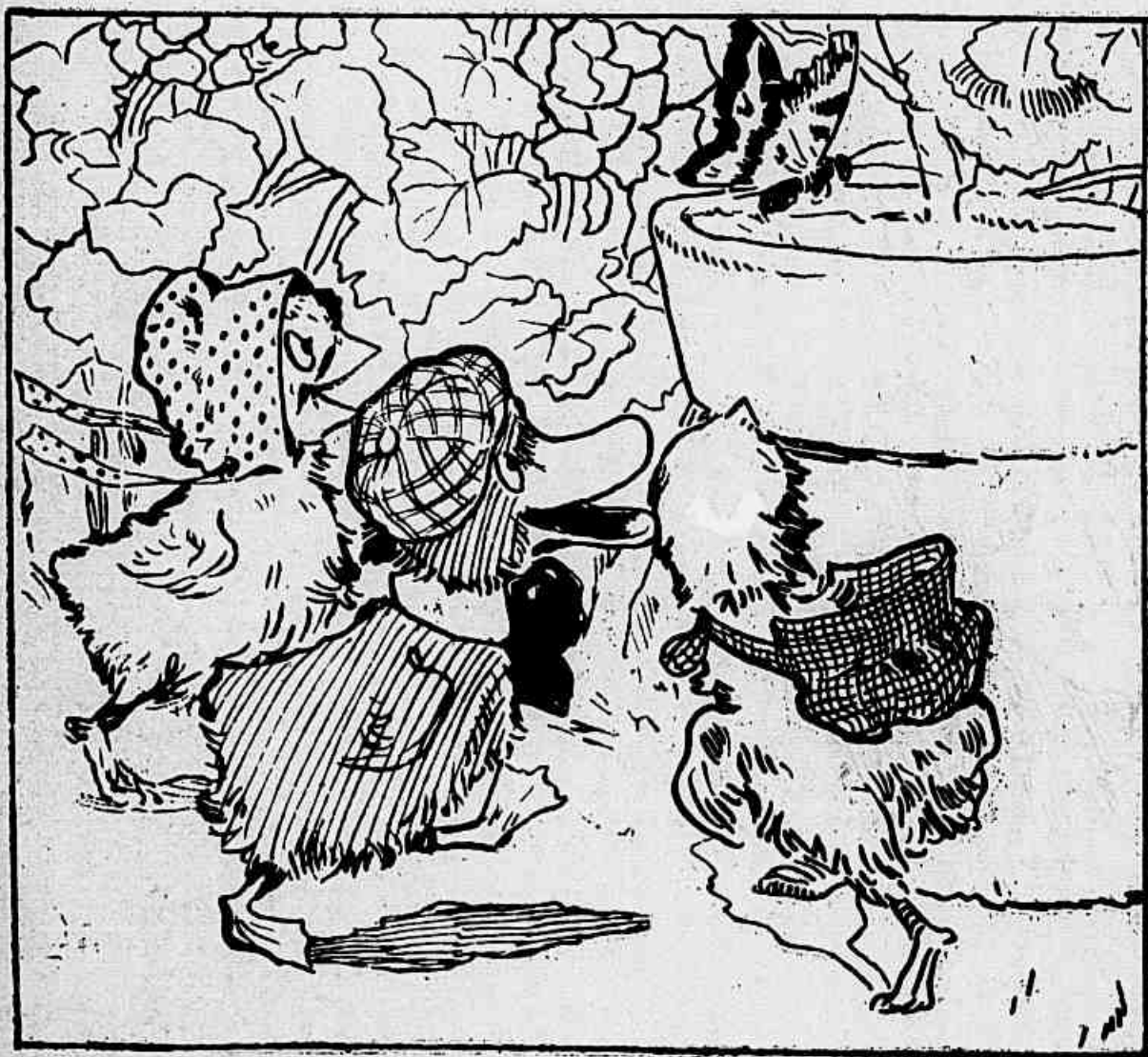
Mesmo porque, se fossem pretas sobre marmore preto, ninguém poderia vêr que o sapateiro tinha na porta o nome escripto na pedra.

Por isso é que as letras eram brancas, destacando-se vivamente do fundo negro, de modo a deixar vêr claramente que o sapateiro tinha na porta o nome escripto na pedra.

PINTO, MARRECO



Mestre marreco convidou os amigos pintos para um passeio no campo,



Apreciaram a vegetação dos jardins bonitos



e embreuharam-se por um matto de flores

Dada essa explicação, continuamos a história:

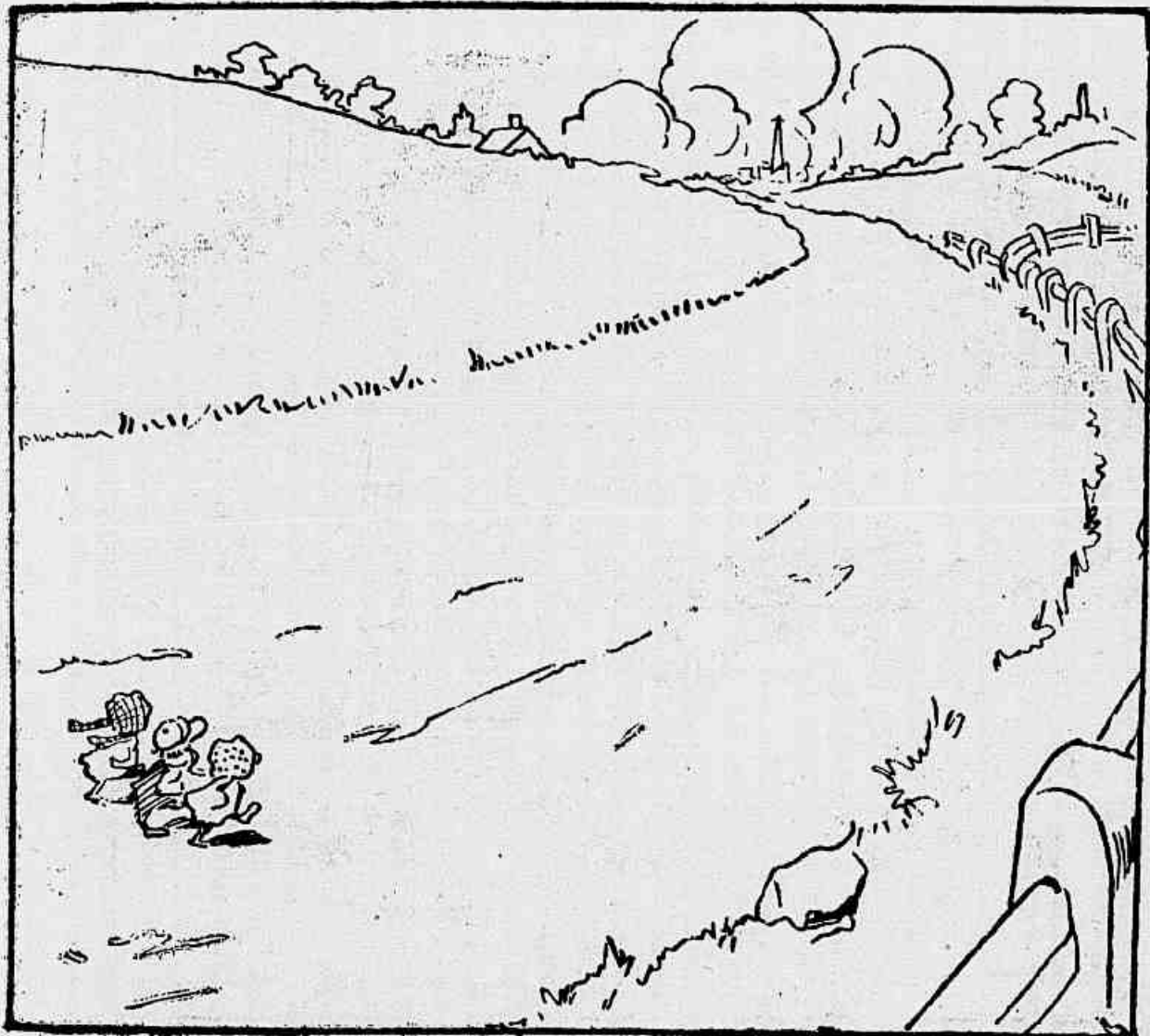
Era uma vez um sapateiro que tinha na porta o nome escripto na pedra.

Agora vejo que falta espaço para contar o resto da história! Que pena!

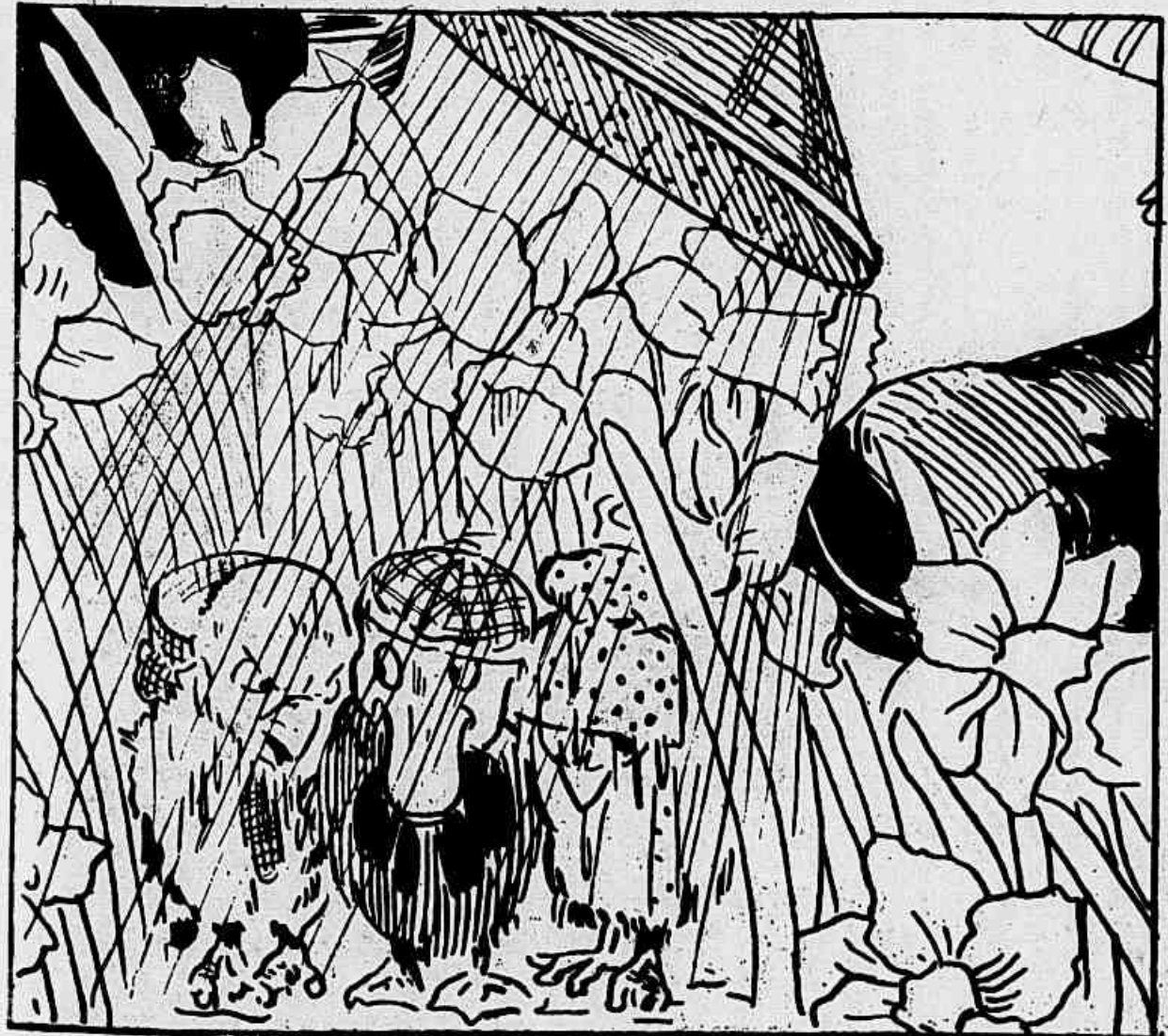
Gury Raulino.

A felicidade é como os relógios: quanto mais simples melhor andam.

& COMPANHIA



Foram andando por um caminho, tal como o passarinho com seu bico de latão.



onde foram surpreendidos por um temporal.... de regador.

O TANGOLOMANGO

(CANTIGA DE NOSSOS VOVÓS)

Eram nove irmãs beatas
Foram vêr fazer biscoitos
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores,
Não ficaram senão oito.

Eram oito irmãs beatas
De passeio em Albacete
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficaram senão sete.

JOAO PAULINO

34º Grande Concurso Mensal

4 «COUPONS» DO MEZ DE MAIO

1º Premio—Uma officina de marceneiroe retrato na galeria da Revista da Semana; do 2º ao 20º retratos na galeria da mesma.

Os amiguinhos devem juntar os 4 coupons que têm os dizeres «Concurso Mensal», e remetel-os até ao dia 6 de Julho de 1909.—O ultimo coupon deste concurso será publicado na Revista da Semana do dia 27 de Junho.

Eram sete irmãs beatas
Foram vêr fazer pasteis
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficaram senão seis.

Eram seis irmãs beatas
Uma dellas era um brinco
Deu o tangolomango nella
Meus senhores
Não ficaram senão cinco.

Eram cinco irmãs beatas
Foram todas ao theatro
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficaram senão quatro.

Eram quatro irmãs beatas
Com roupagens de francez
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficaram senão tres.

Eram tres irmãs beatas
Que choravam pelas ruas
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficaram senão duas.

Eram duas irmãs beatas
Mais feias do que um socó
Deu o tangolomango em uma
Meus senhores
Não ficou mais que uma só.

Era uma irmã beata
Que sobrou de tanta gente
Deu o tangolomango nella
Meus senhores
Nem ficou para semente!

Ha riqueza faminta e miseria farta o esta antithese provém do espirito.

O prazer pôde apoiar-se em uma illusão, mas a felicidade repousa na verdade.

REVISTA DA SEMANA

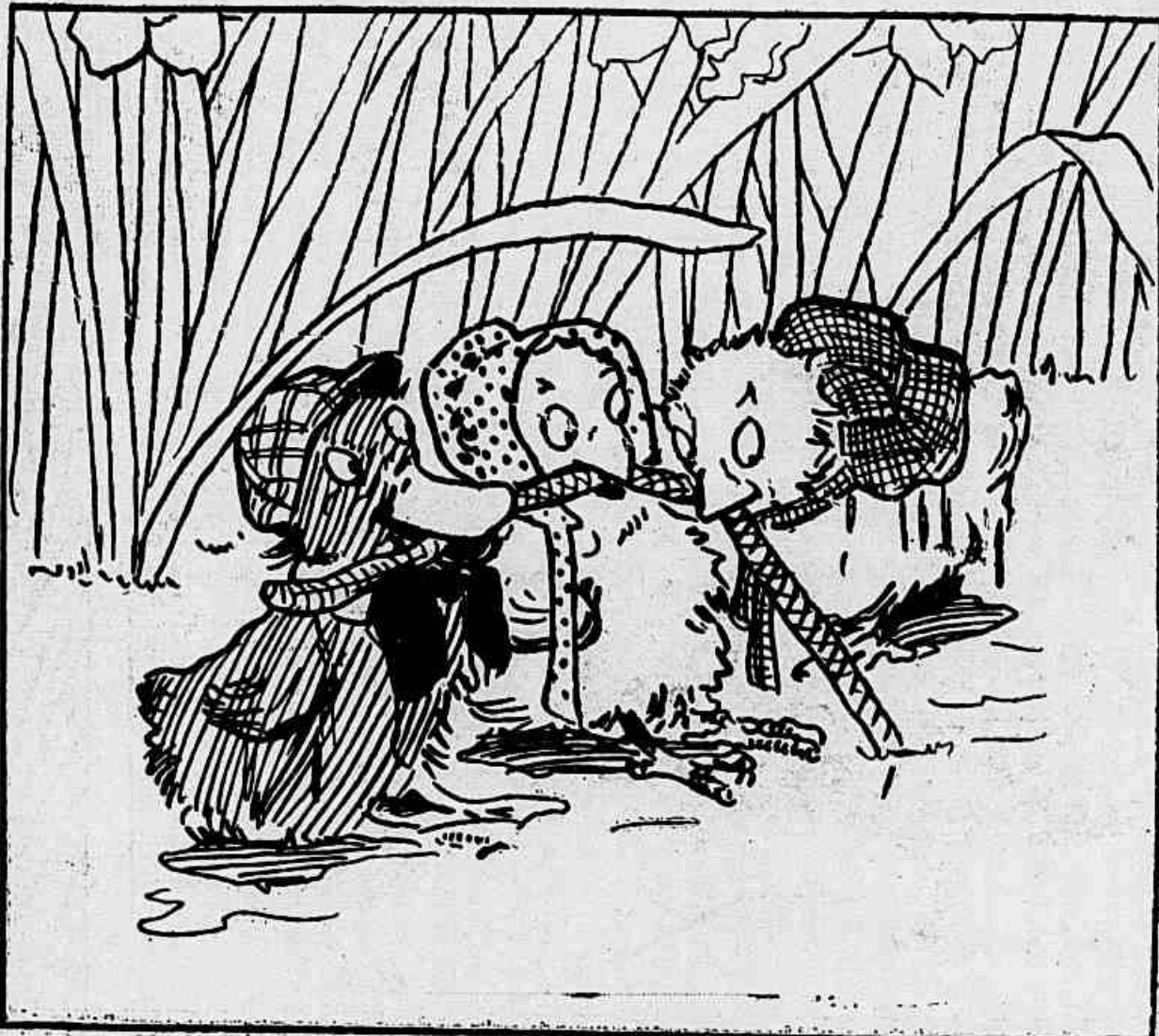
Aos amiguinhos do

JOÃO PAULINO

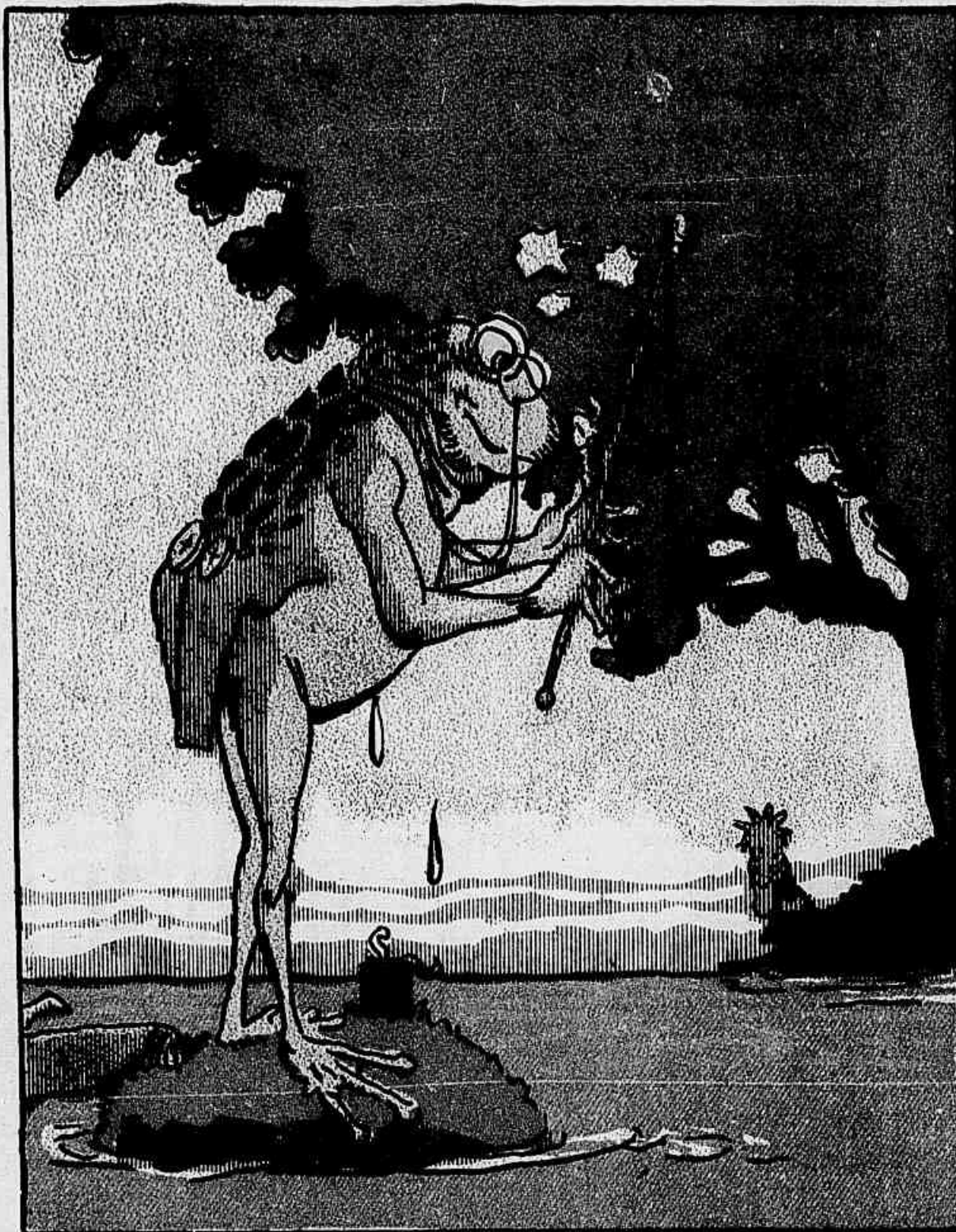
OFFERTA PRINCIPESCA

Entrada gratuita no Cinematographo Paris, Praça Tiradentes 50.

Os amiguinhos até 10 annos que acertarem nos concursos semanaes do JOÃO PAULINO, na Revista da Semana, e não forem sorteados nos premios, receberão no escriptorio da Revista da Semana, Avenida Central 110 e 112 um bilhete especial que lhes dará entrada gratuita nas «matinées» do Cinema Paris nos dias uteis.—A postos, valentes amiguinhos: aos concursos do JOÃO PAULINO e gosareis as sessões cinematographicas do esplendido Cinematographo Paris, Praça Tiradentes 50.



Passado o susto, puzeram-se a comêr mui hocas para consolo do estomago. Foi um bello passeio divertido!



O sapo estava pescando



muito calado e pacato



mas depois, tremelicando,



foi pescado pelo pato.

REVISTA DA SEMANA

AVENIDA CENTRAL NS. 110 E 112

Anno IX—47 6

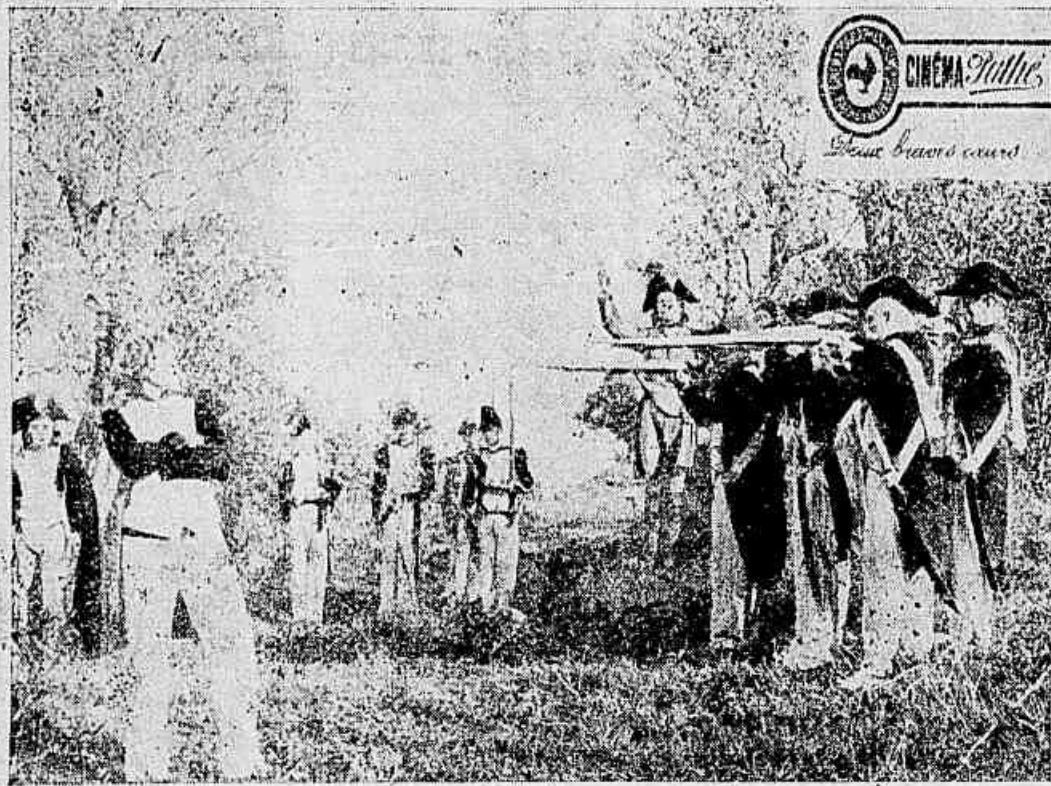
DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1909

Numero: 300 réis



PATEK

O PRESENTE O MAIS UTIL, O MAIS DURADOURO É O CHRONOMETRO PATEK-PHILIPPE
GONDOLO & LABOURIAU, Relojoelros — 81, RUA DA QUITANDA



CINEMATOGRAPHS

Os aparelhos mais perfeitos, cujas projecções são as mais fixas e nitidas, as vistas de maior successo, o material de primeira qualidade é o das fabricas

PATHÉ FRERES

Unicos representantes para todo o Brasil: MARC FERREZ & FILHOS

112 RUA DE S. JOSE' 112

Endereço telegraphico: Marcferrez - RIO

Conjunctos electrogenios para produzir luz electrica a do micilio por meio do kerozene: pequeno consumo e grande força.

Remessa de catalogos sob pedido.

SO'

PORQUE O

E' calvo quem quer.

Perde cabellos quem quer.

Tem barba falhada quem quer.

Tem caspa quem quer.

PILOGENIO

mente a caspa e quaesquer parasitas da cabeça ou da barba. —Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas são a prova de sua efficacia.

faz brótar novos cabellos, impede a sua queda, faz vir uma barba forte e sadia e faz desaparecer completa-

A' venda nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias e no deposito,

DROGARIA GIFFONI, Rua Primeiro de Março n. 17

(ANTIGO N. 9)

LOTERIAS

DA

CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal ás 2 1/2, e aos sabados ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy 9.

Sabbado, 26 de Junho

183 — 29*

50:000 \$000

Por 3\$200

Nos preços acima acha-se incluído o sello adhesivo.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes, Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 14 nesta capital, acompanhados de mais 700 réis para o porte do correio.

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa 41, rua Primeiro de Março n. 88, Rio de Janeiro.

NOTA—Os premios superiores a 200\$, em virtude de lei, estão sujeitos ao desconto de 5 %.

Exposição internacional de Milão — 1906



Premiada com medalla de ouro

ACABARAM-SE

AS

POMADAS

os unguentos e sabões medicinaes que são velhas e anachronicas formulas que não estão mais á altura dos tempos modernos, além de serem compostas de gorduras rançosas e potassa irritante e caustica.

USAE

LU DO DR. EDUARDO FRANÇA

PREÇO 3\$000 **GO** REMEDIO SEM GORDURA

das, empigens, frieiras, suores dos pés, assaduras, manchas, tinha, sarna, sardas, brotoejas, gonorréas, etc.

LI NA cura efficaz das molestias da pelle, feridas

Depositarlos no Brasil

ARAUJO FREITAS & C.

Rua de S. Pedro 90

NA EUROPA:

CARLO ERBA

MILÃO

O melhor xarope contra **COQUELUCHE e BRONCHITE.**

Cura qualquer tosse em 24 horas

Laboratório em Porto Alegre

DAVOT & FREITAS

Deposito Geral no

Rio de Janeiro

DROGARIA PACHECO

Rua dos Andradas 59

VIDRO

2\$000

Crème Simon

SEM RIVAL PARA

Amaciar,

embranquecer

e avelludar

a pelle do rosto e das mãos.

Pó de arroz e sabonete SIMON

J. Simon — PARIS

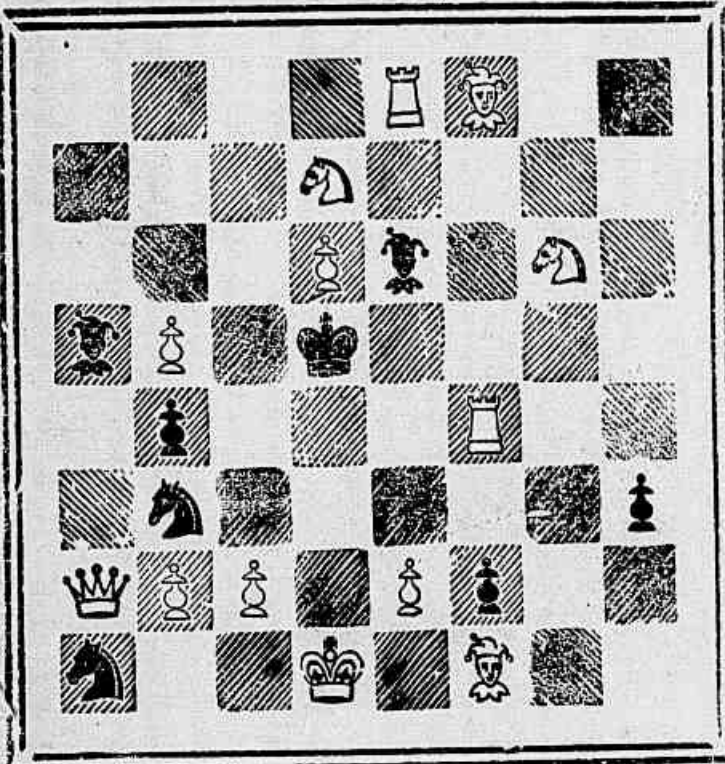
Cuidado com as imitações



XADREZ

PROBLEMA N. 777 — J. Winter-Wood (New York)

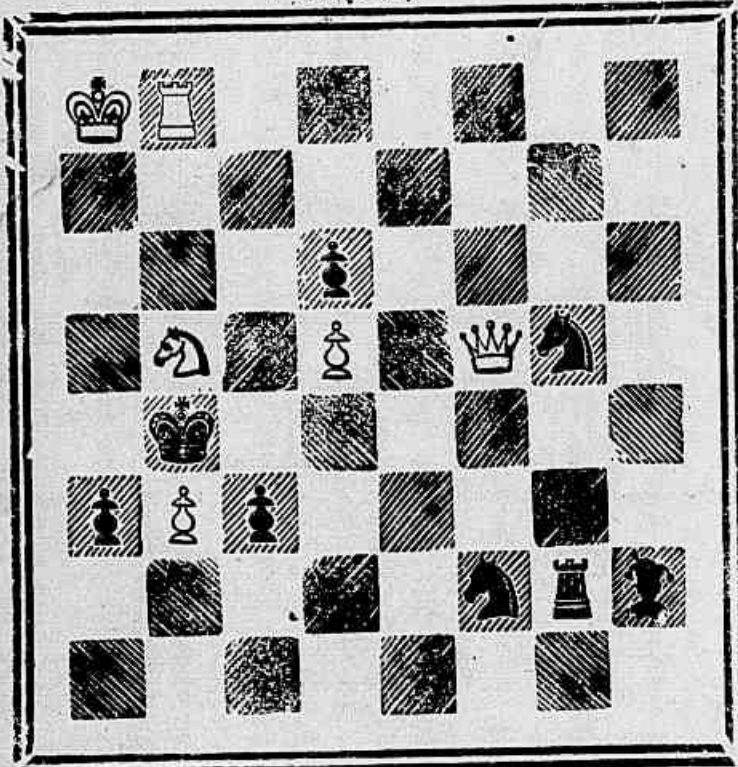
Pretas (8)



Branças (13) Mate em dois lances

PROBLEMA N. 778 — J. Fridlezus (Praga)

Pretas (8)



Branças (6) Mate em tres lances

SOLUÇÕES

PROBLEMA N. 769 — Tacito & Lipman.

1 T 6 B R (Inicial) 5 variantes.

PROBLEMA N. 770 — Lepretel.

1 C 4 D, R x T; 2 D 6 B D x, etc.

1..., R 4 B; 2 C 7 R x, etc.

1..., C 3 D x, 2 C x C x, etc.

1..., C x D; 2 T x B x, etc.

1..., B 5 D; 2 T x B x, etc.

1..., B 2 C; 2 D 6 R x, etc.

1..., B 6 D; 2 P x B x, etc.

1..., B 7 B D; 2 B x B x, etc.

1..., B 7 T; 2 B 2 B x, etc.

1..., P 7 B; 2 T x B, etc.

Resolvidos pelos Srs. Felton, Muzio, J. Barreiros, D'Albret, Lux, Cal sano, Omega, Petronio, Selin Habad, Salvio, Smart (Friburgo), Boos, Messeder, Amilcar (Juiz de Fora), Zut, João Chess, S. de Castro, V. N., F. F. (Campos), M. Salema e J. Bolton.

Reproduzimos abaixo a partida jogada no torneio internacional de S. Petersburgo, pelos vencedores daquela grande prova, achamos opportuno inserir aqui uma referencia a Rubinstein feita pelo Dr. Lasker ao terminar essa partida:

«Lutei hoje com Rubinstein que conseguiu muito merecida victoria. O seu jogo distinguio-se pela precisão e simplicidade, não lhe faltando entretanto imaginação.

Pela contracção dos musculos do rosto durante o jogo se evidencia intensa concentração de suas faculdades mentaes para resolver os problemas em mão. Rapidamente apprehende uma posição e com habilidade encontra a melhor sahida. O seu temperamento é contrario a tudo quanto é mysterioso e problemático, Rubinstein busca a certeza.

Que chegue a empunhar o bastão de campeão do mundo é incerto, porém, posso affirmar que é um leão no campo do taboleiro.»

Partida n. 309—Abertura do P. D.

Branças (Rubinstein)

Pretas (Lasker)

1 P 4 D
2 C R 3 B
3 P 4 B
4 B 5 E
5 P B x P D
6 C 3 B
7 C R x P
8 P 3 R
9 B 5 C
10 B x C R
11 C x P
12 P x B
13 B x C
14 C 3 R
15 Roque
16 T 1 B
17 T x B x
18 D 1 B
19 P x T
20 D x P x
21 T 4 B
22 D 5 B
23 D x D x
24 T x P
25 R 2 B
26 R 3 B
27 T 5 T D
28 T 6 T
29 P 4 R
30 P 4 R
31 P 4 C
32 R 4 B
33 P 5 T
34 R 5 B
35 P 5 R
36 T 6 D
37 T 6 T
38 T 6 D
39 T 6 B D
40 P 3 T D

P 4 D
C R 3 B
P 3 R
P 4 B
P R x P
P x P
C 3 B
B 2 R
B 2 D
B x B
B x C
D 4 C
B x B
Roque T, D.
T R 1 R
T x C
P x T
T x P
T 2 D
R 1 D
P 4 B
D 2 R
R x D
T 8 D x
T 7 D x
T x P C D
T 2 C
R 1 B
T 2 B D
R 2 B
R 1 B
R 2 R
P 3 T
R 2 B
T 2 C
R 2 R
R 2 B
R 1 B
R 2 B
Abandonam.

Esta posição final pôde muito bem servir de estudo de fim de partida cuja solução daria algum trabalho mesmo a um forte jogador, consistindo o problema em demonstrar porque as pretas abandonam com o lance 40 P 3 T D.

O facto é que com esse lance, se as pretas retiram o Rei para 1 B as brancas poderão jogar 41 R 6 C. Sem o P a 3 T D as pretas poderiam então continuar com T 5 C etc. Si pretas T 2 R; 41 P 6 R x seguido de T 8 B x obrigando a troca das torres, ganhando. Finalmente si pretas jogarem P 4 T; 41 T 6 T. T 4 C; 42 T 7 T x, R 1 B; 43 R 6 C, T x P; 44 T 7 B x, R 1 R; 45 T x P. T 6 R; 46 R x P, T x P; 47 P 5 C, R 1 B; 48 R 7 T ganhando com o P. C cuja marcha não pôde ser obstada.

CORRESPONDENCIA

F. F. (Campos) Desejaremos que continue a enviar soluções.

Nos problemas em dous lances, basta indicar a jogada inicial.

Helbas.

A SAUDE DA MULHER

E' o medicamento infallivel nas molestias do UTERO

E' superior á ergotina nas hemorragias; mais activo do que o Apiol e a Apiolina nas suspensões e menstruações difficeis; mais efficaç do que os ferruginosos e a quina nas flores brancas e de effeito mais prompto e duradouro do que a morphina e todos os calmantes nas colicas violentas uterinas e finalmente facilita prodigiosamente o parto.

GAIIACOLINA medicação especifica das molestias das vias respiratorias, formulada pelo notavel medico DR. GUILHERME ELLIS e que mereceu a approvação da Directoria Geral da Saude Publica Federal. E' indicada nas bronchites chronicas, tosses rebeldes, bronchorréa e nas convalescenças da pneumonia, da influenza e do sarampão.

NOS TUBERCULOSOS, sob a influencia deste preparado, os accessos de tosses diminuem, as febres e os suores nocturnos desapparecem; os escarros perde pouco a pouco o aspecto purulento, produzindo augmento do peso, melhora do appetite e do estado geral.

A GAIACOLINA encontra-se em S. Paulo na PHARMACIA AURORA, rua Aurora, 57, e nas drogarias.

Um vidro pelo correio 3\$500 e com 6\$500 remetem-se dous vidros.

ELIXIR DE MASTRUÇO

ATTESTADO VALIOSO

João Antonio de Carvalho Leite, Doutor em sciencias medico-cirurgicas pela Faculdade do Rio de Janeiro, medico adjuncto do Exercito e cirurgião crectivo da Sociedade Brasileira de Beneficencia desta Capital. Attesto que tenho empregado em minha clinica, sempre com excellentes resultados, o preparado denominado ELIXIR DE MASTRUÇO, dos Srs. J. Silva e J. Vaz, nas affecções do aparelho respiratorio.

Capital Federal, 27 de Dezembro de 1901. — Estava devidamente datado e assignado sobre estampilha de 300 réis. Dr. João Antonio de Carvalho Leite. — Rua Barão de Itapagipe n. 12, Rio Comprido. Firma reconhecida. Deposito Geral: Drogaria Berrini, rua do Hospicio n. 22 — Rio de Janeiro.

O APIOL

Dos Drs. JORET & HOMOLLE

REGULARISA OS MENSTRUOS

IMPEDE AS DÔRES, ATRAZOS

SUPPRESSÕES, ETC.

Dose: Uma ou duas Capsulas manhã e noite

PARA EVITAR OS MAUS EXITOS

EXIGIR:

O APIOL dos Drs. JORET & HOMOLLE

DESCONFIAR DAS IMITAÇÕES

Phcia G. SEGUIN, 165, Rue St-Honoré, Paris

TODAS PHARMACIAS

AGUA DE LÉCHELLE Hemostatica

Emprega-se nas Hemorragias nos Escarros e Vomitos sanguineos, nas Perdas uterinas. SEGUIN, 165, Rue Saint-Honoré, PARIS.

BORO BORACICA

Pomada milagrosa para cura de darthros, empigens, eczemas, assaduras nas crianças e o terrivel ozagre.

Para as molestias da pelle não tem rival a Boro Boracica.

DEPOSITO GERAL

Drogaria Pacheco

REVISTA
DA SEMANA

O mais antigo
e variado

Semanario
Ilustrado



Numero
avulso
300 réls

Escriptorio,
Redacção
e Officinas

Avenida Central
110 e 112

No edificio
do
JORNAL DO BRASIL

No proximo numero a sair a 4 de Julho a *Revista da Semana* apparecerá com aperfeigoados melhoramentos. Além das gravuras de actualidade e do texto leve e escolhido e das caricaturas e *charges* insinuantes, a *Revista da Semana* occupar-se-á com especial cuidado de tudo o que interessar possa os Estados da União, formando assim um conjuncto de utilidade e de agrado geral.

Bibliotheca do JORNAL DO BRASIL
e da REVISTA DA SEMANA

MAURICE MONTÉGUT



CAMINHO DA MORTE

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO
—
1909

REVISTA DA SEMANA
25 de Abril de 1909—1

CAMINHO DA MORTE

Primeira parte

Carreira do amor

I

Na vespera da batalha de Austerlitz, pelas 9 horas da noite, o imperador sahi da sua tenda, contemplou um instante as fogueiras morticas dos bivaques austro-russos, alvejando para além do rio, que derivava serenamente pela planicie, defronte das linhas francezas, e ordenou aos seus ajudantes de campo que montassem a cavallo, e, por sua vez cavalgou.

Não havia luar. Um nevoeiro glacial, que se levantara ao pôr do sol, mais espessas fazia as sombras nocturnas.

Em semelhante escuridão custava atinar com a estrada; mas os batedores da escolta tiveram a feliz idéa de accender archotes, feitos rapidamente de ramos de pinheiro envolvidos em palha.

Rubro clarão illuminava a pequena escolta em marcha.

Ao longe, os soldados reconheceram o estado-maior imperial.

Então, como obedecendo á mesma voz de commando, milhares de archotes improvisados com mãos cheias de palha, arrancada ás barracas, incendiaram-se vivamente, espalharam-se á esquerda e á direita, estenderam-se em linha im-

mensa, enquanto os tambores ru-favam nos campos e as musicas dos regimentos francezes irrompiam em alegres fanfarras.

Sessenta mil boccas gritavam sem descanso:

— Viva o imperador!

Do alto das collinas, os inimigos, sombrios mudos e immoveis, puderam observar a luz e os movimentos do campo francez, entusiasticamente animado.

No dia seguinte, 2 de Dezembro, era o anniversario do coroamento do imperador. Esta coincidencia, que lhes parecia auspiciosa, redobrava a confiança das tropas, fanaticas pelo seu invencivel chefe.

Tranquilla passou a noite.

Ao romper da aurora começaram a troar os canhões. Napoleão, rodeado pelos seus marechaes, Lannes, Bernardotte, Soult, Bessiéres e Murat, distribuiu rapidamente a cada um papel proprio.

Todos partiram a galope, a juntar-se aos batalhões e commandal-os na batalha.

Como fosse dia claro, o exercito francez, levantado de arremeco, apprehendeu a escalada dos monticulos quasi a pique, onde os russos, im-

passiveis, esperavam nas suas posições.

Os batalhões francezes subiram a ingreme encosta, de arma no braço. Chegados a boa distancia, sau-

Era contagioso o entusiasmo.

— Começamos bem ! — disse Napoleão, sorvendo a sua pitada, porque o grande homem não esquecia nunca a caixa do rapé.



... Napoleão, rodeado pelos seus marechaes . . .

daram as primeiras linhas com uma carga de fuzilaria cerrada. Depois, atacando á bayoneta, carregaram e destruíram no primeiro choque, tudo o que encontraram na frente.

A musica tocava a marcha, por então muito popular:

Tiroliro, é furar-lhes as tripas

E os tambores:

*Rataplan tiroliro, tan plan,
rataplan, é marchar,
Tiroliro, é furar-lhes as tripas
Vamos rir a faltar !*

Foram os granadeiros d'Oudinot os primeiros a chegar. Vinte e cinco mil mocetões, com os seus *bonnets* de pello, tomaram posição na collina, e varreram para a planicie as massas compactas dos russos que iam recuando.

Na ala esquerda, o marechal Lannes batia e repellia o inimigo, lançando-o para terreno plano, onde a cavallaria de Murat, surgindo, acutilava e abria caminho.

No emtanto, o centro, commandado por Soult e Bernardotte, avançava por seu turno, vencedor em toda



Applicou o ouvido. Nada se mexia...

a linha do exercito e decide a retirada dos austro-russos, que Davout derrota, atacando-o de revez.

E' então que no céu, nublado e triste, appareceu de subito, esse raio de sol de Austerlitz, que ficou legendario. Vinha saudar a victoria das armas francezas e pôr scintillações á ponta dos sabres.

Porém, um dos regimentos de Soult, o 4º de linha, do qual era commandante titular o principe José, irmão do imperador, achou-se repentinamente em pessima situação.

Avançara de mais, e a cavallaria inimiga, assaltando-o de todos os lados, envolveu-o de modo que o deslocou e encravou. Os cavalleiros e os couraceiros do grão-duque Constantino, irmão do imperador Alexandre, — bizarra coincidência — tomaram-lhe a bandeira da aguia.

Immediatamente Napoleão lançou os mamelucos, os caçadores, e os granadeiros da cavallaria contra elle, commandados por Bessières e pelo general Rapp.

Terrivel foi o recontro e a confusão sangrenta. Depois, os esquadrões russos desbaratados e desunidos, dispersaram-se, retirando para além da aldeia de Austerlitz.

Soffreram consideraveis perdas e deixaram no campo incalculavel numero de mortos, feridos e prisioneiros, entre os quaes o principe Repnin, commandante da guarda de cavallaria. Este regimento de *élite* era formado pelos mais gentis manebos da aristocracia russa.

Foi particularmente maltratado, porque os soldados francezes sabiam das ultrajantes bravatas destes insolentes fidalgos, quando fallavam dos exercitos imperiaes.

Passaram-nos a espada implacavelmente, especialmente os grana-

deiros, encarnicados contra elles, atravessando-lhes o corpo com as compridas espadas e gritando ao mesmo tempo:

— Toma ! E' para fazeres chorar as damas de S. Petersburgo !

As columnas austro-russas fugiam em toda a linha. Foi um panico; confundia-se a artilheria com a cavallaria, a infantaria com as equipagens. Cada qual buscava salvar a pelle.

Uns lançavam-se aos charcos, porém, a infantaria alli mesmo os perseguia. Outros julgavam escapar á hecatombe por um caminho entre dous lagos; os hussards carregavam sobre elles e abatiam-nos fila a fila.

Finalmente, o grosso do exercito inimigo arriscou-se a buscar salvação sobre o gelo dos lagos.

Os lagos eram grandes e o gelo espesso.

Já cinco ou seis mil homens estropeados tinham conseguido chegar a meio do lago Satschan, quando Napoleão mandou collocar em linha a artilheria da sua guarda e fazer fogo sobre o gelo.

Acto continuo rebentou a crosta por todos os lados; a agua jorrou em repuxos; depois ouviu-se um estalido sinistro, seguido de um horroroso clamor de espanto e de morte.

Homens, cavallo, canhões, carretas, invadidos pela agua, afundaram-se lentamente, magestosamente, no abysmo entreaberto.

Alguns destroços humanos sobrenadavam em um ou outro ponto.

Fez-se pesado silencio.

A batalha estava ganha.

Porém, em uma extensão de duas leguas, jaziam os feridos e os mortos das tres nações affrontadas. Levantaram-nos durante todo o dia.

Comtudo, ao cair da tarde, restavam ainda muitos por todos os lados, dispersos na planície, sobre a neve, ou perdidos entre as ruínas das aldeias incendiadas.

Ora, no momento indeciso do primeiro crepusculo, quando tocavam a reunir para os postos avançados francezes, um official inferior das equipagens, afastando-se do comboio dos feridos, que estava a seu cargo, entrou, sósinho, no pateo, de uma herdade isolada, onde quasi todas as construcções tinham sido abatidas pela metralha.

Restavam de pé as paredes, mas furadas pelos canhões e apresentando enormes brechas.

Era sinistro o lugar.

O official inferior, a meio do pateo, gritou com voz forte:

— Olá ! O gente ! Por aqui. Está ahí algum ? Respondam ?

Applicou o ouvido. Nada se mexia. Silencio profundo e triste pairava sobre as ruínas.

Tornou a gritar:

— Ninguém ! Não ha ninguém aqui ?

De repente estremeceu. Julgara aperceber um gemido. Voltou-se e proseguiu em altos brados:

— Despacham ou não despacham ? Então ? Estou a espera.

E escutava com duplice attenção.

Nisto, um murmurio, como que um debil suspiro, ergue-se de entre as ruínas:

— A mim !

Desta vez não havia duvida. O official inferior atravessou um monticulo de esterco, correu a um panno de muro surribado e inclinou-se vivamente.

Diante delle, na lama, jazia, apertado na brilhante armadura, um dos jovens officiaes, desses bel-

los cavalleiros da guarda, cujo orgulho e jactancia ainda de manhã triumphavam insolentemente.

Rolara-lhe o capacete a tres passos de distancia. Tinha o sabre preso pelo cordão ao pulso inerte, estava cheio de sangue, livida a face. Um pouco distante via-se a rigida e negra massa do cavallo que montara.

— Boa presa, — pensou o official subalterno. — E' algum principe russo.

Mas o ferido, fazendo um supremo esforço, recuperou num momento folego e palavra. Estabeleceu-se então um dialogo entrecortado.

O mancebo interrogava:

— A batalha ?

— Ganha !

— Por quem ?

— Por nós.

— Mas quem ?

— Os francezes, já se vê.

— Ah ! — o senhor é francez ?

— Disso me prezo.

Um doloroso estremeamento agitou o semi-cadaver.

Continuou, porém:

— Quem é o senhor ? Como se chama ?

— Jeronymo Cantenor, de Correze, quartel-mestre da comitiva de ambulancias, para o servir, e o senhor ?

— Ah ! eu !... disse o mancebo com voz hesitante, sou o principe... Borossoff.

— Ah ! — replicou o outro. — Onde está ferido ? Vou chamar homens. Daqui a um quarto de hora estará na ambulancia, e, em quinze dias, firme nas pernas como uma rocha, meu principe.

“Na sua idade tudo sara depressa.

Estas ultimas palavras foram ditas de um jacto, sem que o caval-

leiro da guarda pudesse antepor a minima syllaba.

Por fim conseguiu dizer:

— Estou perdido, senhor, bem sei. Tudo é inutil. Uma bala no

O senhor é official subalterno, homem honrado, sem duvida?

— Pudera!

— De resto, não posso escolher. Confio em si. Ouça bem. Ha, na



Estas palavras foram acompanhadas de uma risadinha secca

ventre, e o femur partido. Tenho a minha conta.

Nesse momento Cantenor fez uma observação, que teve a imprudencia de exprimir em voz alta:

— O senhor falla lindamente francez, para ser cossaco.

O principe Borosoff fechou os olhos e murmurou:

— Estive muito tempo em França.

Em seguida, e tão depressa lh'o permittiu a fraqueza, proseguir com um sorriso de mão presagio:

— Deixemos isso... o tempo vò... são preciosos os momentos.

sella do meu pobre cavallo... alll... vê?

— Vejo!

— Está lá um sacco. Nelle estão duzentos luizes. E' a sua preza.

Cantenor saudou, mas o russo continuou:

— Tambem ha uns papeis: esses papeis vae o senhor queimal-os á minha vista, sem olhar para elles, nem lel-os. Sabe? São cartas de amor, que poderiam comprometter uma senhora de alta categoria. Comprehende, camarada?

— Perfeitamente.

— Feito isso, — continuou o ca-

valheiro da guarda, — pegará o senhor em uma pistola que encontra nos coldres do arção, e segurarmé-a a mão para eu queimar os miolos. Soffro immenso. Faculteme o golpe de misericordia. E' um favor que os soldados se devem, quer sejam amigos ou inimigos. Não é assim?

Cantenor reflectiu e franziu a testa.

— Comecemos pelo principio, — disse elle, — vejamos o tal sacco.

E sem responder ao mancebo, dirigiu-se para o cavallo morto, abaixou-se, desafivelou um pequeno sacco, preso á sella por uma correia, abriu-o, palpou o ouro com os seus dedos experientes, e voltou vagarosamente.

O ferido seguia-o com olhar ansioso.

— As minhas pistolas, — gritou elle, — olhe que se esqueceu das minhas pistolas!

— Sempre quer? resmungou Cantenor encolhendo os hombros.

— E foi desta vez buscar as pistolas, que atirou para cima da neve.

— Obrigado! — pronunciou Borosoff, soltando fundo suspiro.

De pé, diante d'elle, o quartel-mestre da ambulancia murmurou:

— Agora é necessario vêr claro.

— Para fazer o que?

Cantenor mordeu a lingua, e replicou logo:

— Quero dizer... para queimar os papéis é indispensavel ter lume, com a breca!

Estas palavras foram acompanhadas de uma risadinha secca.

Segurou o sacco entre dentes, e com as mãos livres remexeu vivamente nas algibeiras, das quaes tirou uma rolha de palha, vinte cen-

timetros de pavio de um fuzil de ferir lume.

Esfregou a pedra na palha, que se inflammou, e um segundo depois estava acceso o delgado cirio.

Cantenor alegrou-se.

— Vejam como nós somos na tropa, nunca temos embarços!

Nas espessas sombras da noite, o bruxoleante clarão illuminavalle o rosto. Sem duvida o cavalleiro principe lamentava neste instante ter confiado nelle. Porém, consoante dissera, não havia meio de escolher.

Realmente o quartel-mestre não se recommendava pelo aspecto. Definhado, trigueiro, testa duramente avincada, olhos cynicos, não devia possuir boa alma.

Voltou-se, fincou o pavio de cera ao abrigo do vento na fenda de um muro, e depois de guardar os luizes no bolso, agarrou os papéis com a maxima tranquillidade e examinou-os.

— Queime! Queime! — bradou o principe Borosoff com voz imperiosa, tornada vibrante e forte pela intensidade da angustia.

— Socego! Socego, mancebo! A precipitação é sempre prejudicial. Uma pessoa nunca deve destruir qualquer consa, sem saber o que destróe, — pronunciou sentenciosamente Cantenor, agitando em um gesto de acalmção.

E abriu um maço de cartas com egual impassibilidade.

— Canalha! rugiu o cavalleiro fidalgo.

Por um esforço sobrehumano endireitou-se, estendeu o braço direito, pegou no sabre, mas desfalceou.

A arma tornou a tombar.

Cantenor limitou-se a recuar um passo.

E sem a minima emotividade, applicou-se a decifrar os endereços, e leu em voz alta:

— Ao Sr. Conde de Armando de

*Duque d'Enghien, este martyr...
Rivière, Polignac... Brustart...
Prunget... Immarmourt... o usur-
pador... Bonapart, Provença, d'Ar-
tois, o joven rei, o verdadeiro rei,
o prisioneiro do Templo, perdido,*



... descarregou a arma ao acaso, sobre aquella pilha inerte de carne...

Theix, principe de Groix, tenente da guarda de cavallaria do principe Constantino.

O quartel-mestre monologou:

— Temos outra, uma e uma fazem duas, e duas quatro, cinco, seis. Todas com o mesmo nome. Não ha duvida, Tu,... tu, és tão russo como eu. Vamos, vendo... isto cheira-me a caso.

Ao acaso abriu uma folha, e percorreu-a com a vista. Nomes brilhantes lhe saltaram aos olhos "O

louco de amores pela rapariga corsa".

Nomes de mulheres tambem.

A Duqueza de Chevreuse, madame da Cusline, a Marqueza d'Etioles, a Condessa de Guiche.

E muitas vezes *Paulina Borghese.*

Cantenor não quiz vêr mais. tornou a dobrar os papeis, que foram fazer companhia aos luizes no fundo da sua algibeira.

Approximou-se do mancebo, mo-

ribundo, que estertorava agora, com uma espuma de sangue nos lábios, inclinou-se profundamente e disse:

— Sr. conde Armando de Theix, príncipe de Groix, tenente da guarda de cavallaria, emigrado, traidor à patria, renegado e transfuga.

“São, estes os seus títulos! Conde, príncipe, eu o saúdo!”

— Miseravel! balbuciou o ferido em um suspiro extinto.

O outro, sem pestanejar, ia dizendo:

— Fique certo de que os seus papeis em boas mãos cairam. Dentro em poucos dias sua excellencia José Fouché, ministro da policia, estudal-os-á com o devido interesse. Se os seus amigos passarem algum máo bocado, é por sua culpa.

“Na vespera de uma batalha é prudente queimar por máo propria taes cartinhas de amor, entende?”

— Bandido! Ladrão! Soldado de Bonaparte! — conseguiu ainda pronunciar o moribundo desesperado.

O official inferior patriota sentiu-se esta vez vexado. Abaixou-se, levantou a pistola caída sobre a neve, e pronunciou, em voz que suppoz grave:

Traidor a tua bandeira, príncipe, mandar-te-ia fuzilar. Em nome do imperador, executo-te!

E a tres passos, sem fazer pontaria, porque este juiz não estava, talvez, bem seguro da sua consciencia, descarregou a arma ao acaso, sobre aquella pilha de carne offegante que ainda uma vez estremeceu, agitada pelas ultimas convulsões.

A esta vista Cantenor fez uma careta e sentiu necessidade de desculpar-se.

— Foi elle que pediu, —concluiu elle.

Rodou então sobre os calcanhares, fez meia volta e sahiu da herdade, a passo cadenciado!

Deixava atraz de si, nos horrores da noite glacial, o cadaver do cavalleiro da guarda, ensopado em sangue o lodacento solo e destinado a ser banquete de corvos e lobos.

Andando e assobiando, fazia tintilar o ouro na algibeira e repetia a miudo:

— Não perdi o dia, não!

E deste modo foi ter aos postos avançados francezes; disse quem era e passou.

.

Jeronymo Cantenor, de Corrêze, não era um soldado ordinario. Aos vinte e sete annos tinha já um passado tumultuario e cheio de aventuras, não todas dignas de louvor.

Seu pae mantinha uma lobrega estalagem na meia encosta da eminencia do Mar-Chevalier, na orla da floresta de Cubesse.

Durante seis mezes do anno as neves isolavam-na. Era pousio de máo aspecto e peor de reputação. Bastava a taboleta para afastar freguezes.

HOSPEDARIA DO ENFORCADO

Provinha-lhe este sinistro nome de um antigo proprietario que acabara mal.

Os viajantes alli eram sempre raros, porém, era permanente.

Aos quinze annos, Jeronymo, farto de semelhante penuria, e desejando correr terras, foi-se embora, em uma bella manhã, sem dizer adeus, deixando lá toda a familia, pae, mãe, irmãos e irmãs.

No fim de dez annos nada sabia delles.

Manda a verdade que se diga que, se elle não era boa prenda os outros não valiam mais.

O estalajadeiro Cantenor era aspero para a mulher e para a rapaziada, e quando não havia pão, distribuia sopapos a torto e a direito.

Por consequencia a alegria era hospeda de fugida na Estalagem do Enforcado.

Os filhos eram ariscos, a mãe intratavel e todos arengueiros.

A mãe morreu nova.

Abalou, portanto, Jeronymo, apoiado ao seu bordão, de manta ás costas e tamancos nos pés, mas sem um *sou* na algibeira.

Um caminhante perguntou-lhe no caminho:

— Onde vaes tu, garoto?

O garoto respondeu muito senhor de si.

— A Paris.

Era no principio do anno de 1793. Paris dançava a *Carmagnole*! Os pescadores de aguas turvas podiam fazer bom jogo.

Durante a viagem, o rapazote viveu da pilhagem.

Chegado a Paris teve a fortuna de ser engajado por um padeiro humanitario e patriota.

Deixava o bom do homem carbonisar as fornadas, ou tinha o forno ás moscas, para ir aos clubs ouvir os oradores.

Entrou a levar comsigo o pequeno Cantenor, que em breve tomou gosto aquillo.

Desta sorte assistiu elle a todos os tragicos acontecimentos desse anno de sangue, sem nada lhe escapar.

A eloquencia dos tribunos punha-lhe a cabeça á roda, até ao delirio. Mais tarde, quando lhe nasceu o

buço, elle mesmo pregou ás massas.

Acclamou successivamente os girondinos, os jacobinos, Brissot, Verguiau, Dantayn e Robespierre. Rugiu dolentes imprecações na morte de Marat; seguiu Carlota Corday até ao cadafalso, e applaudiu o algoz que pegando na cabeça, separada do tronco, da executora do feroz revolucionario, a esbofeteou impiamente perante um publico sedento de sangue, com a suggestão das horriveis carnificinas.

Congratulou-se com os monstruosos assassinios de *madame* Roland, de Maria Antonietta, e testemunhou a morte de Dubarry.

Bem pôde dizer-se que todas essas crueldades foi Cantenor um cumplice moral.

Entrementes habituara-se a beber com os *sans-culottes*. Formara-se o seu espirito, sem preocupações sentimentalistas.

O padeiro, seu patrão, foi nomeado presidente de uma secção e escolheu Cantenor para secretario.

O rapaz não sabia ler nem escrever, mas aprendeu depressa e não duvidou mais do futuro.

Notabilisou-se logo na bonita prenda de denunciante. Inventou individuos suspeitos e, não obstante a sua mocidade, foi, durante o tempo do Terror um dos mais assíduos fornecedores da guilhotina.

Depois afundou-se.

Aos vinte e dous annos reaparece cabo do 1º regimento de hussards — antigo Berchény — com o seu uniforme encarnado, bigode facanhudo, rabicho, fazendo parte do bando, denominação dada a essa confraria de vagabundos e libertinos de todos os esquadrões do 1º de hussards.

Em 1804 era um dos duzentos cavalleiros commandados por Or-

doner, que, em um arrojado lance, se apoderaram do Duque d'Enghien, senhor do castello de Etteimheim, no grão-ducado de Bade, a tres leguas do Rheno, e o levaram

à luz de um archote, examinou elle com mais attenção as cartas do Conde de Theix, que o acaso lhe puzera nas mãos.

Eram todas dataâas de Inglater-



Fouche sorriu . . .

prisioneiro para o pequeno forte de Vincennes, onde acabou os tristes dias.

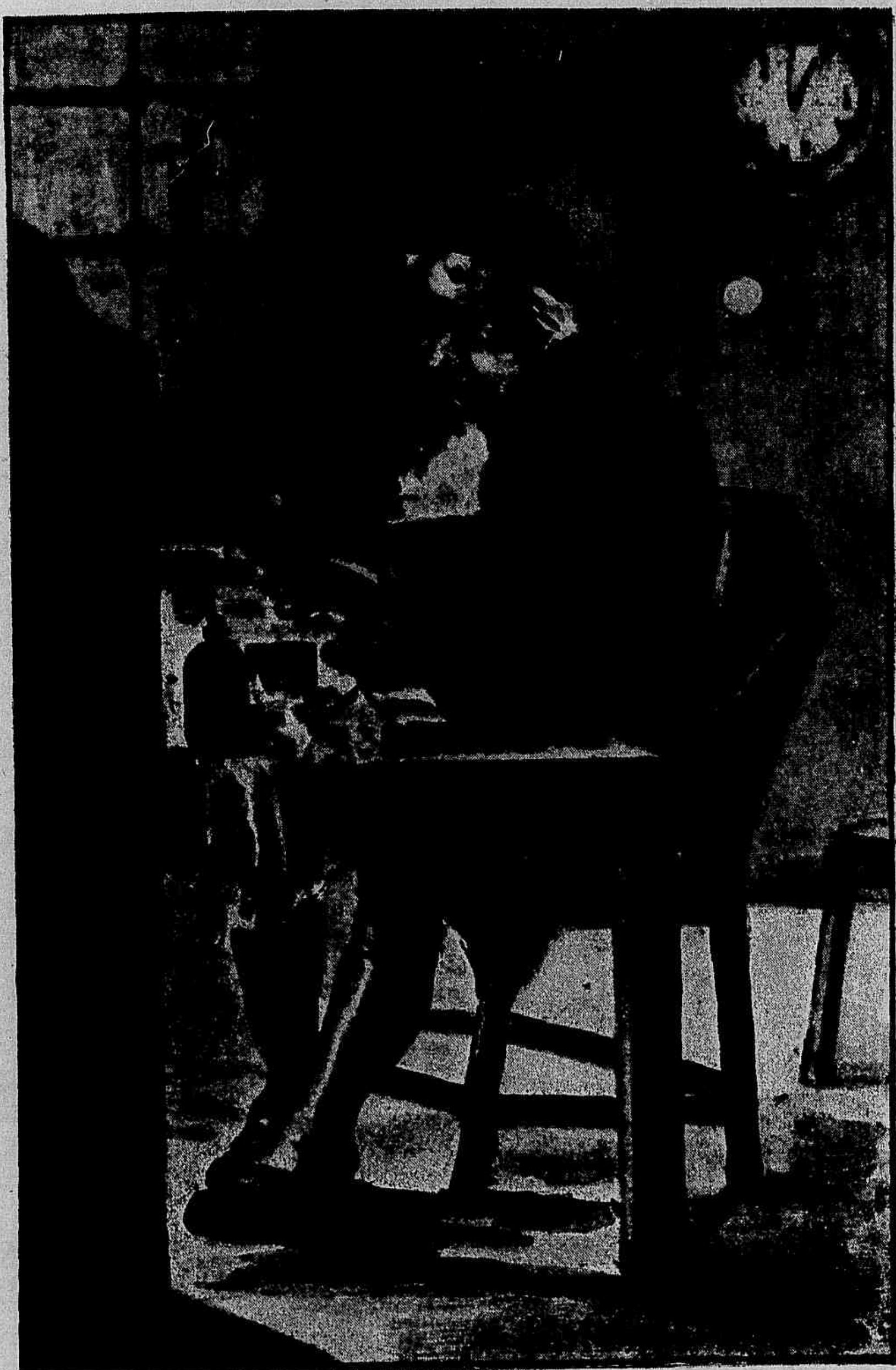
Em consequencia desta duvidosa proeza, que desgostou os mais ferrenhos imperialistas, foi Jeronymo Cantenor promovido a sargento quartel-mestre das ambulancias de campanha, e no anno seguinte acompanhava Napoleão na campanha com a Austria, terminada com a victoria de Austerlitz para o Imperador, e por um lance de fortuna para o quartel-mestre.

A' noite, quando todos os camaradas dormiam no acampamento, em volta d'elle, estendidos na palha,

ra, natural refugio dos inimigos da França.

Nenhuma tinha assignatura, mas a evidencia impunha-se. Havia alli o bastante para elementos de conspiração embryonaria. Bastavam, como prova, os nomes de Revière, de Polignac, realistas do sequito de Cadoudal, agraciados pelo Imperador com o perdão da pena de morte e detidos em Vincennes.

Havia, porém, mais o nome de Bruslard, realista irreductivel e intangivel, illudindo sempre, sem descanço, os agentes de Fouché, os genêarmes de Savary e votando abertamente a sua vida á morte do



O tio Boran

tyranno do paspalhão do Bonaparte, como diziam os do seu partido.

Ora estes nomes, reuniões, indicavam um conluio de novas machinações, secretas ainda, contra o imperio recém-constituído.

Cantenor não cabia em si de contente.

Um sonho que elle acariciava ha um bom par de annos ia tomando visos de realidade.

Assim, quando, dous mezes depois mercê de reiteradas instancias, viu abrir-se-lhe a porta de Fouché, quando poz os seus papeis na mesa do Ministro, quando se convenceu da alta importancia dos documentos que lhe levava, e elle lhe perguntou o que desejava em recompensa, o denunciante respondeu, sem hesitar:

— Um logar na policia. Acabei o tempo de serviço, estou com baixa, mas posso e quero ficar sendo util.

Fouché sorriu. Agradava-lhe aquelle patife atrevido e manhoso. Admittiu-o logo no serviço da espionagem particular, e decerto não se arrependeu, em especial no começo.

Jeronymo Cantenor fez-se um bom agente politico. Era a sua vocação, pretendia elle com razão, ou sem ella. Debutou com exito, e desde o estio achou meio de comprovar as suas habilidades.

Eis como:

Apenas integrado nas suas funções, o primeiro cuidado foi indagar, por si mesmo, do destino das personagens, cujos nomes copiara das cartas do Conde Armando de Theix, morto, segundo elle acreditava, com a sua intervenção.

Polignac e Riviére continuavam detidos em Vincennes.

Na pista do cavalheiro Guérin

de Bruslard perdeu elle o tempo e os passos.

Viajou entre Caen e Bayeux, Saint-Lô e Volognes, sem nunca encontrar esse a quem denominavam — o intangivel.

Nem traços, nem indícios.

Foi mais feliz com os Srs. d'Immarmont e Prungey d'Hautresme. Soube que os unicos gentis-homens desses nomes, existentes na França, habitavam ambos o castello dos Palis, proximo a Compiégne.

Estes dous emigrados reconciliaram-se com os acontecimentos e pareciam viver afastadissimos de cuidados politicos, occupando-se só com as suas terras. Um e outro orgavam-se pelos vinte e cinco annos de idade.

O Conde João de Prungey tinha uma grande paixão por sua prima Isabel d'Immarmont, e esta retribuia-lh'a com a maior ternura.

Se toda essa gente tinha designios tenebrosos, occultavam-nos maravilhosamente.

Na sua vida de camponeses não incidia a mais simples suspeita.

Em todo o caso sabia-se onde elles estavam, para o que dêsse e viesse.

Pouco experiente ainda na sciencia das intrigas, Cantenor desdenhava as mulheres, e portanto, consoante o seu modo de pensar, restava só a mysteriosa personagem, esse joven rei, qual rei? que as cartas diziam louco de amor por Paulina Borghese.

A pista era facil e conduzia a Roma.

Lá Jeronymo Cantenor teve muitos motivos de pasmo. Observou, tomou notas, e convenceu-se de que os seus ensaios eram trabalhos de mestre.

Fouché encorajava-o, recomen-
dando-lhe silencio e discreção.

Breve regressou de Roma a Pa-
ris, seguindo passo a passo um bel-
lo mancebo com feições de menina

antes, elle era a sombra do man-
cebo; não o perdia de vista um uni-
co instante.

Entregal-o, seria uma verdadeira
sorte, porque o desventurado moço



Este mancebo, tão perigoso por si proprio...

e grandes olhos azues escuros, de
raro encanto.

Dizia chamar-se Sr. de Gran-
dlys.

Parecia ser muito nobre e inspi-
rar grandes affectos e grandes de-
voções, e todavia, no passão como
no presente, era um dos seres mais
perseguidos, mais infelizes, e mais
injustamente desgraçados que têm
vindo ao mundo.

Em uma tarde de Junho, pelas
sete horas, Cantenor transpunha,
atrás d'elle, a barreira de Roule,
onde chegava então a aldeia de
Neully.

Nas ruas, por entre os transe-

era proscripto quasi desde o nasci-
mento, proscripto durante o Terror,
proscripto pelo Directorio e pelo
Consulado, tal como pelo Imperio.

Se os Bourbons tivessem sido re-
integrados no seu throno ancestral,
razão maior invocariam para lhe
manter a proscrição.

Cantenor sabia actualmente tudo
isso.

Este mancebo, tão perigoso para
si proprio, metteu-se a passo rapido
pelo bairro Santo Honorato.

Entardecia lentamente. Um pôr
de sol maravilhoso. Crianças brin-
cavam no meio da rua; ás portas
das casitas, espaçadas e baixas,

mulheres de pé ou sentadas, conversavam a respeito das suas misérias, enquanto esperavam que os homens, maridos, paes ou filhos, voltassem do trabalho.

Os ultimos reverberos do sol pallido douravam os escuros telhados e davam a uma vidraça, lá ao longe, a côr viva de um incendio.

Immensa dogura, a serenidade das estações clementes, profusas na atmospheria, aconselhavam esperança, cantavam a alegria do viver.

Todavia. o Sr. de Grandlys, sem notar esta paz immanente e escutando apenas em si a voz do preterito, apressava-se, através da grande scena de acalmação.

Cantenor a vinte passos, esbafo-ria-se a segui-lo e murmurava, mordendo o bigode:

— Onde demonio vae elle com tanta pressa? Não tem graça nenhuma obrigar uma pessoa a um tal calor. Irra!

De passagem, lançou um olhar de inveja para o interior de uma taberna, onde alguns operarios e soldados, sentados á mesa, despejavam copos e garrafas. E disse mais, com um fundo suspiro de magua:

— A ordem é marchar, marchemos. Ha de chegar a minha vez de rir e beber bem.

Sem alterar o andamento, o mancebo desceu o caminho.

Defronte de uma pequena casa baixa affrouxou a marcha, hesitou, mas seguiu para diante.

Deste modo cortava a rua d'Anjou, inclinava á direita, pela rua do Bom Bacalhão, e desemboccava, enfim, na praça da Concordia.

Alli, parou e contemplou de longe, o scenario que se lhe offerencia aos olhos.

A enorme praça, nessa hora de

tranquillidade, mais vasta ainda parecia, solitaria e desoccupado o centro, onde primeiro estivera a estatua de Luiz XV, substituida, depois, pela estatua da Liberdade.

Provavelmente, Grandlys evocava outra época e tambem outro aspecto deste logar legendario.

Imaginava, na sua abstracção, uma compacta massa de creaturas, ululando, em volta de um patibulo levantado sobre uma terra sempre vermelha. Ouvia estrondear a *Carmagnole* e o surdo ruido do cutello.

Era alli, cem metros adiante d'elle, que doze annos antes funccionava o *Moinho do silencio*... a *Navalha de barba nacional*, a medonha guilhotina, nunca saciada de sangue e vidas humanas.

Alli cahiram milhares de cabeças. Alli havia espirrado a nobreza da França, alli foram mortos Luiz XVI e Maria Antonietta, e com elles a realaleza.

O mancebo levou lentamente a mão ao chapéo e descobriu-se, e ficou-se longo tempo meditando, de cabeça erguida e olhos fixos nesta praça povoada de visões.

Dissimulando-se por detraz de uma grande arvore, distante trinta passos, Cantenor não o perdia de vista.

Esteve mesmo tentado, um instante, a imitar aquelle que o espiava, e a saudar tambem.

Reteve-se por principios; todavia conservava-se grave, abanava a cabeça e pensava:

— Ah! Compreendo a peregrinação!

Decorreram vinte minutos. O Sr. de Grandlys não se movia. O agente de Fouché bocejava por detraz da arvore e impacientava-se.

Por fim o mancebo estendeu os

braços em um gesto de adeus e seguiu, vagarosamente, pelo lado da rua Real.

Cantenor foi-lhe no encalço, rua em fóra, e depois pela rua do Bispo e rua d'Anjou.

bonnets (1), atraz das ensanguentadas carretas, que levavam a trote largo os corpos dos suppliciados.

Ao fim da rua d'Anjou, Grandlys fez alto diante de uma casa de dous andares e de excellente ap-



Deixava á retaguarda a nova egreja da Magdalena, elevada pelo pensamento de Napoleão a templo da Gloria e cujas pesadas columnas acanaladas pouco sahiam da terra; á esquerda a egreja velha da mesma invocação demolida pouco a pouco, porque o bairro transformava-se hygienicamente.

Todo o comprimento da rua de Anjou era orlado de fachadas de casas particulares, recém-construidas no terreno das religiosas benedictinas. Grandes arborisações, restos da antiga cerca, debruçavam fóra das paredes os ramos cheios de sorridente folhagem.

Mais uma vez Cantenor se sentiu perplexo. Onde iriam, bom Deus? Todavia deveria ter adivinhado.

Bastas vezes andara elle este caminho outr'ora no bom tempo dos

... Cantenor, encontrou Grandlys...

parencia. Levantou o argolão da porta, deixou-o cahir e esperou.

O policia, encolhido a um recanto, mirava sempre, mas de revez, e

(1) Dava-se este nome aos realistas exaltados que na Vendéa luctavam pela causa legitimista. "Chouan" era epitheto despresivel de invenção napoleonica, tal como o de "burros" e quejandos com que os liberaes portuguezes injuriavam os partidarios de D. Miguel durante as luctas politicas de 1828-33.—N do T.

não perdia um só dos movimentos do mancebo.

Entreabriu-se a porta; houve um breve colloquio entre o recém-chegado e um individuo do interior da casa. O primeiro supplicava, instava; o segundo parecia hesitante e oppôr difficuldades; por fim annuiu e Grandlys transpoz o limiar.

Acto continuo Cantenor sahiu do recanto, e em tres largas passadas achou-se em face da casa, de ora avante suspeita.

Chegou precisamente quando a porta ia cahir no batente. Susteve-a com a vigorosa mão, afastou-a, e por seu turno entrou tambem.

Um homem edoso recuara diante delle com assombro:

— Senhor, senhor! Aqui não se entra! — Quem é o senhor?

Cantenor não se atrapalhou; respondeu bruscamente:

— Entro onde os outros entram. Quem sou? A policia, meu bom homem! Cala-te... ou... cautela! Tu recebes aqui proscriptos. Eu vi. Vamos, deixa-me passar!

— Ah! senhor! — exclamou o velho desorientado. — Se soubesse, se tivesse ouvido aquelle mancebo! Seu pae e sua mãe foram enterrados aqui!

— Enterrados aqui? — atalhou Cantenor. — Ah! é boa? Que cantiga é essa? Onde diabo estou eu, então?

O velho respondeu gravemente:

— E' aqui o antigo cemiterio da Magdalena.

— Diabo! E' verdade! resmungou Cantenor. Mas é o mesmo, devo vêr.

E passou.

O antigo cemiterio, depois do

Terror, fôra comprado pelo causidico Olivier Desclozeaux.

Realista de inabalaveis convicções, entendia assim salvar da profanação essa terra ensopada em sangue, onde repousavam os mutilados corpos do rei, da rainha, de Carlota Corday, preciosos restos para elle.

E tambem os ossos dispersos de *madame* Roland da Dubarry do duque de Orleans, dos Girondinos e ainda — é extraordinarios encontros na morte! oh! de Robespierre, Hanriot, Couthon, Dumas, Hébert, de mistura com os dos suissos, assassinados no 10 de Agosto, e dos milhares de aristocratas decapitados durante os annos de sangue.

Cemiterio outr'ora, jardim actualmente.

Deste modo, máo grado as precauções dos regicidas, que faziam queimar por meio de cal os cadáveres truncados das suas grandes victimas, para que de futuro ninguém tentasse *divinizar os restos dos tyrannos*, podia fazer-se a peregrinação dos ultimos fieis, aos ultimos vestigios dos cortezaos sem côrte, á realza morta.

Cantenor seguiu por um estreito corredor e logo se encontrou no recinto funebre.

Havia alli profusão de arbustos, e de cruzeiros marcando logares.

Ao fim de uma aléa estreita Cantenor encontrou Grandlys, inclinado diante de um monticulo, resguardado por uma grade de madeira, sobre a qual se enlaçavam dous salgueiros.

Eram as sepulturas reaes, no angulo de um muro, proximas de um poço, em sitio isolado.

Cantenor era valente na guerra. Bastantes vezes havia atacado, debaixo de rija metralha. Acutilador endiabrado, apanhara também a sua conta, e a sua pelle arrepanhada, verdadeiro mappa de costuras, afirmava bem alto a innegavel bravura que o caracteriva.

A' luz do dia, em campo razo, jurava que não acreditava em Deus nem no diabo, e não mentia.

Mas todos têm as suas fraquezas, e elle não respirava bem nos cemiterios, especialmente em chegando a noite.

Ora neste momento começava a escurecer.

O policia sentia um calafrio ao longo da espinha, e olhava em redor, um tanto inquieto.

Recordava.

Quantas vezes, quando garoto, e afilhado da Republica, como elle se dizia, tinha acompanhado alli, as carradas de guilhotinados, só pelo gosto de os ver dar a derradeira cambalhota para os covaes!

El fazia-se aquillo ao berreiro das megéras e da gaiatada, ululando em côro o *Ca-ira*.

Julgou ver a Dubarry, desguedelhada, cheia de pavor, implorando perdão; a rainha silenciosa; *madame* Roland, altiva, e sobretudo as mulheres que elle injuriava no derradeiro momento, com ferozes assobios e gestos obscenos.

A terra não estava a agitar-se acolá? Não, não, que tolice! Mas aquelle cypreste, além, naquelle massiço parece um vulto de mulher negra, sem cabeça! Porque será?

Pudera! O local era lugubre. Cantenor ouvia vozes debaixo dos pés. Se todas essas covas fossem abrir-se? Se de cada uma, dema-

siado cheia, saltasse um monte de ossadas?

Se todos apparecessem, trazendo na mão direita a sua cabeça decepada?

Elle sentiu uma vertigem. Teve suores frios.

Recuou passo a passo, e entrou em casa.

O velho parecia esperal-o.

Puxando a falla com grande susto o policia espião perguntou:

— Não ha outra sahida?

— Não.

— Está bem, vou-me embora. Nem uma palavra a esse mancebo, senão...

— Não direi nada.

— Perfeitamente, boa tarde!

E sahiu do jardim da casa, como quem foge de um ninho de serpentes.

No entanto o Sr. de Grandlys conservava-se immovel perante as sepulturas do rei e da rainha.

Tambem elle visionava.

Estava evocando a sua ditosa infancia; Versailles, Trianon e os formosos jovens, duquezas e marquezas, que representavam de pastoras com cordeirinhos brancos enfeitados de laços azues. Das infantis dansas de roda conduzidas por princezas; das paradas de brilhantes soldados soberbos com as suas armas scintillando ao sol.

Parecia-lhe ouvir a chamada das trombetas nos pateos ladrilhados do grande palacio real, e depois, no salão branco dos intimos, a voz de Maria Antonietta cantando ao cravo.

Revia o castello de Compiègne, onde tão felizes eram, onde a etiqueta se esquecia em familia, e as Tulherias, de que elle gostava menos, bastante triste de inverno.

Depois, repentinamente mudava a scena. O ar luminoso, perfumado de essencias finas, cortado de risos e canções, obscurecia-se de rom-pante, cheirava a polvora, a suor plebeu, e retinia de gritos, ameaças, blasphemias.

E elle, criancinha, que não sabia senão sorrir, aprendia a tremer.

Findara o amor, a dedicação, a lenta fidelidade, vinha agora o odio de gorro vermelho, fazendo esgares, ao rufar de tambores.

Depois, Varennes, os dias inolvidaveis. O tempo emfim, e o captiveiro.

Nesses scenarios situava elle as personagens, por ordem, todos os amados de outr'ora.

E esses, quasi todos estavam debaixo dessa terra, após os longos calvarios e os horrorosos martyrios.

Estavam alli.

O mancebo chamou-os em um grito supremo, estendendo ancioso os braços tremulos.

Eis porém, que, antes os seus olhos visionarios, appareceu abrir-se, e que á sua voz sahiam do silencio os tragicos habitantes deste campo de repouso.

Allucinação, via-os surgir, taes como estavam, na sua ultima hora, ao pé do cadafalso.

Era ainda toda a côrte; de Versailles, de Trianon; os Principes, as Princezas, o Rei e a Rainha á frente do cortejo.

Caminhavam para elle, ternos e solennes, como se o passado se dêsse pressa em prestar homenagem ao presente, quicá tambem ao porvir.

Mas como elles estavam pallidos! Que terror ficára no fundo dos seus olhos!

E todas, todas, traziam em volta

do pescoço um collar vermelho, vestigio do sangue vermelho das bonitas aristocratas, traço do cutello, sob as suas cabeças novamente colladas.

Grandlys recuava perante estes espectros, phantasmas que enchiam o cemiterio e logo chegavam outros.

Era a grandiosa revista da nobreza e da realleza.

O Rei! A Rainha!

Rufavam, no campo, invisiveis tambores.

Aos seus ouvidos soaram canticos da Igreja, um hymno magnifico á gloria de Deus.

Subito, porém, rompe ao longe um ruido, surdo, indefinido a principio, rebentando furioso depois. Era a *Marselheza*, confundida com o *Ca-ira* e a *Carmagnole*. O rugido de um povo ebrio, que partira de muito longe e bebera em todo o caminho.

Ao mesmo tempo soprava a tempestade no espaço, vergando arvores, arrancando folhagem, levando telhas e ardosias.

E Grandlys, consternado, succumbindo ao horror, julgou vêr entre um turbilhão de sanguinolenta poeira levantada pelo cyclone, as cabeças de todos esses corpos que abatiam.

Então, não podendo supportar mais, voltou tambem para dentro de casa, guarda do deposito sagrado.

Agradeceu ao ancião em voz confusa e sahiu a passos largos.

Lá fóra, enxugou os olhos, inchados de lagrimas e partiu ao acaso.

Sem dar por isso, voltou á rua de Polonia, foi andando ao correr das paredes do hotel Soyecourt, do convento da Villa-Bispo, e passou,

silencioso e desaffectedado, por baixo da alta arcada que dá o seu nome á rua immediata.

Deste modo, achou-se na rua de Suréne.

Alli orientou-se e dirigiu-se outra vez ao arrabalde Santo Honorato.

Fizera-se noite; noite limpida, transparente, com sementaes de estrellas em torno de uma lua melancolica.

Cem metros atraz delle, Cante-nor apanhava-lhe de novo a pista e seguia-o cauteloso, abafando os passos.

Marcharam muito tempo ainda pelas ruas socegadas, desertas quasi.

Rareavam os transeuntes.

A meio do arrabalde, o Sr. de Grandlys parou junto de uma casa baixa, onde havia uma casa de relojoeiro ainda illuminada.

Esperou.

De longe, o espião viu-o entrar alli, após insignificante demora.

Decorreram minutos... um quarto de hora, meia hora. Apagaram-se as luzes; fecharam-se os postigos da loja.

— Bom! — murmurou o policia-espião. — E' alli a toca... Estás fígado meu melro!

Desceu alguns passos, chamou dous policias de segurança, que estacionavam mais longe, e deu-lhes ordens rapidas, designando-lhes a casa. Em seguida chamou um cabriolé, que ia passando sem levar gente, e deu a direcção.

— Cães Malaquez, Policia Geral. Depressa!

O cocheiro fez um trejeito mas chicoteou o cavallo, e lá foi a trote largo.

Ao cimo do arrabalde Santo-Honorato, que ao tempo terminava no

caminho do Roule, havia um beco com um lettreiro assim:

VIELLA DOS MAL VESTIDOS

Sem duvida em memoria de habitantes divorciados da elegancia.

Outr'ora esta viella, ladeada de muros esboroados, cheia de lama e toda a especie de immundicies, ia dar, depois de muitas voltas, ao muro do cemiterio dos vagabundos, nas alturas do actual parque Manceau.

Alguns annos antes, a phantasia de um proprietario tinha-a obstruido, a cem metros da rua principal, com um edificio sem nome, especie de barracão de um andar, onde a principio eram guardadas essas carretas de mão de que se servem os vendilhões ambulantes.

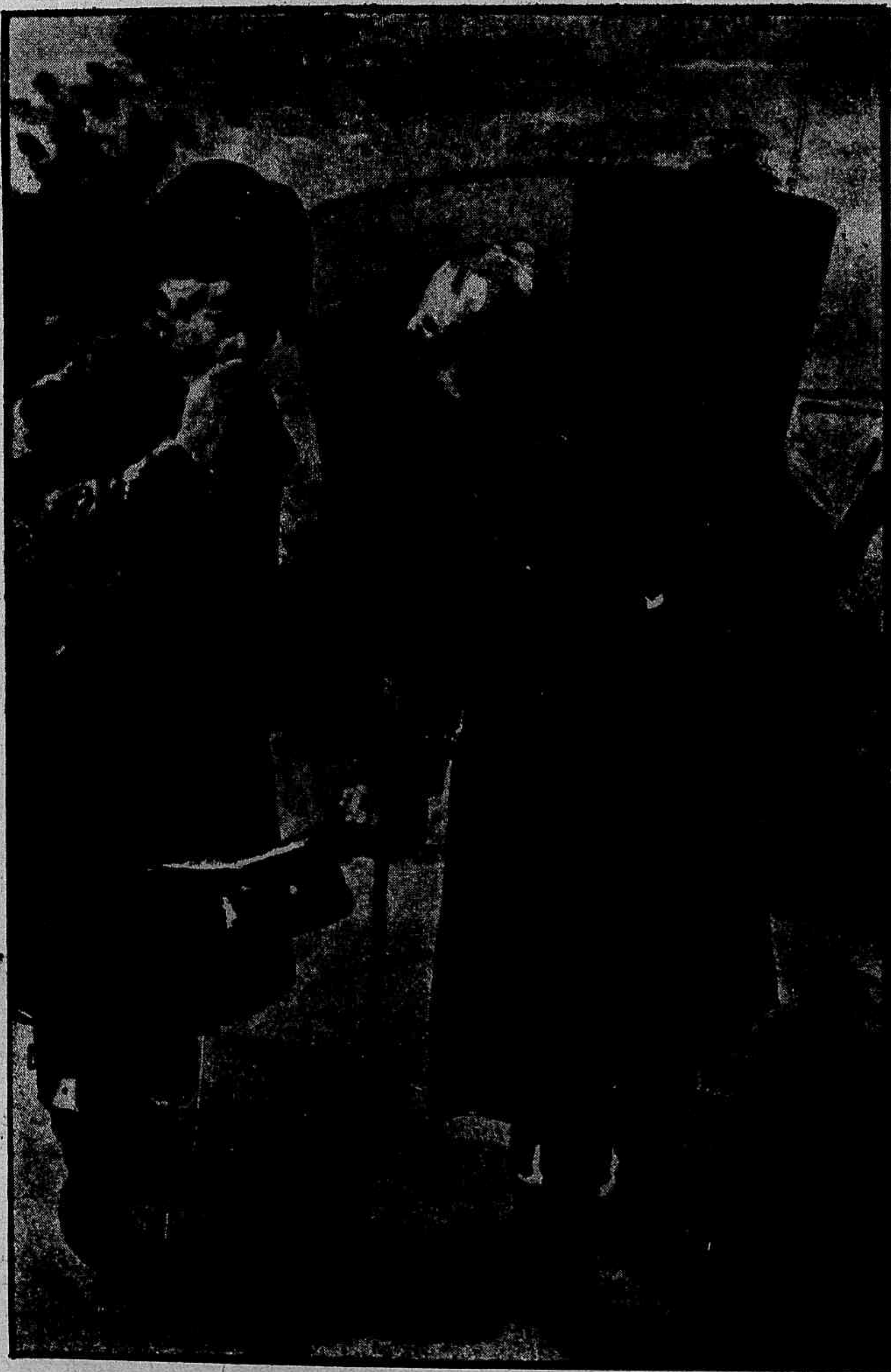
Depois a empreza dissolveu-se e o barracão abandonado cahiu em ruinas.

Em breve, pelas duas portas, uma ao norte, outra ao sul, restabeleceu-se a anterior circulação, através das salas vazias. O barracão fez-se viella. Comtudo, a passagem só era conhecida da gente do sitio, e para qualquer estranho continuava a ser o beco sem sahida.

O local não podia ser melhor, nem mais favoravel, para as escapadellas furtivas, desappareição subita de mysteriosos aventureiros e de personagens suspeitas, tão numerosas nesta época.

No angulo da viella e do arrabalde, com uma entrada especial para cada arteria, estava uma casa baixa, loja e compartimento interior, com habitação por cima e o telhado ponteagudo.

Alli morava, havia vinte annos, um modesto relojoeiro, chamado Jacintho Boran.



— Cantenor, se não queres morrer desgraçado, esquece-te
esta noite

Installára-se no local, algo sinistro, assás discretamente, trazendo consigo sua filhinha Renata, de eade de dous annos, o seu operario Blaisot e mulher, a gorda

Era, decididamente, gente pacifica.

O relojoeiro, com o seu barrete preto e a lente applicada ao olho direito, trabalhava todo o dia em



— Bom ! — murmurou o policia espião . . .

Joanna, incumbida de todo o serviço domestico.

Contava elle de boa vontade a seus numerosos visinhos que era viuvo e que se mudára do seu antigo bairro, o Marais, para fugir ás tristes recordações do passado.

No fim de tres mezes da curiosidade que excita qualquer nova individualidade, Jacintho Boran e os seus humildes, pontuaes, benevolos, tinham conquistado a estima geral, e ninguem delles se occupava.

Atravessaram o periodo revolucionario Terror, o Directorio, sem soffrerem a minima inquietação. O Consulado não os prejudicou, e o Imperio deixou-os egualmente calmos.

obras miudas que pareciam absorver-lhe a attenção. Mas, sentado á sua banca de trabalho, por detrás dos vidros de uma estreita janella, observava tuão o que se passava fóra e vigiava cuidadosamente a rua.

Um ou outro transeunte parava ás vezes diante da rudimentar exposição — tres relógios de zinco dourado, um velho relógio de parede, uma fileira de relógios de algibeira em prata, alguns brincos, alianças de ouro caixas para rapé, berloques de todo o genero, figas, argolas para crianças.

Embasbacavam á vista dos modestos objectos e como distrahiões batiam com os dedos nos vidros.

Se Boran se levantava logo, o outro punha-se immediatamente a andar com ares despreocupados; se o relojoeiro largava o trabalho e tirava o barrete, o individuo entrava resolutamente no estabelecimento.

Cantenor teria podido descobrir, mas á custa de quanto tempo e paciente observação.

Afóra estes mysteriosos viandantes, a clientela ordinaria do *tio Boran* conforme lhe chamavam, constava de velhotas e velhotes, mais ou menos tropegos, cheirando a bergamota e a tabaco hespanhol, sem duvida humanas religiosas do antigo regimen, insuspeitos por causa da sua senilidade.

Entravam, sentavam-se em cadeiras de pão, conversavam em voz pausada e baixa, enquanto o relojoeiro inspeccionava minuciosamente, algum antigo relógio de ouro, pretexto da visita.

O operario Blaisot, mettido ao seu canto, proseguia na tarefa. No compartimento por detraz da loja, onde era a cozinha, que servia tambem de casa de jantar, a rochinchuda Joanna arrumava a louça, ou preparava os guisados para a refeição.

Renata, primeiro criança, e depois adolescente, de pé, á porta, entretinha-se a vêr quem passava.

Podia encontrar-se, na verdade, nada mais innocente do que este pequeno commercio e os respectivos clientes?

Succedia, ás vezes, encontrar-se na loja de Boran um sujeito edoso com uma dama tambem nada joven. Seria por casualidade? Quem sabe? Eram conhecidos? Talvez.

Trocavam medidas, attenciosas delicadezas e mesmo certas confidencias, que ninguem surprehendia.

Ora de vez em quando apparecia tambem um estranho trigueiro, queimado pelo ar do mar, aspecto ousado, denotando algo de aventureiro.

Entrava, ajustava um relógio ou uma caixa de rapé, e pagava em papel moeda.

Havia cousa mais simples?

Quem podia saber se, nesse maço de papel-moeda, se introduzira alguma carta ou aviso, onde figurassem nomes formidaveis?

Todavia, durante o Terror e o Directorio, muitas vezes se adoptou esse meio de communicação.

Com as apparencias mais innocentes e socegadas, a casa Boran era um centro de conspiração realista.

Filho de um antigo laçajo de Luiz XV, o relojoeiro queria deveras aos seus Reis legitimos. Obscuro como era, servia-os a seu modo.

Mas as pequenas devoções prestam, ás vezes, grandes e importantes serviços.

Na agua furtada, debaixo do telhado pontegudo, havia um esconderijo.

Um retiro estreito, fechado por uma porta disfarçada na calça, accionando por meio de uma cavilha de pão, que se retirava quando o hospede tinha entrado.

A agua furtada estava vasia. Abrangia-se em um collar; em casa de visita domiciliaria o exame seria rapido. Nada alli havia, salvo as teias de aranha, enormes e respeitadas cuidadosamente. Media o esconderijo oito pés quadrados, e comportava dous homens, tres mesmo, em caso de apertos.

Mais alta que larga, coberta apenas pela armação do telhado, em forma de apagador, com as ardosias

desunidas, as vigas carunchosas, entrava-lhe o ar necessario á respiração, e tambem a agua em dias de chuva, inconveniente para quem lá se refugiasse.

Emfim, estava praticado no lado Este da agua-furtada, dando para a viella dos Mal-vestidos, solitaria de dia, absolutamente deserta de noite.

No interior havia duas enxergas, sem outra qualquer mobilia.

Alli dentro muitos chefes da insurreição realista tinham permanecido alguns dias, durante os ultimos dez annos, entre os quaes o Conde de Frotté, Charette, Pichegru, e, talvez, Jorge Cadoudal, o gentil-homem de Bruilart, e outros por egual celebres nas conspirações do tempo.

Comtudo, até 1806, nenhum indicio despertara suspeitas a uma policia que, entre as fluctuações politicas, se conservava intrigante e enredadora.

O cidadão Boran, nos dias tragicos da guilhotina, o tio Boran, sob o Consulado e o Imperio, conservava reputação de homem pacifico, desinteressado de paixões, de todo estranhas ás querellas dos partidos, vivendo unicamente para sua filha e para o seu commercio, bastante prospero.

Pelo começo do anno 1795, a familia do relojoeiro augmentou subitamente com a chegada de um sobrinho, rapazito de seus doze annos, um pouco mais novo que a menina Renata.

Certa manhã os vizinhos aperceberam, na loja, a nova personagem, que lhes foi apresentada, nessa occasião, com o nome de Carlos Boran, filho de Sylvano Boran, irmão mais novo do relojoeiro, e natural de Ponte-do-Bispo.

O pequeno vinha para Paris afim de aprender o officio, sob a tutella e direcção do tio, contando estabelecer-se mais tarde na sua terra natal.

Era um lourinho, com rosto de rapariga, debil e pallido, com ar fatigado. Os menos perspicazes observaram naturalmente que o clima da Normandia não era tão salubre como se dizia visto as crianças do valle de Touques terem umas carinhas tão descoradas.

—Boran explicou o facto por uma febre recente, e ninguem levou mais longe o exame de uma cousa sem importancia em si.

Durante seis annos o garotinho foi crescendo nesta pesada atmosphera do arrabalde, doente muitas vezes, sahindo pouco, parecendo estudar o mechanismo dos relógios ao lado de Blaisot ou de Boran, observando as rodas, a liga de metaes, e outros conhecimentos necessarios á profissão.

Nos intervallos lia muito, sobretudo a historia de França.

Estas graves occupações retinham-no em casa, como succedia á familia com quem vivia.

No verão, aos domingos, a familia, comprehendendo o operario e a sua mulher, ia ao campo, para os lados de Vauves, onde Boran possuia uma pequena casa e jardim.

Era retirada da via publica, longe das outras habitações, de modo que não eram alli de receiar olhos nem ouvidos curiosos.

Partiam todos cinco, alegremente, em uma carriola alugada de proposito para isso, levando cestos de provisões.

Apenas chegados, tiravam os cestos, entravam e fechavam a porta.

Dava-se então, regularmente, uma scena singular. As maneiras, a voz

a attitude de Boran e sua gente mudavam em um instante.

— Meu senhor! Meu principe! — dizia Boran cahindo de joelhos, bem como toda a familia, diante do aprendiz. — Nada de constrangimentos até á noite; permitti que os vossos servos vos prestem homenagem de adoração.

E Carlos, digno e gracioso, levantava os seus humildes amigos em terra prostrados, e representava, sem esforço, o seu mysterioso officio de principe até que cahia a noite e eram forçados a regressar á loja.

Quem era então este pequeno de tão humilde apparencia, mas a quem os que conheciam o segredo da sua vida saudavam como a um monarcha?

Cousa alguma pudera até então indicá-lo.

No arrabalde, por ordem, e por necessidade, a toda a hora, a criança, e com o correr dos annos o mancebo, tinha sempre sido tratado segundo a sua apparente condição, familiarmente, sem distincções, com grande affecto, demonstrativo por vezes.

Quando o Conde de Frotté trouxe, de noite, este martyr de dez annos, pallido e desfeitinho, de longos cabellos de ouro, pallido, tremente de medo e de febre, enrolado em um capote; quando o confiou ao pequeno commerciante da viella dos Malvestidos, impoz estas medidas com o mais absoluto rigor e severidade.

Resultou dahi, muitas vezes, duros attrictos para o orgulho de um principe, porque principe havia naquella casa, sem a menor duvida.

Não provinham esses attrictos das pessoas da familia Boran, que figura ser a sua, mas dos estranhos que, não vendo nelle senão um garotito sem importancia, o tratavam

como tal, applicando-lhe o seu piparote em ar de brincadeira.

Outra ordem ainda tinha dado o general realista: toda a gente devia ignorar a qualidade da criança, salvo Boran e a familia deste. Por motivo nenhum devia ser revelada aos insurrectos, aos *chouans* (1) de passagem, que vinham procurar asylo no esconderijo, sob o *apagador* do telhado, embora parecessem elucidados a esse respeito.

Além dos tres chefes, Carette, Cadoudal e Bruilart, ninguem mais devia entrar no segredo; ia nisto a vida do pequeno refugiado.

A ordem fora cumprida á risca.

O Conde de Frotté, varado pelas balas do pelotão que o fusilou, continuará e ser rigorosamente obedecido, como se a sua voz impuzesse a continuação do segredo, de além tumulo.

Foi uma dura lição de humildade para o descendente de magnificos antepassados; talvez no correr dos tempos houvesse de rememoral-a.

Entre elle e Renata desenvolveuse profunda amizade. A menina era mais velha tres annos que o desventurado pequeno.

Do alto do seu criterio de rapariguinha, que se vae fazendo mulher, tinha-o considerado como um real bebé e deu-se ares maternas, com devoção de escrava voluntaria.

O nobre pequeno, por sua parte, transportado bruscamente de um

(1) Dava-se este nome aos realistas exaltados que na Vendéa lutaram pela causa legitima. *Chouan* era epitheto desprezivel de invenção napoleonica, tal como a de *burros* e quejandos com que os liberaes portuguezes injuriavam os partidarios de D. Miguel durante as lutas politicas de 1828-33. — N. do T.

logar horrível, onde só ouvia sanguinarias ameaças, proferidas por vozes ruões e acompanhadas de medonhos gestos, para esta casa serena, silenciosa e aconchegada, lançava-se de braços abertos em todas

e ella dezoito, quando era gentilissimo rapaz e Renata uma linda donzella de espessos e brilhantes cabellos negros, olhos castanhos polvilhados de ouro e rasto de mimosa alvura apolina, difficilmente



— Meu Senhor! Meu Principe! — dizia Boran . . .

as ternuras offerecidas e nellas se refugiava apaixonadamente, tremendo ainda do passado.

Pouco á pouco, foi, porém, desenvolvendo-se. Nesta atmosphera de estufa, tepida, crescia rapidamente, tornando-se inquietante. Mudaram as situações.

Coube-lhe a vez de tratar a filha de Boran com a inôulgente condescendencia, com a affectação de superioridade natural ao adolescente que se faz homem e nelle redobrava o sentimento de raça.

Quando completou quinze annos

poderia definir-se a cõr da affeição reciproca entre este Rei disfarçado e esta pequena lojista sua escrava e confidente dos seus sonhos.

Coravam, ás vezes, diante um do outro, sem sabermos porquê.

Mais um anno decorreu nesta vida apertada, nesta casa muito cheia, onde os habitantes se acotovelavam e as almas se confundiam, como os halitos. Depois, uma bella noite, um ancião de distincto porte bateu nos vidros, pronunciou o santo e senha, apresentou a Boran um papel amarellado,

imediatamente reconhecido pelo relojoeiro, mas sem significação para outra qualquer pessoa.

Estava alli escripto, por sua propria mão, o seguinte:

"Recebi o objecto que devo entregar a quem me apresentar este papel.

Jacintho Boran."

Tinha sido entregue por elle, outrora ao Conde de Frotté, obrigando-se a não demorar a entrega do principe, desde que lhe fosse exigida pelo portador do estranho recibo.

Muito perturbado, Boran suspirou lugubrememente. Todavia, um quarto de hora depois, o principe subia a uma carruagem á porta da relojoaria e partia para o seu destino.

Foi-se embora contente, sem voltar muito a cabeça, porque a esse tempo a ambição dominava-lhe todos os sentimentos, e além disso o gosto pelas aventuras estava-lhe na massa do sangue.

Renata, por detraz d'elle, soluçava, com o rosto occulto nas mãos; Joanna excedia-a na demonstração de pesar.

Boran e Blaisot fallavam a meia voz.

— Onde vae elle?

— Tornaremos a vê-lo?

Desde esse dia Renata não mais cantou enquanto costurava, conforme era costume seu.

Passaram cinco annos sem noticias nem cousa que evocasse a memoria do desaparecido, em casa dos seus devotados amigos.

Fallavam nelle todos os dias, com tristeza e fidelidade, e ás horas das refeições olhavam com infinita saudade o seu lugar vazio.

Ora um quando afoutavam uma tímida censura.

— Em todo o caso elle podia fazer chegar duas palavras ao nosso conhecimento.

Por fim perderam as esperanças. Bruilart affirmava que o seu principe morrera.

A familia Boran só fallava d'elle no passado.

Ora, uma tarde de Junho de 1806, estava cada um dos membros da familia do relojoeiro, dentro da loja, entregue ás mesmas occupaões e nos mesmos logares de outrora. Boran, junto da estreita janel-la de vidros pequenos, com a sua lupa examinava molas de relógios, e, por detraz d'elle, ao fundo da sala Blaisot movia um cylindro de cobre; Joanna, na cozinha, limpava os pratos de louça ordinaria e Renata, menos juvenil, mais pallida e silenciosa embainhava um lençol, quando, de subito, um ligeiro ruido fez levantar a cabeça de todos estes trabalhadores.

A "vitrine" da porta parára um bonito mancebo, de rosto delicado como o de uma rapariga distincta, e rapava o vidro com as unhas.

Era o signal, o modo como os emigrados e "chouans" de outrora reclamavam asylo, se informavam acerca da disponibilidade do esconderijo e da facilidade ou inconveniencia de entrarem com segurança.

Mas havia muito tempo que ninguém já procurava refugio em sua casa e por isso o relojoeiro, assaz reconhecivel para que o mancebo pudesse duvidar, ficou indeciso, sem saber se devia ou não responder.

De repente, Renata, que examinava o individuo atravez da vidraça, soltou um grito abafado e empalli-

deceu a ponto de parecer que lhe fugira todo o sangue das veias. E como o appello exterior se repetia, com impaciente tamborilar na montanha, ella bradou:

— Pae! Pae! — olhando para Boran com tamanha allucinação, que o bom do homem, atemorizado, tirou o solideo, ao acaso, deixando a descoberto a fronte calva, o que significava: “Póde entrar”. Abriu-se logo a porta e a campainha ressoou.

O desconhecido estava na loja.

Parecia mui joven, erguia a cabeça com altivez e sobranceiria, e sorria-se, sem proferir palavra, apoiando as mãos no castão de ouro de uma bengala de junco indiano.

Os dous homens contemplavam-no, curiosos, esperando que elle fallasse. Joanna, com um prato na mão esquerda, e um esfregão na mão direita, mettia o nariz pela porta da cozinha para vêr e não manifestava nenhum sentimento.

Só Renata, pondo-se de pé, em um impulso de todo o seu ser, encarava o recémchegado ardentemente, com as mãos convulsas.

Mas tão violento tremor nervoso lhe agitava o corpo, tão afflictiva angustia lhe apertava a garganta, que lhe não era dado pronunciar palavra.

Emfim, em um esforço enorme, articulou:

— Carlos!... Monseñor!...

Quindo isto, Boran e Blaisot ergueram-se com precipitação, e Joanna erguia ao céu os braços, sem largar o prato e o esfregão.

Satisfeito com o effeito produzido, o principe abandonou-se effusivamente.

— Tu reconheceste-me; tu! — disse elle á donzella, attrahindo-a

ardentemente a si. — Sabes que te fizeste mais bonita?

E beijou-a nas faces, como outr’ora.

Renata passou de lívida a esearlate.

Em seguida foi a vez dos outros. Elle apertou todas essas mãos que se lhe estendiam cordealmente.

Bruscamente, porém, advertiu-os:

— Attenção, meus caros, ouçam bem! Para toda a gente sou e chamo-me Carlos de Grandlys, e mais nada. Devo conservar-me occulto por alguns dias ainda, e eis por que venho pedir asylo, lá em cima, sob o “apagador”! Mui fino será quem aqui vier procurar-me! E comtudo trago toda a policia do mundo na minha pégada, em especial a de meus malditos tios, que me pretendem morto, e, não ha duvida, fizeram bem as diligencias para que o dito fosse verdadeiro.

“Sou errante, proscripto, e só por milagre tenho escapado a dez tentativas de assassinio...”

“Sempre os tios! Cercado em toda a parte, refugio-me em França, sabem onde?”

O principe interrompeu-se olhando uma a uma as pessoas presentes.

Todos o escutavam em silencio; as duas mulheres de mãos postas, os homens, de olhos esbugalhados, com gestos admirativos, ora maravilhados, em adoração, ora de surda cólera contra os autores dos soffrimentos do principe real, ultimo deíphim de França.

Elle repetiu:

— Sabem onde?

Ninguém suppunha.

— Pois bem, — prosseguiu elle com voz aspera e ironica — refugio-me nos proprios exercitos de Napoleão. Alistar-me-ei alli, ao ser-

viço, se me fôr possível. Que virá então perturbar-me?

Os Boran e os Blaisot ficaram assombrados.

O mancebo compreendeu-o e achou divertido esse assombro.

seu principesinho, o seu pequeno rei!

E, estupidamente, para acabar a scena, a gorda Joanna desatou a chorar.

O Sr. de Grandlys poz-se a rir



E beijou-a nas faces, como outr'ora

— Pois é assim mesmo; tomei esta resolução. Participei-a aos meus ultimos partidarios, aos poucos que ainda querem saber se estou vivo ou morto, como Immarmont e Prungey, que de certo me seguirão. E' loucura! Não acham?

"Pois saibam que não é tal. E' prudencia!

"De resto, tenho ainda outras razões.

Deteve-se, pensativo; sorriu a alguma imagem longinqua.

Os outros contemplavam-no sufocados, confusos e silenciosos.

Como tinha ãeitado corpo! Como estava formoso e saudavel o

nervosamente mas Blaisot, furioso, ralhava á mulher por chorar, inoportunamente, em um momento de alegria.

Entretanto o mancebo lançava em volta olhares attentos, e, reconhecendo cada objecto nos seus logares, saudava o seu passado.

Todos os sentimentaes ligam grande apreço ás recordações; imaginam que os logares onde viveram conservam o seu cunho, participam da sua memoria, guardam alguma cousa do seu ser, como se os que passaram depois d'elles não entrassem em linha de conta, para os mesmos effeitos.



— Não acha bastante?

vigo, se me fôr possível. Que virá então perturbar-me?

Os Boran e os Blaisot ficaram assombrados.

O mancebo compreendeu-o e achou divertido esse assombro.

seu principesinho, o seu pequeno rei!

E, estupidamente, para acabar a scena, a gorda Joanna desatou a chorar.

O Sr. de Grandlys poz-se a rir



E beijou a nas faces, como outr'ora

— Pois é assim mesmo; tomei esta resolução. Participei-a aos meus ultimos partidarios, aos poucos que ainda querem saber se estou vivo ou morto, como Immarmont e Prungey, que de certo me seguirão. E' loucura! Não acham?

"Pois saibam que não é tal. E' prudencia!

"De resto, tenho ainda outras razões.

Deteve-se, pensativo; sorriu a alguma imagem longinqua.

Os outros contemplavam-no sufocados, confusos e silenciosos.

Como tinha deitado corpo! Como estava formoso e saudavel o

nervosamente mas Blaisot, furioso, ralhava á mulher por chorar, inoportunamente, em um momento de alegria.

Entretanto o mancebo lançava em volta olhares attentos, e, reconhecendo cada objecto nos seus logares, saudava o seu passado.

Todos os sentimentaes ligam grande apreço ás recordações; imaginam que os logares onde viveram conservam o seu cunho, participam da sua memoria, guardam alguma cousa do seu ser, como se os que passaram depois d'elles não entrassem em linha de conta, para os mesmos effeitos.



— Não acha bastante?

Enterneceu-se o príncipe á vista do alto tamborete que fôra o seu, no tempo em que as suas régias mãos se occupavam em trabalhos de arte.

Com a ponta das unhas rosadas dos seus dedos muito brancos, cheios de preciosos anneis, pegava em peças miudas de relojoaria, que estavam em cima do banco de trabalho, observava-as com a lente, procurando reconstituir o preterito.

Boran ousou murmurar:

— E então Sr. de Grandlys, ainda se lembra ?

— Sim ! — Replicou o príncipe, suspirando profundamente, — nada esqueci, nem esqueci pessoa alguma.

Dizendo isto fitava cada um por sua vez.

Deteve, porém, a vista sobre a donzella, envolvendo-a em um olhar de brilhante ternura:

— E tu, Renata, pensavas algumas vezes em mim ?

Ella perturbou-se mais e balbuciou:

— Todos os dias, todas as horas.

A face do príncipe illuminou-se. Mas Boran dizia:

— Vossa magestade ficava...

— Caluda ! — atalhou o manco pondo um dedo nos labios. Sou o Sr. de Grandlys.

Boran corrigiu.

A vossa pessoa estava sempre presente entre nós, apesar das distancias. Tal qual disse a pequena, todos os dias e a todas as horas fallavamos a vosso respeito: "Onde estará elle ? Que fará ? Porque não nos faz saber noticias suas, a nós, humildes servidores que tão devotados lhe somos ? Porque imaginavamos que a nossa humilissima devoção podia ser um titulo á vossa benevola lembrança.

O príncipe corou um pouco e replicou vivamente:

— Não pude, meus pobres amigos. Sabem-no agora. Hei passado numerosas aventuras, centenas de perigos. Tenho conhecido de novo prisões e carcereiros. Consegui mais uma vez evadir-me; um prodigio !

— Quem ousou então ? — pronunciou Renata empallidecendo e despedindo chammass das pupilas.

— Quem ousou ? — repetiu o príncipe — Elles ! Os rebeldes, sempre meus tios, que, apesar das provas, apesar da sua consciencia, me classificam de intrigante e de aventureiro, negando-se a reconhecer em mim seu sobrinho e chefe, legitimo herdeiro do que me roubaram. Tenho mais a receiar delles — e assaz o hão provado — que da malevolencia imperial. Por este lado espero ter apoios. Mas deixemos isso. Já fallei demasiado, porque estes segredos não me pertencem a mim só e não tenho o direito de trahil-os, mesmo deante dos meus dedicados amigos.

Estas ultimas palavras foram ditas com a extraordinaria dignidade de que elle sabia revestir-se em determinações occasiões, e cujo effeito era certo sobre quem se lhe aproximava.

No espirito destes humildes não podia, portanto, deixar de produzir sensacional impressão.

Todos saudaram e se inclinaram reverentes. Eram elles os primeiros a considerar-se indignos.

Mas, como dous transeuntes se demoravam demasiado em frente da loja, cuja illuminação, embora frouxa, projectava na rua uma claridade muito viva, essa presença suspeita chamou Boran á sua habitual prudencia.

— Sr. de Grandlys, — disse elle em voz baixa, — queira entrar na casa de jantar. Somos aqui muito vistos.

— Tens razão, Boran — respondeu o mancebo, voltando as costas para a rua. — Tens razão, tanto mais que eu viajo pela posta desde a manhã.

“ Não almocei nem jantei, deve saber-me bem a ceia.

— E' possível. — exclamou tristemente Renata, desolada do que o principe dizia.

Joanna correu a accender os fogareiros, que tinha já apagado.

Blaisot fechou a loja, e o relojoeiro, para obsequiar o seu real hospede, desceu á adega em busca de uma garrafa de vinho especial.

Pouco depois Grandlys ceava omelette, carnes frias, fructas, regando a appetitosa comida com excellente vinho de limpida transparencia.

Encostados á parede, os seus antigos servos contemplavam-no, de olhos avidos, como a um filho perdido que tivessem encontrado.

Regosijava-os o seu bom appetite, a graça e a promptidão em esvasiar o copo.

Depois, como elle se declarava quebrado de forças, deu as boas noites, bocejando, e reclamou o seu albergue.

Renata encarregou-se de conduzi-lo. No intervallo Joanna armou um leito, e fez uma cama soffrivel, muito á pressa, no esconderijo, tencionando arranjar as cousas melhor no dia seguinte.

Recebido pela donzella, o principe subia a estreita escada, em caracol, da loja para o primeiro andar, e deste para a agua furtada, e murmurava:

— Parece-me ter menos cinco annos e ser ainda o aprendiz do arabalde. Afinal, foi talvez o bom tempo.

Na agua furtada, deserta e vasia, os passos dos dous jovens acordavam écos sonoros.

As suas vozes tornaram-se graves, por que o logar, cheio de recordações, inspirava recolhimento e respeito.

Renata pousou o candieiro no chão. Em seguida, com um dedo exercitado, fez ligeira pressão sobre a cavilha de madeira disfarçada na parede. Immediatamente, com um som abafado, especie de suspiro melancólico, a porta abriu-se diante do principe.

Este descobriu-se no limiar. Em attitude inconscientemente theatral, meditava; depois, como se se encontrasse a sós com as suas recordações monologou:

— Vieram a este logar fugitivos, vagabundos, proscriptos, como eu mesmo sou agora... Encurrallaram-se aqui, á guisa dos animaes perseguidos e cercados em covis mal seguros, esses illustres soldados, defensores da minha causa. Tu, General Conde Luiz de Frotté, meu fiel entre todos; tu, General Charette, puro heróe que eu choro. Tu, General Pichegru, victima da dedicação. Tu, poderoso Cadoudal, terror dos Azues, honra dos Brancos (1). Normandos, bretões, vendeanos, eguaes na coragem, reuniões no tumulto, assim como no meu coração... Vós conheceis o meu

(1) “Azues” — Os adversarios da realza.

“Brancos” — Os partidarios do direito divino entre os quaes os dedicados e heroicos vendeanos. (N. do T.).

terrível segredo, sabeis qual era o vosso Rei, e tel-o-eis proclamado á face de Deus !

“Mas... partiste em plena tempestade, como em plena juventude

Suffocou-lhe a voz. Commovia-se ouvindo fallar a si proprio. Abafou-o um soluço.

Encostada á parede, na retaguarda do principe infeliz, Renata, com



Este descobriu-se no limiar . . .

partiste antes do tempo, deixando-me só entre innumeráveis perigos !

Detive-se; seus labios moviam-se em silencio, como se estivesse orando.

Em seguida, proseguiu com emphasis mais tragica:

— Todos mortos em tão breve tempo ! Frotté, morto ! Charette, morto ! Pichegru, morto ! Cadoudal, morto ! Frotté, Charette, pelas balas francezas ! Pichegru... quem sabe ? Suicidou-se ? Assassinado, talvez ? E tu, Cadoudal, decapitado no cañafalso maldito, como todos os meus !

os olhos fechados, pendentes os braços, trementes as mãos, sentia allucinações a esta evocação.

O desventuroso filho de Luiz XVI proseguiu:

— Quem vos substituirá, ó meus fieis partidarios, ó meus porta-bandeira, ó meus guerreiros, meus valentes ? Mortos ! Mortos, mortos os guardas fieis da realza morta ! desesperar e morrer como vós ?

— Monsenhor — bradou Renata, consternada, estendendo os braços ao principe.

Elle sobresaltou-se, comediante talvez, porque o era voluntariamente.

te, quando não fosse senão para elle proprio.

— Ah ! agora reparo, estás ahi, pequena, estás ahi ! E', de resto, o teu logar nesta romaria á fidelidade. Ouve a homenagem que presto aos pobres amigos mortos pela minha causa. Recebe a tua parte, ó tu, que subsistes para servir-me ainda com o teu grande coração-sinho, ó irmã dos meus tempos passados !

A joven soluçava, com as mãos no rosto.

Nestes termos fallou elle longamente, e tudo quanto dizia causava emoção.

Por fim, Renata retirou-se, deixando-o só no seu reducto de aventura, occulto a todas as vistas. Retirou cuidadosamente a cavilha, que fazia abrir a porta e desceu a escada, tremendo ainda.

Boran encarou-a e alarmou-se.

— Estás vermelha, estás commovida, parece que choraste !

Vibrante, mais que nunca devotada ao seu principe, ella replicou :

—jMeu pae teria chorado, como eu, se o ouvisse evocar os seus amigos mortos e jurar-lhes eterna recordação. Se o ouvisse fallar de nós, de nós todos, como elle fallou lá em cima.

— E' um grande coração — respondeu o relojoeiro convencido.

Blaisot e sua mulher approvaram plenamente.

Durante uma hora todos quatro se expandiram em inextinguíveis discursos sobre a felicidade de terem encontrado o principe, sobre a sua belleza, encanto, bondade, prudencia, eloquencia, e terminaram por entusiasticos votos de magnifico futuro.

Deram onze horas na torre da

Egreja vizinha. Os devotados cearistas foram deitar-se para terem bons sonhos.

Mas na casa, reduzida ao silencio, mais de uma pessoa velou por muito tempo, atormentada de pensamentos.

Renata, no seu pequeno quarto, simples e nu', mesmo quasi pobre, tendo por unico ornato uma "etagère" de pão rosa carregada de pequeninos objectos de vidro lapidado, "bibelots" á moda da época, recordações, tambem, de sua mãe, morta na flôr da idade, pensava em cousas novas, deitada no seu pequeno leito virginal.

Que enorme alegria triste, como todas as grandes alegrias, tinha ella experimentado ao vêr surgir este real companheiro da sua monotona infancia, este principe tão amado, que ella não esperava tornar a vêr !

Assim se realisara o que na vespéra ella considerara a sua maior felicidade.

Mas porque lhe causava esta immensa ventura uma dolorosa perturbação ?

A donzella não podia ou não queria responder a esta interrogativa, vagamente formulada pela sua consciencia inquieta.

Ah ! Não era já uma criança esse que reapparecia agora de improvisos, não ; era um bello mancebo, tão bello que, mesmo a quem ignorasse a sua qualidade real, não passava despercebido.

E os sentimentos fraternaes, humildes e dedicados, que outr'ora julgou unicamente professar por Carlos, pareciam-lhe ao presente confusos, talvez mesmo desfigurados e de veras complexos.

No momento em que o abraçou, em terno e estreito amplexo de ir-

mã, como em outro tempo, estremecera, dominada por um mal-estar inexplicavel, mistura de desconhecido prazer e secreta angustia.

Que significava isto?

Renata não o sabia.

Não podia comprehender que, a força de tanto pensar, constantemente, na mesma pessoa, na idade e mais vida e calor para o coração, o seu affecto, indeciso, por esse

Elle ? Ella ? Que loucura !
Mui longe de admittir estas conclusões todavia veridicas, a pobre



..pensava em cousas novas, deitada no seu pequeno leito virginal

heroe se transformára em amor ardente.

Antes de reapparecer, já o Sr. de Grandlys era o deus da sua adoração. Todavia, a distancia não deixava precisar nitidamente a idéa e a adoração conservava-se vaga, quasi chimerica. Ao primeiro contacto, ao primeiro beijo, a idéa desperta em um estremecimento carnal. A adoração passa, de mystica pagã, e a mulher nascia nos braços do seu deus.

Renata, atormentada pela insomnia, procurava desculpar a sua nova angustia por motivos razoaveis, e absolver-se de uma falta intencional, mas da que não era responsavel, e se esforçava por julgar imaginaria.

E as horas corriam sem chegar o somno.

No seu cubiculo, Boran ruminava outras inquietações.

Sentado, tambem, no seu leito de viuvo, demasiado grande para o seu magro corpo, passeava o olhar, á

luz de uma vela fumosa, sobre a chusma de objectos pertencentes ao seu officio e já fóra de uso ou antiquados, que atulhavam este aposento privado. Pendulas velhas, balançasinhas poeirentas, caixas de metal amolgadas, peças de ourivesaria, um montão de pequeninas cousas e utensilios de refugio, tudo espalhado pelo chão. Ao mesmo tempo, porém, escutava, ancioso, os raros rumores da rua, sobretudo os que vinham da viella, os murmurios do vento passando nas altas chaminés, os passos incertos de algum ébrio retardatario, que voltava ao seu casinhoto, fallando sosinho, altas horas da noite.

Sobresaltava-se então, empallidecia, e agitava-o uma tremura febril.

Não era comtudo a primeira vez, nem mesmo a centesima, que, em sua casa, elle asylava um proscripto.

Outr'ora, e ha pouco ainda, Pichegru, Cadoudal, Brullart, Charette, Frotté, é tantos outros, tinham occupado, alternadamente, o esconderijo, e, apesar da sua presença, o relojoeiro, habituado, nunca perdia o somno nem temia perigos.

Pois nesses tempos o menos que elle arriscava no jogo era a sua cabeça. Mas todos se tinham então familiarisado com o drama. Dava-se mesquinha importancia á vida, que antecipadamente se sacrificava.

E Boran diria consigo que ia perdendo o animo com a velhice.

Lembra-se dos cinco annos que tinha recolhido o real pequeno em sua casa, esse mesmo por quem agora tremia.

Sim. Mas nesse tempo era o principe ainda muito novo, para que corresse perigos immediatos, a ex-

ecução summaria, como succedeu ao desventurado Duque d'Enghien.

A' evocação deste nome, afflorando aos labios do humilde industrial, um suor gelado lhe humedeceu os cabellos grisalhos, cobertos pelo lenço azul celeste que lhe servia de barrete de dormir.

O bom homem não conseguiu mais expulsar esta obsessão.

A prisão surda, o forte de Vincennes, uma commissão militar aprestada, o implacavel *verdictum*, e nos fossos escuros do forte, sob o poste de onde pendia uma lanterna, doze espingardas apontadas contra um peito muito branco.

Pouco lhe faltou para gritar. A visão tornou-se tão nitida á sua vista, que o deixára estupefacto, com a bocca secca e o olhar allucinado.

Nisto, pareceu-lhe ouvir na rua passos de tropa em marcha.

Ao mesmo tempo o principe, no seu esconderijo, deitado, meio vestido, para qualquer eventualidade, e enrolado em dous cobertores travava linhas desiguaes sobre uma folha de papel branco, com um lapis de ouro, á luz de um candieiro baixo, com o competente quebra-luz de cartão verde onde se viam os retratos de Napoleão e Josephina.

Grandlys suspirava profundamente e erguia a miudo os olhos ao céu... que vinha a ser a armação do telhado.

Por fim, leu em voz alta duas quadras enigmaticas que acabara de escrever.

Eram as seguintes:

O' tu que tens da belleza
O mais divino condão,
Rainha da gentileza,
Imperatriz da paixão!

Para o teu amor possuir
Olvidarei o passado,
E a ira deixo dormir
No meu coração chagado !

Duas ou tres vezes a fio decla-

ma. Ella passava, vagarosamente, em magnifica carruagem descoberta, puxada por dous cavallos de alto valor.

Sorria á multidão, que a acclamava, porque a sua rara e eston-



Por fim, leu em voz alta . . .

mou, em tom languoroso, estes versos, com que se orgulhava.

Depois voltou a solicitar a inspiração.

Debalde, porém, quiz proseguir mas a musa não o auxiliou.

Esgotada a previsão poetica, e dada a impossibilidade de ir beber a seiva do lyrismo na fonte de Castalia, o príncipe encostou a cabeça ao travesseiro, fechou os olhos e recahiu no sonho em que o espirito se lhe mergulhava sempre. Evocou a imagem do idolo, a quem dedicava a sua poetica homenagem.

Rememorava o dia do primeiro encontro com essa juvenil mulher, a mais formosa das mulheres, a luminosa creatura, adorada em toda a Europa como a verdadeira deusa.

Fôra na *via Appia*, perto de Ro-

teante formosura despertava entusiasticas ovações em toda a parte.

Trazia precioso vestido de estoffo brilhante, palhetado de ouro e prata, moldando-lhe o corpo juvenil, e por cima um comprido casaco de setim violeta, aberto e sem mangas, com uma gola de arminho, porque o outomno começava um tanto fresco e naquelle dia soprava rija ventania.

Comtudo, ella passeava com os lindos braços cobertos apenas com uma gaze, a garganta quasi nua, calçada de meias de seda e sapatos abertos.

A moda da nudez sob as gazes, das transparencias, sobrevivia ao Directorio.

Tinha na cabeça um gorro de

yelludo, também violeta, ornado com duas riquíssimas plumas brancas. Pendia-lhe do ágil pescoço de adorável pagã uma preciosa cruz de ouro cravejada de diamantes, presa a uma cadeia de perolas e ouro.

Passava, portanto, indolente e soberana, enlouquecendo os homens simplesmente com a sua presença.

Na verdade, era ella a mais linda das lindas mulheres desta epocha, em que floresciam e brilhavam Venus, Saphos, Phrynéas, chamadas em França "mesdames" Tallieu, Castellet e Récamier.

E elle, proscripto, vagabundo, exilado, sem patria, perdido na multidão, sentira bruscamente o coração voar para essa mulher que desconhecia.

Indagou então. "Quem era essa maravilha animada, essa filha do céu perdida na terra?"

Um individuo, a seu lado, respondera-lhe, complacente e entusiasta:

— Oh! E' a Princeza Paulina Borghése, a irmã do Imperador, a incomparável rainha das graças.

O príncipe não quiz ouvir mais nada.

Paulina Borghése, irmã de Napoleão! Uma inimiga, portanto. Um ser a quem elle devia naturalmente exercer e perseguir com o seu odio legitimo.

Foi assim o raciocinio do seu cerebro, mas o seu coração revoltou-se e oppoz diversas replicas.

Não amaria senão essa mulher. Podia correr o tempo; a imagem de Paulina permaneceria indelevelmente gravada no seu coração.

Estava conquistado, enfeitado, submettido ao encanto, preso por

toda a vida á paixão, escravo dessa "Buonaparte"!

Passára-se isto havia seis mezes... seis mezes... O seu coração cumprira a palavra.

Nesse primeiro dia, como louco, sem saber porque, nem com qual fim ou esperança, tinha seguido a carruagem da feiticeira. Viu-a entrar no palacio Borghése, e desde então passára dias, e por vezes noites, nas immedições da principesca habitação.

Tinha adivinhado os habitos da joven Borghése.

Nas horas de passeio lá se encontrava sempre, tirando o chapéo, inebriando-se profundamente, elle, herdeiro dos mais altos gentis-homens do mundo, dos mais nobres varões realengos, perante essa rapariga côrsa, co-participante na usurpação.

Ella com certeza o notára, por causa da natural distincção do seu porte, gracioso e altivo.

Um dia sorriu-lhe intencionalmente.

Caprichosa e phantastica, obedecendo apenas á inspiração de momento, Paulina não desdenhava esta homenagem persistente e muda.

Nesse mesmo dia, com a bella intrepidez da sua edade e do seu caracter, Grandlys apresentava-se no palacio Borghése, resolvido a dizer os seus segredos, não lhe importando arriscar a vida, mas não querendo passar aos olhos do seu idolo por um quidam sem importancia, por um homem vulgar, desejando deslumbral-a por seu turno e conquistal-a pelos maiores meios.

Paulina recebeu-o por curiosidade, perguntando-lhe: — a impertinente! — a graça que desejava pedir-lhe.



Com todos os cuidados, Cantenor . . .

CAMINHO DA MORTE

37

O príncipe real pôde contemplar de perto essa maravilha de carne, esse prodígio vivo, delicado e sublime, que era conjuntamente a mais animada criança, a mais estravagante mulher.

Dobrava todos á sua vontade ;

compraziam-na todas as adulações e não se conformava com a minima repressão das suas loucas fantasias.

Cognominara-na *Rainha dos adornos* e isto orgulhava-a e constituia a seus olhos suprema honra, moti-



Paulina recebeu-o por curiosidade...

sujeitava-se apenas á sua influencia immediata.

Era capaz de todas as temeridades. Pela vaidade da sua belleza, prestou-se a servir de modelo seu, no atelier do esculptor Canova, a quem deslumbrou, e cujo nome cobriu de gloria, mercê dessa admiravel esculpturação que extasia e encanta perpetuamente a posteridade.

Tinha a autolatria absoluta;

vada pela sua extrema elegancia e luxuosa garridice.

Viuva do General Leclerc, aos vinte e dous annos, tornando a casar aos vinte e tres com o magnifico Camillo Borghése, não votava ao segundo marião mais amor que ao primeiro; mas acceitára o titulo de princeza por ser acompanhado pelos brilhantes mais valiosos conhecidos na época.

Fôra o que a tentára.

Tal era, neste periodo, aquella a quem Napoleão outr'ora chamava *Paulita*.

Grandlys, em presença da joven corsa, estonteado, designou as damas de honor presentes, tirou em

seguida uma carta da algibeira e, silencioso, entregou-a aberta á princeza..

Nesse papel dizia elle tudo; revelava a sua verdadeira identidade e entregava-se de pés e mãos ligados.

Terminava assim a carta:

"Uma só cousa vos peço: se nada devo esperar de vós, denuncia-me e entregae-me a vosso irmão. Acaba-se assim tudo".

Paulina corou ligeiramente ao lêr a revelação e teve um tremor imperceptível na mão que segurava o papel.

Fitou aquelle que, diante della, em pé, esperava a sentença dos seus labios e examinou-o.

Seria um louco? Um intrigante, um cavalheiro de industria, ou bem a pessoa que pretendia ser?

Achava-o joven de mais para mentir com tamanha audacia; parecia estar no perfeito uso das faculdades intellectuaes, apesar da emoção que o dominava. A sua elegancia e apuro de trajo excluïam a suspeita de demencia.

Pois bem! Ver-se-ia. A aventura era interessante.

Refeita da sua perturbação, aliás passageira, Paulina tirou um lapis de cima de uma jardineira e traçou, com rapidez, algumas linhas ao travez da carta. Em seguida dobrou-a, entregou-a a Grandlys e despediu-o com um gesto muito suave.

O principe inclinou-se de novo e sahiu em silencio.

Da sua garganta, comprimida pela commoção, nenhuma palavra pudera sair.

— Aquelle não é tagarella! — observou alguém.

— Aquelle? replicou vivamente

Paulina — Fiquem scientes de que aquelle é mais nobre que Borghése e Saboya reunidos.

Foi só isto. Ella já o defendia.

Lá fóra, Grandlys abria o papel restituído. Paulina escrevera alli:

"Não vos entregarei a meu irmão. Continuae a apparecer. Providenciarei, mas rasgae immediatamente esta carta."

O herdeiro de Luiz XVI ficou encantado.

Ella não o expulsava; permittia-lhe que se apresentasse mais vezes. Acreditara-o.

Sentiu vertigens, o enamorado principe.

Como elles se tornaram a vêr, — porque o facto se deu em breve — ninguém o soube.

Todavia, cousa alguma deve admirar nessa Paulina Bonaparte, que partilhava da audacia aventureira de seu irmão. Como não tinha reino a conquistar, distrahia a monotona existencia correndo, de noite, as "bodegas" dos portos italianos, vestida de rapaz, bebendo e cantando como os marujos bebedos.

Achou, de certo, qualquer estratagemas, porque o seu espirito era fertil em invenções, e architectava, de prompto, espantosas intrigas.

Sim, viram-se a sós, de noite ou dia, aqui ou acolá.

O mancebo dissipou-lhe as ultimas duvidas, apresentou provas, convenceu-a, e isto tanto mais facilmente quanto era certo interessal-a, afóra a qualidade régia, pela sua graça e elegancia, pela formosura de raça que elle herdára de sua infeliz mãe, a rainha Maria Antonietta.

Como homem, Paulina gostava delle devéras.

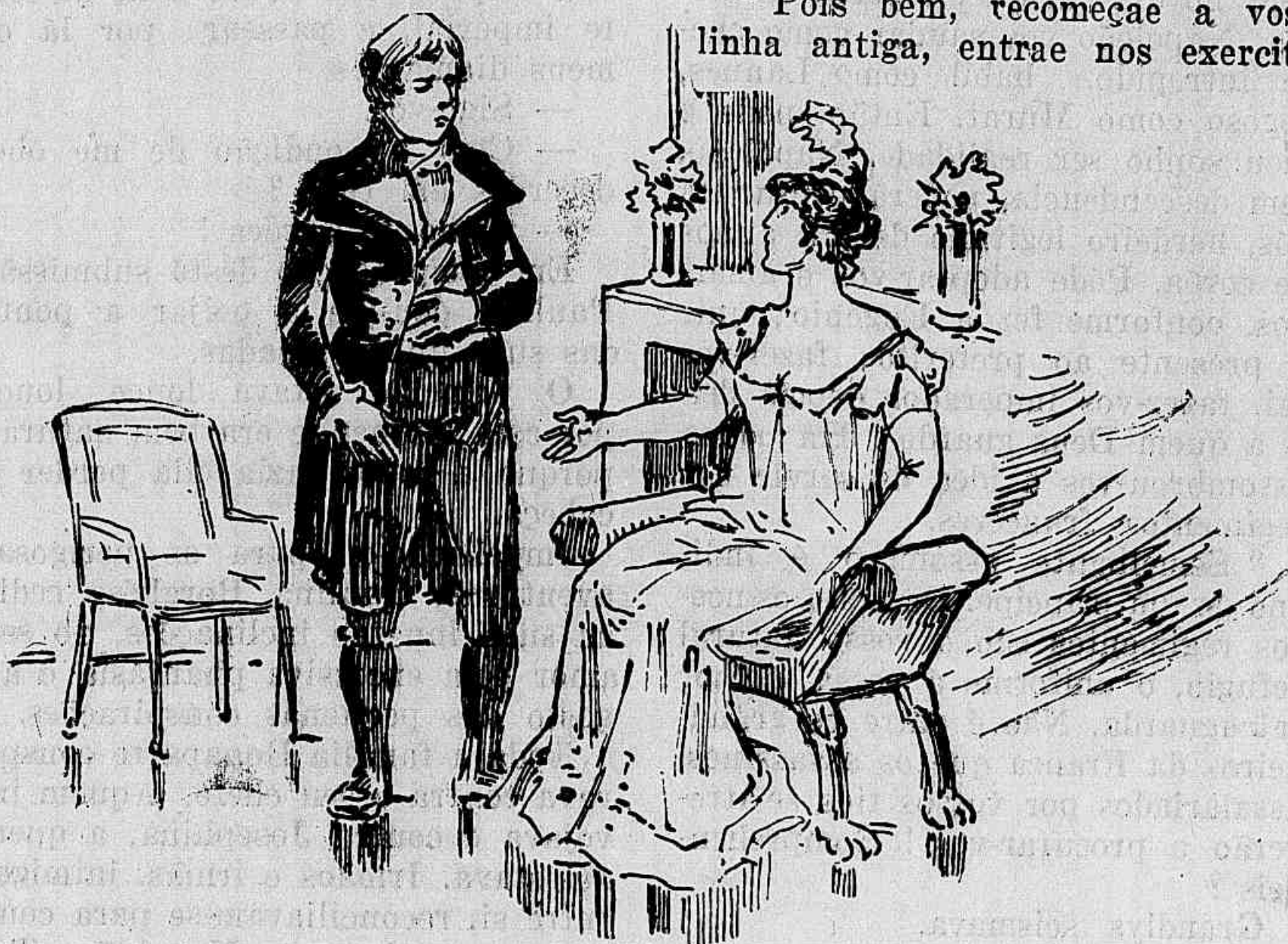
Depois, a sua conspiraçãozinha divertia-a.

Certamente havia ella pronunciado palavras graves, exhortando-o á coragem, mostrando-lhe o cami-

monio disperso. A época é dos homens energicos, dos homens de vontade. Recordae o verso de Voltaire:

“O primeiro que foi rei foi um feliz soldado.”

“Pois bem, recomeçae a vossa linha antiga, entrae nos exercitos



— Sede soldado, ganhae galões . . .

nho a seguir, um futuro aberto, que lhe affirmava ser magnifico.

Paulina Borghése dizia:

— Para meu agrado e serdes por mim amado, estaes disposto a tudo e propondes, em prova, a renuncia dos vossos direitos legitimos á reivindicação do throno perdido. Erro, criança! E' o contrario que eu quero. Falla-vos a irmã de Napoleão. Cada uma das minhas palavras foi longamente meditada. Sou prudente e verdadeira. Quero-vos grande por esforço proprio, reconstituindo por vossas mãos o patri-

imperiales, que são sempre francezes . . .

Grandlys escancearou os olhos. Estas palavras excediam todas as suas concepções e as mais loucas phantasias.

Sem se dignar notar a emoção do principe, a Borghése proseguir em voz inspirada:

— Sêde soldado, ganhae galões, sim, ás ordens de meu irmão! Faizei o que outros teem feito; imitae Bonaparte, Roche, Marceau, Dessaix e muitos mais! Sêde general aos vinte e cinco annos, marechal

aos trinta. E enquanto, deste modo, vos elevardes por vós mesmo ás grandes alturas sociaes, guardae o vosso real segredo.

“Dia virá em que o revelareis; será no dia em que, coberto de gloria, Napoleão vos saudar como chefe intrepido, habil como Lannes, fogoso como Murat. Então, pode o meu sonho ser realidade. Napoleão, sem descendencia, poderá pensar em vós, herdeiro legitimo de mil annos de corôa. Póde adoptar-vos e amar-vos, conforme fez a Eugenio; unir o presente ao preterito; fazer-vos rei, fazer-vos imperador depois d'elle a quem Deus guarde! Ha pouco assombrou-vos a idéa de servir nos regimentos francezes.

“Semelhante assombro é indigno de um principe. De resto os nossos regimentos são o vosso natural refugio, o uniforme a vossa melhor salvaguarda. Não é entre os grana-deiros da França que os assassinos, assalariados por vossos tios se atreverão a procurar-vos! Comprehen-deis?

Grandlys scismava.

Paulina proseguiu ainda:

— As circumstancias são propicias. Sei que o imperador vae crear, sob o commando de Isembourg e La Four de Anvergue, dous regimentos estrangeiros, cujos quadros serão preenchidos por gentis-homens sem lista de serviços. Obtende da creou-la esteril que vos salvou em criança, dessa Josephina a quem tendes mais amor do que a mim, obtendo della uma patente de capitão em uma dessas companhias, e segui a vossa estrella.

— A minha estrella sois vós! — murmurou Grandlys, allucinado, sentindo baralhar no cerebro mil pen-

samentos confusos e contradicto-rios.

— Pois bem — ajuntou ella, tornando-se simples e risonha — dentro em um mez parto para Paris; vou respirar um pouco o ar da corte imperial, e passear por lá os meus diamantes.

— Sigo-vos.

— Com a condição de me obedecerdes em tudo?

— Como quizerdes!

Em compensação desta submissão Paulina deu-lhe a beijar a ponta das suas unhas rosadas.

O principe estava louco, louco por esta mulher, e era bem natural, porque a todos fazia ella perder a cabeça.

Impellindo-o para as perigosas aventuras, Paulina Borghése cedia ás suas innatas inclinações, ao seu amor pela excessiva phantasia e ao gosto das pequenas conspirações.

Toda a familia Bonaparte conspirava contra o seu chefe, a quem invejava e contra Josephina, a quem detestava. Irmãos e irmãs, inimigos entre si, reconciliavam-se para combaterem, surdamente, Napoleão. Todos, á ultima hora, o trahiram, excepto Paulina, que ficou fiel á aguia mutilada.

Mas quando o astro imperial evolutia ao zenith, ella deliciava-se nas pequenas intrigas. A do seu novo namorado era uma intriguita a mais.

E assim se decidiu o futuro do principe.

Quando elle communicou a sua deliberação aos seus jovens partidarios, estes julgaram-no louco, e, verdade, verdade, tal julgamento não era destituido de verosimilhança.

Comtudo, resolveram immediata-

mente seguil-o por toda a parte, alistar-se com elle, sob as novas côres da bandeira franceza, e defendel-o á custa da vida propria, em occasiões de perigo.

Em tudo isto meditava o principe

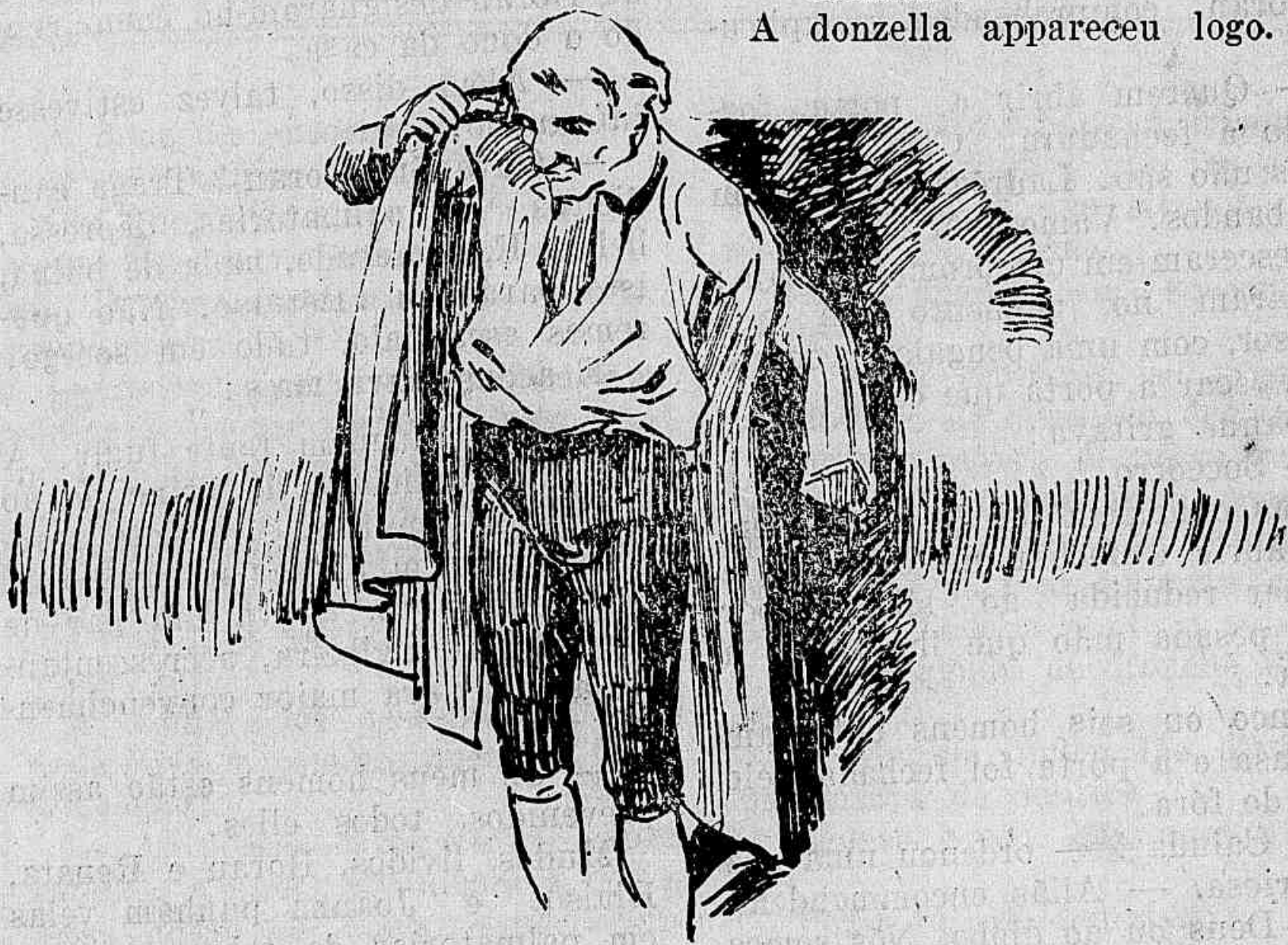
guida, subitamente, mesmo defronte da porta.

O relojoeiro empallideceu, saltou da cama e vestiu-se á pressa.

Entreabriu a porta do quarto e chamou baixinho:

— Renata !

A donzella appareceu logo. **Ti-**



... e vestiu-se a pressa

refugiado no cubiculo da agua-furtada, onde se asylara.

El pouco a pouco adormeceu, repetindo docemente os nomes :

— Paulina... Paulina...

De subito, porém, estremeceu, abriu os olhos, porque lhe pareceu ouvir grande barulho na casa.

.....

Não se enganara Boran ao ouvir passos de tropa na rua. O ruido accentuou-se, e cessou em se-

nha tambem despertado o ouvido; assustara-se.

— Sim, — disse ella, — parece que nos cercam a casa.

E, torcendo as mãos:

— Pae ! Pae ! Elle está perdido !

— Não ! — respondeu Boran, fazendo-se forte para encorajar a filha. — O esconderijo é seguro.

— Ai !

Neste momento as vozes sobre-

saltadas de Blaisot e Joanna, deitados na loja, elevaram-se no meio do silencio:

— Quem está ahí?

— Esperem um pouco!

— Já os vamos receber, cana-lhas!

Boran compreendeu e explicava:

— Querem abrir a porta, forçando a fechadura. Comtudo, ladrões não são. Ladrões não operam aos bandos. Vamos vêr!

Desceram em um prompto á loja; chegaram no momento em que Blaisot, com uma bengala, procurava espécar a porta que cedia.

Joanna gritava:

— Soccorro!

Mas o homem foi desarmado em um abrir e fechar de olhos, e a mulher reduzida ao silencio por uma pesada mão que lhe tapou a bocca.

Cinco ou seis homens entraram na casa e a porta foi fechada pelo lado de fóra.

— Caluda! — ordenou uma voz imperiosa. — Aliás encommendem-se a Deus ou ao diabo. Nós somos a lei!

Quem assim fallava, o chefe do bando, sem duvida, parecia individuo assás vulgar, sem caracter definido, mas conservando um tal ou qual feitio militar, sob o traço burguez.

Tinha ao lado um *quidam*, mais baixo, nem velho nem novo, de aspecto afeinhado, mal vestido, nadando em uma enorme sobrecasaca pessimamente talhada.

Este pronunciou:

— Cantenor, manda trazer luz, muita luz!

— Sim, *excellencia*, — respondeu Cantenor, porque era elle.

Voltou-se para Boran.

A' frouxa claridade do candieiro, que o relojoeiro havia collocado sobre o banco de trabalho, quando entrou na loja, o espião pôde conhecer as pessoas. Os cabellos brancos de Boran designaram-no como sendo o dono da casa.

— Além disso, talvez estivesse informado.

— Ouve Sr. Boran? Traga candieiros e palmatorias, depressa, hein? E, sobretudo, nada de bulha, isto para seu interesse. Não queremos escandalo, tudo em socego.

E aconselhava mais:

— Que ninguem tente fugir. A rua está policiada do principio ao fim. Somos muitos, e, quanto a resistencia, nem pensar nisto é bom.

Dizendo isto, tirava um par de pistolas da algibeira, accrescentando ainda, para maior convencimento:

— Os meus homens estão assim prevenidos, todos elles.

Mudos, lividos, Boran e Renata, Blaisot e Joanna punham velas em palmatorias de cobre e accendiam-nas uma nas outras, com as mãos tremulas.

Breve a loja ficou illuminada como em dia festivo.

— Interrogue Cantenor, — ordenou o sujeito mal arranjado — a *Excellencia*.

E, puxando uma cadeira, sentou-se, carregou o chapéo sobre os olhos, escondeu o mento nas pregas da gravata, fazendo todo o possivel por dissimular as feições.

Porém, Boran conhecia o mundo imperial.

Estremeceu e murmurou em segredo a Renata:

— Fouché!

A donzella encostou-se á parede para não cair.

Cantenor examinou tranquillamente os quatro habitantes da casa. Depois, abanando a cabeça, pronunciou:

— As suas caras não annunciam socego de consciencias. Creio desnecessario explicar-lhes o fim da nossa visita. Vamos, Sr. Boran, o mais prudente é ceder depressa. Entregue-nos o seu hospede, e, logo que elle aqui esteja, conversaremos todos juntos.

A' força de desespero, Boran readquiria a sua coragem e forte dedicação:

— As nossas caras são de gente pacifica, a quem arrombam a porta altas horas da noite, e accordam em sobresalto. Em casos taes não ha ninguem que se não assuste. A respeito de hospede, qual hospede? Não percebo o que querem dizer!

Fouché e Cantenor trocaram um olhar rapido.

O primeiro queria dizer:

— Que tal? Enganar-se-ia o senhor?

O segundo significava:

— Esteja tranquillo; tenho toda a certeza.

Não fora sem intenção que o policia tinha seguido a sua personagem, passo a passo, desde a fronteira.

Boran proseguia:

— Sou um relojoeiro pacato, commerciante conhecido ha vinte annos no bairro, e com honra, posso dizel-o. Visto os senhores serem a lei, deviam proteger as pessoas honestas, em vez de as alarmarem sem mais nem menos.

— Tá, tá, tá! — interrompeu o policia — conheço a cantiga, ninguem confessa a culpa propria. Em-

fim! Quer forçar-nos á busca domiciliaria? Sabe o que lhe succede? Aggrava a sua situação, e o resultado é o mesmo.

Renata acudiu em soccorro de seu pae:

— Meus senhores, se procedem por motivo de qualquer declaração, ludibriaram-n'os. A nossa casa é demasiado pequena para occultar um mysterio. Meu pae é um bom cidadão, e não se importa com a politica. Toda a gente o sabe.

A voz aguda de Fouché elevou-se então:

— Menina, quem lhe disse que se tratava de politica?

Renata corou, baixando a cabeça.

Tinha fallado demais.

Cantenor observou logo:

— A menina é que zomba de nós. Perdoa-se em attenção á idade, e a formosura merece considerações.

Cantenor era galanteador.

— Mas, temos conversado, — proseguiu elle, — e não podemos perdarmos tempo. Mostrem-nos o caminho. Olhe cá, tiasinha gorda, pegue no candieiro, ande e allumie-nos.

— Tiasinha gorda! — resmungou a mulher de Blaisot abespinhada. — Eu ainda lhe não chamei mostrengão, seu grande malcreado.

Cantenor não se dignou responder. Fez signal aos seus quatro acolytos, cada um dos quaes agarrou em uma palmatoria, e começou a pesquisa.

Fouché seguia-os, de olho á espreita, e atraz delle, Boran, esforçando-se por apparentar serenidade, Renata, consternadissima, e os Blaisot, espavoridos.

Na casa de jantar e na cozinha foi tuão voltado de cima para bai-

to; os policias esquadrihavam os armarios, sondavam as paredes, mas nada encontravam por alli.

— Subamos, — disse Fouché — os passaros empoleiram-se alto!

O sinistro regicida chelaceava; sentia-se de bom humor.

Gostava immensamente deste genero de expedições nocturnas, verdadeira caça ao homem, de nariz na pista e todos os sentidos álerta. Tinha nascido beleguim, era a sua vocação.

Ora, desta vez, a pesquisa tornava-se particularmente interessante. E era preciso que assim fosse para elle se dar ao incommodo de sahir, ás duas horas da madrugada, do palacio da Policia Geral, antigo palacio de Juigné, cães Malaquais.

Todo o bando enfileirou pela estreita escada. Os pesados passos da bruta gente fizeram estalar os carcomidos degrãos. Chegaram ao primeiro andar e recommçaram a pesquisa.

Nos quartos de Boran e de Renata todos os moveis foram desarumados, os leitos puxados para o meio da casa, os armarios abertos e despejados de alto a baixo.

Nada ainda.

— Mais acima! Mais acima, — rosnou Fouché, impaciente. — Já lhes disse: cheira-me a caça na toca... Olá se cheira!

Na agua-furtada elle detev-se, respirou com força e murmurou:

— A escaldar. Attenção!

As velas foram immediatamente distribuidas pelos quatro cantos do vasto recinto. Cantenor tirou o candieiro das mãos de Joanna e inspeccionou cuidadosamente a parede.

Fouché continuava fallando em

voz alta, afim de espavorir uns e esclarecer outros dos seus audito-

res. — Este recinto está demasiadamente vasio, reparem; tem ar de dizer logo á entrada: "Bem vêm que aqui não ha cousa nenhuma"! Ora, é justamente por isso que alguma aqui ha.

"Examinem todas as fendas, todos os pregos, todos os buracos, sobretudo do lado do beco... Vejo uma saliencia na fachada desse lado..."

Boran sentia as pernas tremendo; Renata comprimia os maxillares, afim de não bater os dentes.

Com todos os cuidados, Cantenor e os outros policias examinavam a parede escalavrada, palmo a palmo. Todavia, o tempo passava, sem resultado para a pesquisa.

Fouché bateu com os pés no chão. Tinha-se empenhado na descoberta, affirmára estar na pista, não admittia um fiasco. E, com-tudo ?...

Voltou-se para Renata, esperando vêr no rosto facilmente impressionavel da donzella, os progressos de uma afflicção que pudes-se ser indicativa.

Ella, porém, desviou a vista, cravou-a obstinadamente no chão, e um instante depois recuava na sombra do patamar.

Advinhára o intento do chefe da policia.

Ao correr das compridas e velhas paredes havia varias fendas, depressões, buracos, causados pela antiga accção do salitre no gesso, pela seccura como pela humidade, e, emfim, pelos estragos provindos do tempo.

Os espiões perdiam tempo e tra-



Immarmont inclinou-se

balho... Por mais que sondassem cada abertura, com hastes de ferro, ficavam na mesma.

— Se ha por aqui algum *esconderijo*. — emittiu Cantenor, aventando a primeira duvida — é preciso concordar em que é supinamente discreto.

— Então ? — bradou Fouché.

— Ficamos com cara de asnos ?

E, muito irritado:

— Valeu bem apenas annunciar-me uma presa... real, e fazer-me passar a noite em claro, para isto ! Máo trabalho, máo trabalho !

O espião baixou a cabeça. O nariz cresceu-lhe palmo e meio.

Sentia-se mal collocado, porque o Ministro era implacavel com os desastrados, aos quaes preferia os canalhas, com quem sempre ha maneira de tratar, em proveito da espionagem.

E, pela decima vez, mais por descargo de consciencia que por esperar resultado, o triste Cantenor mergulhou o seu fura-dor nas fendas da parede.

Mas Fouché interrompeu a manobra:

— Por esse andar estaremos aqui até amanhã... Acabemos !

Acabava de inventar um estratagemma que devia dar o exito desejado.

Chamou Boran e Renata, mandou-os collocar diante d'elle, ao meio da grande sala nua, e, bruscamente, em voz alta, cujos ecos se centuplicavam, sonoros e vivos, annunciou:

— Sei que occultam aqui uma personagem notavel, para quem não ha lugar em França. Não digo que elle venha com mãos designios, mas é meu dever procural-o em to-

da a parte onde elle possa estar, descobril-o e lançar-lhe a mão. Visto serem inuteis as nossas pesquisas, dada a sua obstinação em negar a verdade, esta casa ficará cercada de policia e será demolida amanhã até aos alicerces. No entanto, Boran e a menina, vou mandal-os reflectir no caso para a *Conciergerie*. A sombra e a solidão de ser-lhes salutaes... Se por lá se demorarem muitos annos, o mal é seu... "Sua alma, sua palma..." Não se queixem senão de si mesmos.

Quando elle dizia isto abriu-se, de repente, uma porta na parede, tantas vezes sonda-da, obedeendo agora a um impulso interior.

No limiar appareceu Grandlys. Houve um grito de commoção, um movimento de recuo, e em seguida de envolvimento.

Muito calmo, solemne, magestoso, realmente nobre, desdenhosamente altivo, o mancebo caminhava.

— Basta, senhor ! — disse elle, dirigindo-se a Fouché.

"Trata-se unicamente da minha pessoa, eis-me.

Tal qual o Ministro esperava, o principe não pudera ouvir ameaçar os seus servidores, sem intervir para salvá-os. Apesar de tantos infortunios, o seu coração mantinha-se generoso.

Fouché não era habitualmente dado a delicadezas; todavia, a esta apparição, aliás emocionante, inclinou-se ligeiramente e tirou o chapéo.

Devia bem esta minima deferencia ao filho dos régios infelizes que mandára á guilhotina !

Grandlys continuou:

— Esta gente acolheu-me sem

me conhecer, e só eu sou culpado, se é que o sou. Disponham de mim. Mais uma vez cedo á força.

— Senhor, — respondeu Fouché, — devo interrogar-vos. Responder-me-eis ?

— Saíam todos, excepto Boran, a menina e Cantenor.

E explicou:

— Estamos aqui melhor, para conversar sem sermos ouvidos.

Os policiaes e os Blaisot sahiram,



— Dignae-vos sentar, senhor.

— Talvez.... depende das perguntas.

— Seja !

Acto continuo, o ministro da policia deu ordens em voz baixa, ordens breves a Cantenor.

Este, radiante, transmittiu-as em segredo, aos seus subordinados.

Em um momento, duas cadeiras e uma pequena mesa foram levadas do primeiro andar para a agua furtada.

Em voz alta, então, Fouché ordenou :

Cantenor fechou a porta, e Fouché designou uma cadeira ao Principe, dizendo-lhe :

— Dignae-vos sentar, senhor.

O real mancebo obedeceu machinalmente.

Fouché collocou a outra cadeira junto á mesa, e sentou-se tambem. Tirou com todo o vagar uns papeis da algibeira, bem como um lapis de prata, e ordenou :

— Cantenor, o candieiro para aqui.

O policia pousou o candieiro em cima da mesa.

— Bem.

Assim illuminado, o homemzinho russo — que tinha sido orador, convencional, regicida, pro-consul, antigo terrorista, ex-metralhador de Lyon, e presentemente imperialista, como seria mais tarde clerical, e por ultimo morreria abraçado ao legitimismo, — desvendava-se em toda a sua tragica fealdade.

Mão grado a sua relativa juventude, pois só tinha quarenta e dous annos de idade, parecia velho, e a sua cara biliosa, ingrata, fatigada os seus olhos glaucos, orlados de sangue, revelavam seguramente uma alma vil, sem emotividades, como sem escrúpulos nem prejuizos.

Elle fallou em tom pausado e baixo:

— Vêdes, senhor, que mandei retirar os meus agentes. Estão na escada, ou no andar inferior, mas acho inutil que elles ouçam o que poderei dizer. Começemos. Se tendes armas, entregae-m'as.

Grandlys respondeu:

— Não tenho armas.

— Papeis?

— Nenhum, aqui.

— Daes-me a vossa palavra de gentil-homem?

— Dou.

— Muito bem. Creio.

— E isto — interrompeu Cantenor com ar maligno, sahindo do cubiculo onde entrara quando o Principe sahiu sem que este o notasse.

E levantava ao ar a folha de papel em que o enamorado de Paulina traçara, a custo, oito pobres versos para sua eterna gloria.

O Principe lançou-se sobre elle,

arrancou das mãos sacrilegas o papel, que amarrotou e rasgou em mil pedaços.

— Que é isso? — interrogou Fouché com severidade.

— Nada, excellencia, poesias ás bellas, Causa innocentissima, ju-ro-o.

O chefe da policia disfarçou um sorriso. Gostava de constatar as pequeninas fraquezas dos grandes da terra. Fez uma pausa, e depois interrogou bruscamente:

— O vosso nome?

O refugiado hesitou. Com um olhar tranquillizou Renata e Boran, sorriu a esses pobres dedicados, e respondeu afoutamente:

— Carlos Luiz de Grandlys

— Estaes bem certo? — replicou Fouché, sarcástico. — Bem! Continuemos. Sois proscripto, não ignoraes o motivo porque, e estaes em França.

— E' verdade; porque muitos outros emigraram, vieram antes de mim; eu suppunha a época mais tolerante.

— Nesse caso, para que se escondia?

O mancebo corou. Ergueu-se de golpe, a face empurpurou-se-lhe de subito; a indignação e a revolta cahiam-lhe em ondas no altivo espirito.

— Em primeiro lugar quem é o senhor para assim me interrogar? Com que direito? A que titulo? Tem-me em seu poder, é certo, mas não abuse disso. Vim a França, eu sim, eu! para me alistar no serviço nos exercitos imperiaes, sem idéa preconcebida, com o pensamento unico de servir o meu paiz, não importa sob qual regimen, desejando apenas adquirir a gloria necessaria

a certos nomes. Eis tudo. Se no imperio se considera isto um crime, tanto peor para o imperador.

— Senhor de Grandlys — replicou tranquillamente Fouché, que escutara silencioso, sem revelar a mais pequena impressão na sua mascara de gelo, sem um estremecimento ou coloração da face exangue. — Senhor de Grandlys, responderei, antes demais nada, á vossa primeira pergunta.

“Quem sou ? Os meus direitos ? Os meus titulos ? Sou José Fouché, ministro da policia imperial.

Grandlys abafou um grito.

— O senhor ? O senhor ?

Fouché mordeu os labios descorados e inclinou-se:

— Sim, bem sei, ha recordações penosas. Mas, talvez ellas advoquem a vossa causa nesta hora. Deixemos isso. A vossa vinda a França teve por objectivo o *alistamento nos exercitos imperiaes*? Que tencionaes fazer para obterdes esse resultado sob um nome supposto ?

— Conto com protecções, que já me serviram, na propria côrte.

Fouché meditou e comprehendeu. Deslisou-lhe nos labios, como um sopro, este nome:

— A Imperatriz!

Acto continuo desannuviou-se-lhe a fronte, porém, com um sinistro clarão.

— Sim — murmurou elle — sim, é muito extraordinario tudo isto. Vós tendes, de resto, outras protecções em Italia, em Roma !

Desta vez Grandlys empallideceu. O segredo, que julgava tão bem guardado, devassara-o já a policia.

Aproveitando esta perturbação, Fouché, sempre impassivel, dizia:

— Sois imprudente, senhor ! O

exemplo do Duque de Enghien deveria deter-vos no caminho.

Ouvindo esta phrase terrivel, o real mancebo aprumou-se.

— Se é a isto que o senhor quer chegar, vamos depressa.

Elle entregava-se. Mas Boran e Renata, transtornados, precipitaram-se para o defenderem com os seus corpos e ambos choravam.

— Nem por sombras se trata de semelhante cousa, nem por sombras — replicou Fouché, com ar de quem reflexiona.

Pela vez primeira em sua vida, quicá, o antigo regicida estava perplexo. Uma infinidade de pensamentos contradictorios se lhe debatia no cerebro.

Dizia comsigo, em primeiro lugar, que deixar Josephina proteger seriamente este inimigo nato do Imperador era tomar ascendente sobre ella e tel-a na mão em todo o tempo.

Depois, pela primeira razão, podia comprometter Paulina Borghése, como e quando lhe aprouvesse.

Pensava tambem que um segredo de Estado, de tal modo temivel, e só d'elle conhecido, augmentaria o seu poder, já formidavel; que nos exercitos imperiaes estaria o principe sob a sua vigilancia, como em nenhuma outra parte, podendo mais tarde fazer bom negocio entregando-o aos tios.

E, finalmente, entendia que este mancebo era digno de alguma consideração, e que, sem trahir demasiado a causa do Imperador, e os mandatos confiados, podia poupar-se aquella mocidade e por essa forma adquiriria direitos ao seu reconhecimento, precaução util, em todo o caso, porquanto os tempos e os homens podiam mudar de um dia para o outro.

Ou elle não tivesse visto tanta coisa !

Se o Imperador, por acaso, soubesse ?

Ora adeus ! Nada mais facil do que proceder a uma prisão immediata e provar que a sua pretendida fraqueza contra o Principe era apenas uma habilidade propositada.

Certo, certo.

Tudo isto Fouché ruminava.

Com gesto lento, abençoador, o ex-tribuno acalmou a emoção geral e, aprumando-se por seu turno, pronunciou em tom conciliante estas palavras :

— *Sr. de Grandlys*, dae-me a vossa palavra de primeiro gentil-homem de França de que me disestes a pura verdade, e de nada tentardes contra o Imperador, e fecharei os olhos e restituir-vos-ei a liberdade. Entrareis nos exercitos imperiaes, se vos fôr possível, e, de contrario, regressareis ao exilio.

“Mas aqui, ou lá, sabeis, ficareis sempre sob a minha alçada. Não me escapa ninguém ! De resto fazemos um pacto, baseado na nossa mutua boa fé. Respondei agora. Aceitae as condições.

Grandlys inclinou a cabeça, meditativa. Mas diante d'elle via Renata e o velho Boran supplicando-o tacitamente, de mãos postas, e ao longe, sob o céu de Roma, passava a graciosa e adorada imagem de Paulina, a quem elle estava disposto a tudo sacrificar.

Pronunciou, portanto, com um intimo suspiro :

— Senhor Fouché, dou-lhe a minha palavra de primeiro gentil-homem do mundo ; disse-lhe a verdade

exacta, e nada tentarei contra o Imperador, nem contra o Imperio. Se não obtiver um lugar nos exercitos imperiaes, voltarei para o exilio. Aceito as suas condições, porque a isso sou forçado. Não mais me occultarei, mas espero que, da sua parte, nada tentará contra mim ; espero-o ?

— Cabe-me a vez de a isso me comprometter, — respondeu, inclinando-se, de novo, Fouché, sem, todavia, dar a sua palavra de honra.

“Póde ser que vos recordeis, mais tarde, dos successos desta noite ; conto que será sem amargura.

Depois, voltando a face horrenda para o relojoeiro, a excellencia advertiu-o severamente.

— Jacintho Boran, bom é que a lição aproveite. Quero que aquelle esconderijo seja amanhã demolição. E nunca mais, entendá-me, hein ? Nunca mais, aqui dê asylo a pessoa suspeita, nem a figuras que, sendo-o, egualmente lhe batam á porta.

“Se proceder contra as minhas ordens, já fica sciente dos interesses que compromette.

Boran já estendia a mão para sublinhar a formula de um juramento solemne ; porém Fouché não lhe deu tempo. Com uma profunda reverencia, o Ministro da policia retirou-se, semelhante a um espectro.

Cantenor seguiu-o assaz confundido e desapontado.

Na rua, antes de subir para a carruagem, a excellencia disse ao seu humilde logar-Tenente :

— Cantenor, se não queres morrer desgraçado, esquece-te desta

noite. Tu nada sabes, nada viste, nada ouviste. Mas a partir de hoje digo-te a esse mancebo; *dou-t'o, entrego-t'o*. Deves saber, *sempre*, onde elle está, o que faz, o que pensa, o que quer. Nesta missão não tardas a ganhar uma fortuna.

Cantenor dobrou-se cortezmente, e estava ainda de nariz no chão quando a carruagem partiu á desfilada.

Em casa do relojoeiro outra scena occorria.

Os quatro fieis rodeavam o principe, felicitando-se por um desfecho assim imprevisto, embora com transe prolongados, porque subsistia o alarme.

Mas elle, vibrante, indignado, branco de raiva, bradava, cerrando os punhos:

— Tive de ceder a esse homem, a esse miseravel, a esse assassino! Por vós dous, por outros, mais que por mim proprio! Esse miseravel, sim, tres vezes miseravel! Porque, além do passado, atraiçoou hoje o seu amo, não me entregando a elle!

Em seguida, com o rosto afofegado, exclamou:

— Ah! meus amigos, não chorrem mais, regosijemo-nos antes! Que melhor testemunho de que a conducta desse espião, sabedor de tudo! Resta-nos ainda boas esperanças. Não somos os unicos a prever a nova florescencia dos Lys, da nossa França!

II

Pelo meado de Julho, por expresso pedido das altas personagens de Compiègne, cidade ciosa de Ramboillet, que era, com Saint-

Cloud e Malmaison, uma das habituaes residencias da familia imperial, Napoleão enviou Josephina e Hortencia ao castello dessa cidade, onde passariam dous mezes, e annunciou que elle proprio lá iria dentro em pouco.

O castello estava em pessimo estado. Todavia a Imperatriz e a sua côrte, lá se installaram conforme puderam.

E lá as seguiram as intrigas, multiplicadas nessa occasião, por causa de uma recente instituição do Imperador.

Desde muito procurava elle utilizar um grande numero de antigos emigrados e de mancebos nobres, os quaes, comquanto desejassem alliar-se ao governo, não se sujeitavam em alistarse como simples soldados.

Para tal effeito fez escolher entre os prisioneiros de Austerlitz, os mais bem apessoados, seis mil homens com os quaes formou dous regimentos ao soldo de França.

Estes novos corpos não eram organizados como os effectivos nacionaes.

Napoleão dava patentes de officiaes conforme bem lhe parecia.

Não era, portanto, necessario ter servido em nenhum tempo para obter dragonas, mesmo de official superior.

Bastava ter nascido nobre, pertencer a alguma grande familia, ou testemunhar zelo pelo serviço imperial.

De certo, taes promoções eram contrarias ás regras estabelecidas. Porém, o Imperador achava nisso a vantagem de prender á sua pessoa centos de mancebos bem educados, instruidos e ricos, por elle

arrancações á ociosidade perigosa, e á atmosphera de conspiratas, que envolvia Paris.

O sobrinho do fidalgo La Tour d'Auvergne foi nomeado Coronel do 1º estranho, e um grande senhor allemão, o Príncipe de Isembourg, obteve o commando do segundo.

Estes corpos foram logo designados pelo nome dos seus chefes.

As patentes a seguir não estavam preenchidas. Havia em volta um verdadeiro cerco de competidores a pedil-as. Republicanos enriquecidos, realistas renegados, toda essa gente, solícita, apresentava candidaturas e bastantes hesitações finais, bastantes escrúpulos abalados, foram vencidos por esta feliz instituição.

Durante a permanencia da cõrte em Compiègne as solicitações redobravam. Dirigiam-se principalmente a Josephina, que, tendo ficado aristocrata pelo coração, não dissimulava o seu interesse pela mocidade dourada.

Consideravam-na mais livre no campo, mais accessivel do que nas Tulherias, e aproveitavam o ensejo para a rodearem e importunarem-na com requerimentos urgentes.

Os numerosos castellos vizinhos, e hospedarias, em especial a chamada Sino de Ouro, regorgitavam de pretendentes.

Estes nobres individuos, ainda algo suspeitos, apesar de tudo, atraíam após si, naturalmente sem o saberem, uma categoria de creaturas mui differente delles, e particularissima: policias e espiões, de diversas procedencias pessoais ou partidarias.

E'poca singular, formigueiro de ambições, de secretas esperanças, de

conluios, de manobras occultas, de immensos devotamentos e tradições infames!

Napoleão, Taileyrand, Fouché, Savary, Desmarets, Dubois, Real tinham cada um os seus agentes; espionavam uns aos outros.

A segurança tinha invejas do ministerio, ou da prefeitura, que a contrariava, e reciprocamente.

O Conde da Provença e o Conde de Artois mantinham em Paris emissarios francezes, ou estrangeiros.

Emfim, a Russia, a Prussia, a Austria, a Inglaterra possuíam agencias de informações, em volta das Tulherias.

Os espiões introduziram-se em toda a parte, mesmo no circulo das damas de honor da Imperatriz, espionagem que Fouché pagava por alto preço.

O Imperador andava vigiado, e igualmente todos os Principes. Os policias rivalisavam entre si em audacia, habilidade e astucia.

Havia ás vezes defeccões e jogos duplos, e então complicavam-se as intrigas e enredavam-se os traumas.

Portanto, em torno desta juvenil nobreza, mais ou menos sincera, os agentes de todos os partidos, disfarçados operava em silencio, advinhando-se entre si, e guerreando-se sem darem mostras de tal.

Um sabbado de manhã, como de costume, o pateo do palacio estava cheio de pretendentes, e, não só o pateo, mais a escada e a primeira galeria.

Todos se haviam feito inscrever desde o primeiro dia, mas a Imperatriz, sem se importar com a ordem da inscripção, escolhia na lista, ao acaso, os que conhecia, lhe agra-

davam, ou lhe eram particularmente recommendados.

Recebia uma duzia de candidatos cada manhã entre as dez horas e o meio-dia, salvo quando a enxaqueca, ou outra qualquer coisa lh'o impediam.

No entanto, o papel de bemfeitora, agradava-lhe muito, pelo que se prestava, de bom grado, a desempenhal-o.

Toda essa juventude ardente, elegante, apurada, recorda-se-lhe o antigo regimen e os dias desaparecidos, interessava-a e seduzia-a.

Era o seu mundo, sentia-se bem naquelle meio.

Recebia-lhe os cumprimentos e os pedidos, sem orgulho, com as suas attitudes fatigadas, a sua graça indolente de creoula, e promettia sempre.

Podia Napoleão irritar-se, recusar a principio; ella, á força de insistencia, conseguia sempre obter o que desejava. Se a recusa continuava, chamava Hortencia em seu auxilio, e algumas vezes as suas damas de honor ou as suas convidadas, e perante um tal concerto de supplicas o Imperador dava-se por vencido.

— Daqui ha pouco são ellas quem nomeiam os meus generaes! — dizia elle resmungando.

— E porque não? — replicava alguma bonita atrevida.

— Ai que marotas! que marotos!

E o grande homem estava a rir.

Na presente conjunctura a influencia de Josephina foi de tal fórma determinante, que mais tarde, no exercito, os antigos designaram esta promoção de officiaes de favor pelo nome significativo de aspirante da Imperatriz.

Ora, nesta manhã, os futuros aspirantes passeiavam, ao longo e ao

través do grande palco, uns isolados outros em grupos.

Cousa notável á primeira vista, mas de explicação facil, todos eram parecidos, porque eram da mesma raça, da mesma educação, e trajavam da mesma fórma,

De resto, muitos eram parentes, mais ou menos proximos.

Vestiam á moda desse anno, casaco azul, collete de flores, calção branco e bota alta.

Haviam retomado a impertinencia dos antigos dias, anteriores a emigração. Imaginavam que faziam alto favor ao Governo, dignando-se acceitar um posto ao seu serviço e envergando o uniforme dos seus regimentos.

Interpellavam-se, com affectação, pelos seus titulos sonoros:

— Olá, Marquez!

— Viva, Visconde!

— Bom dia, Duque!

— Como estás, Barão!

A mór parte desses pretendentes ãria dez annos de vida para derrubar o usurpador e bradar — *Viva o Rei!* agitando a bandeira branca.

Demais o sabia Napoleão.

Mas tambem sabia que, incorporados nos seus batalhões, os tinha na sua mão de ferro, e nenhum ousaria mover-se mais, com receio de ser esmagado.

Em dous degrãos, tres mancebos de nobre apparençia conversavam, formando grupo.

Fallavam em voz baixa, vigiando o vae e vem dos porteiros de serviço, os quaes, apenas introduziam um dos pretendentes, nomeavam o que se lhe ãvia seguir.

O mancebo que estava no ãgrão superior, apoiado ao corrimão de pedra, e que dominava assim os



— Façamos nós dous a lista . . .

outros dous, era um louro de vinte annos, de feições correctas, olhos melancolicos, face ardente, mobil, impressionavel, onde cada sentimento se reflectia visivelmente. Personagem já conhecida dos nossos leitores.

Dizia aos seus companheiros,

— Quaes ? — perguntou o mancebo de nome Prungey.

— Todos !

— Tantos como aqui, talvez; mais não, — replicou Immarmont.

— Oh, sim ! — affirmou Grandlys — E depois não quero comprometter ninguém.



pouco mais ou menos da sua idade, mas vigorosos, trigueiros, secos, e ambos de attitudo irrequieta:

— Bem vê, Prungey ! Bem vê, Immarmont, não seremos recebidos ainda hoje. Se isto continua, vou passar quinze dias ao Sino de Ouro; é muito divertido, mas, emfim...

Immarmont inclinou-se:

— Monse... Sr. de Grandlys, porque não acceta o meu offercimento ? A hospitalidade no castello de minha mãe, a dous passos da cidade ?

— Perigos !

— Daqui a pouco são ellas quem nomeiam os meus generaes !...

Os dous mancebos saudaram a Prungey disse, em voz mui baixa:

— Vós sabeis muito bem que o nosso unico desejo e o nosso dever unico é a completa devoção á vossa pessoa.

— Sei, — disse o louro com um vago sorriso. — Mas o senhor tem mãe e irmã, Immarmont. Não ha

muito tempo que ellas regressaram a França, para que eu as exponha a novo exilio. Saibamos esperar.

"E' a desforra do passado.

— Ha já desforras de mais ! — murmurou Prungey, entre dentes.

Neste momento o porteiro chamou :

— Sr. Martinsart ! — Sr. Rantigny !

— Martinsart ? — disse Immarmont, com um gesto de supremo desdem. — Algum burguez, eis quem é preferido a nós, monse... Sr. de Grandlys.

— Quem me conhece ? — pronunciou o mancebo evasivamente.

— Martinsart, — proseguia Prungey, — é filho do banqueiro de Josephina, financeiro archi-millionario. Ella deve-lhe sommas enormes.

"E' por isso, certamente, que esse burguez será atendido e satisfeito.

Grandlys interrogou :

— Esse Rantigny, quem é ? Não conheço.

— Ora ! Provavelmente qualquer morgado de provincia. Não vejo esse nome na antiga corte, — explicou Prungey. — Afinal, tudo esquece. Tem havido tantas cousas !

— E' fortunas tão deslocadas, não é verdade ? — insinuou Grandlys — Eu mesmo, por exemplo ?

"Que póde o meu nome recordar aos antigos frequentadores de Versailles ?

— Recorda muito, — retorquiu Immarmont.

"E' muitissimo claro. Se me houvesseis escutado, senhor, adoptaríeis outro nome mais simples e menos transparente, menos significativo.

— Ora ! pronunciou o mancebo louno, com um gesto vago. — Afinal que importa ?

"Ha de ser o que Deus quizer ! O porteiro chamava de novo :

— Sr. Conde de Theix, dos Principes de Groix !

"Sr. Conde de Novara !

— Aquelles são de nobre sangue, — notou Prungey, que parecia conhecer a fundo o armorial da velha França.

— Sim, — disse Grandlys — os Principes de Groix, Condes de Theix, são bretões do Morbihan, familia antiga, outr'ora fieis entre os fieis.

E' suspirou :

— Tudo muda !

— Quem sabe ? — observou Immarmont. — E nós ?

"Não é bom fiar nas apparencias.

Decorreu um quarto de hora.

Nessa manhã parecia ter pressa em despachar gente.

Successivamente chamados foram ainda : o Marquez de Neven-ter, o cavalheiro d'Orsimont e o fidalgo Miquelat des Marches.

Ouvindo-os nomear, os tres mancebos proseguiram nos elogios ou nas censuras.

Grandlys notou :

— Todos querem alistar-se. Aquelles são bons gentis homens.

Por fim a voz retumbante do porteiro bradou :

— Sr. de Grandlys... Sr. Conde de Prungey d'Hautresme... Sr. Visconde de Immarmont !

Grandlys apertou vivamente a mão dos seus amigos :

— Até á vista ! Vae decidir-se a minha sorte : cruces ou cunhos ! Se eu não fôr preso, vão ter commigo no Sino de Ouro, daqui a uma hora.

“Convido-os á minha mesa: almoçaremos juntos.

— Preso ! Porque — exclamaram os dous titulares ao mesmo tempo.

— Sabe-se lá... Tenho Fouché atrás de mim !

O mancebo subiu rapidamente os ultimos degrãos e entrou na galleria. Os seus companheiros seguiram-n'o vagarosamente, a distancia.

Um d'elles segredou ao outro:

— Tenho medo, primo, tenho medo !

— Tambem eu !

— Se elle se deixa arrastar por qualquer impulso, qualquer loucura...

— E' isso mesmo. Não o acho de molde a sustentar o seu papel. E' uma criança nervosa... E depois, neste palacio, as recordações do passado !... O seu orgulho, legitimo, mas tão perigoso, e immensuravel... Emfim, se não fôr acolhido, conforme espera, que fará elle ?

— Esperemos.

E os dous leaes realistas viram entrar nos aposentos de Josephina aquelle que assim os inquietava.

A Imperatriz recebia os pretendentes no antigo salão de Maria Antonietta, que dá sobre o terraço e sobre o immenso parque, mais deitada que sentada em estreito canapé de acaju', adornado com aguias de cobre e estofado de seda verde pallido, com listas de brilhante côr amarella.

Tinha um vestido bastante simples, de musselina da Índia, de manga curta, e levemente decotado, deixando aperceber a sua bella garganta sob a transparencia das rendas alvissimas.

Comquanto tivesse completado os seus quarenta e tres annos, dava ainda a illusão da juventude, mercê da sciencia, da attitude e do encanto no gesto e na voz.

Um elegante diadema de perolas lhe coroavam a cabeça, sempre formosa.

Hortencia, recentemente elevada ao throno da Hollanda, mas com pouca ou nenhuma pressa de ir ajuntar-se a seu regio esposo, estava ao lado de Josephina.

Parecia sua irmã mais nova, mas não a egualava em formosura.

Sentadas em tamborettes, formando semi-circulo, alinhavam-se : a dama de honor, a Baroneza de Vaux a açafata, madame Hamelin, as doze damas do palacio, entre as quaes a Duqueza de La Rochefoucauld, notada então pelo seu zelo; madame de Moyon, tambem creoula da Martinica, amiga de infancia da Imperatriz; a Baroneza Houdeuil, da qual as duas filhas Josette e Thereson pertenciam á casa de Hortencia — e outras mais, da melhor nobreza, egualmente sollicitas.

Porém, de todas, a mais viva e mais joven, e que mais olhares atrahia, era a bonita Luiza de Castelet.

Casara, dous annos antes, com um Capitão de dragões, que quasi nunca apparecia. Comtudo, ella adorava-o e elle retribuia-lhe a adoração; mas, umas vezes o serviço outras vezes o jogo, separavam-n'os com frequencia.

Era querida na côrte, porque a sua infantil alegria e agradavel sorriso realçavam a sua gracil belleza de loura.

O grande pintor Greuse, morto de miseria e velhice, alguns mezes

antes, se a tivesse conhecido nos dias da sua gloria artistica preferil-a-ia a todos os outros modelos.

Luiza de Castelet possuia a faculdade de espalhar alegria em volta de si. Dir-se-ia que nascera para dissipar a melancolia.

Era radiante e seductora.

Os menos accessiveis ao prazer desenrugavam a fronte ao vel-a. O proprio Napoleão, em momentos de máo humor, e de intensa severidade não resistia á sua apparição luminosa.

Por isso chamavam-lhe — feitiçeira — denominação que a joven accitava como um cumprimento. Além deste areopago feminino, alguns officiaes de serviço, um camareiro-mór e um escudeiro se agrupavam ao fundo, de pé, junto ás portas.

O conjuncto não era destituido de grandeza, e a etiqueta nenhuma regra faltava.

A decoração era, tambem, magestosa. No tecto, com relevós de ouro, viam-se allegorias pintadas por Coypel; pendiam das paredes velhos retratos de heróes esquecidos, que alli figuravam desde o tempo dos reis, entre tapeçarias de assumptos mythologicos.

Pelas portas das janellas, abertas sobre o vasto terraço, mergulhava-se a vista no profundo parque, de arvoredos seculares, onde, nos prados viridentes, surgiam, a espaços brancuras de estatuaria.

Mas a immensa extensão que vae até aos Beaux-Monts ainda não existia ao tempo. Só cinco annos mais tarde um capricho de Maria Luiza determinou essa gigantesca obra.

O porteiro annunciou á entrada:

— O Sr. de Grandlys !

O mancebo entrou, hesitando um

instante, offuscado por um raio de sol, piscou os olhos, lançou em volta olhares melancolicos, e dirigiu-se lentamente á Imperatriz.

A tres passos della inclinou-se com altiva graça, sem sombras de humildade.

De ordinario Josephina estendia a mão aos que chegavam, tanto para offerecer-lh'a aos labios, como para receber os requerimentos ou cartas ou quasi todos traziam.

Mas este mancebo de bello porte nenhum papel tinha nas mãos. Parecia tão *particular*, tão *peçoal*, que ella o contemplava sem fazer um gesto.

Em volta todos se conservaram igualmente immoveis e em silencio, como se cada um tivesse a secreta intuição de que a entrada desse desconhecido, e de que esta simples scena, tão simples em si mesma, marcariam o prologo de alguma tragedia.

Entretanto Grandlys, de pé, em face da Imperatriz, esperava, sem duvida, uma palavra de encorajamento.

Assim o comprehendeu a imperial creoula, que fez um ligeiro esforço, e murmurou, corando um pouco:

— E' o Sr. de Grandlys, creio. Que pretende de nós ?

E, após breve pausa:

— Mas quem o recommenda ?

— Minha senhora, — respondeu o mancebo pausadamente, — não trago recommendações de especie alguma. Desejo fallar a vossa graça sem testemunhas.

Elle dizia *Minha Senhora*, e não *Magestade*, como exigia a etiqueta. Exprimia livremente um desejo, sem fórma de supplica ou voto.

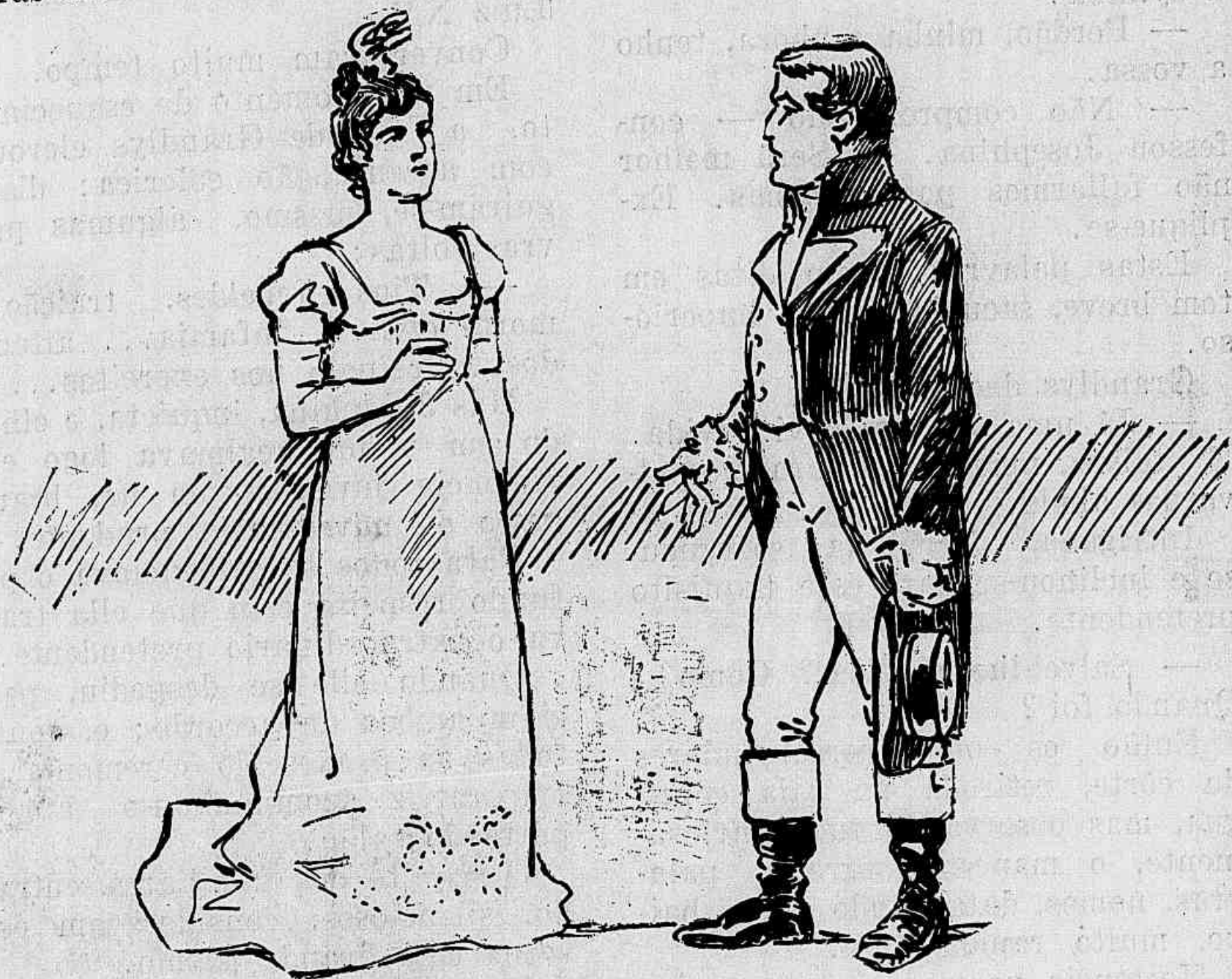
Os cortezaos, scandalizados,

franziram as sobrancelhas. As damas fizeram tregeitos.

Porém, Josephina conservara-se creoula, indolente, sem vertigem de grandezas, e não se mostrou offendida com essa ignorancia das regras da sua corte.

tencia. Fez recuar os camaristas para traz das portas, e como o camareiro mór se postára, por prudencia, a dez passos, ordenou-lhe que fosse para junto dos outros.

Apenas Hortencia se demorava em um canto do salão.



Conversaram muito tempo

Grandlys agradava-lhe assim mesmo como era, e interessava-o á primeira vista, sem que ella soubesse porque. Intimidava-a mesmo um pouco, o que aliás lhe parecia inexplicavel.

Cedeu, portanto, ao pedido. Com um signal mandou afastar as damas, sem exceptuar a Rainha Hor-

Josephina foi a primeira a usar da palavra:

— Deseja uma patente de official no Izemberg ou no La Tour-d'Auvergne?

— Sim, minha senhora.

— Como se explica, nesse caso, que não obtivesse nenhum apoio para protegê-lo junto de nós, ne-

nhuma recommendação directa para mim ?

Grandlys sorriu. Os seus olhos azues fixaram-se um instante na Soberana, com uma rápida scintilação.

Em seguida pronunciou, syllaba a syllaba:

— Perdão, minha senhora, tenho a vossa.

— Não compreendendo — confessou Josephina. — Será melhor não fallarmos por enygmas. Explique-se.

Estas palavras foram ditas em tom breve, sacudido, quasi imperioso.

Grandlys decidiu-se:

— Já uma vez vos devi a vida. E', talvez, uma razão para me salvardes ainda.

Intrigada, Josephina soergueu-se e inclinou-se para este exquisito pretendente.

— Salvei-lhe a vida ? Como ? Quando foi ?

Então os olhos perscrutadores da côrte, retirada na sala contigua, mas observando tudo curiosamente, o mancebo segredou palavras, nomes, datas, tudo muito baixo, muito rapidamente.

Hortencia percebeu:

— 1795, Frotté... Barras... o Templo... Algozes... caridade...

Mas a Imperatriz em um movimento brusco de surpresa, recuara um passo, e contemplava ardentemente o rosto effeminado do seu interlocutor, inclinando-se, a seu pezar.

— Vós ! Vós ! senhor, *monse-nhor* !

Depois, estendendo-lhe a mão, arrastou-o vivamente para o terraço.

Ouviram-na dizer-lhe ainda:

— Pareceis-vos extraordinariamente com a nossa pobre mãe. E' fantastico, tudo isto !

O resto perdeu-se, levado pelo vento da manhã, nesse parque out'ora executado por ordem de Luiz XV.

Conversaram muito tempo.

Em um momento de esquecimento, a voz de Grandlys elevou-se com accentuação colerica; distinguiram-se, mesmo, algumas palavras soltas:

— Tios rebeldes, traição... morte civil... infamia... attentados... refugio nos exercitos...

Mas Josephina, inquieta, e olhando em redor, acalmava logo essa violencia juvenil, com um brando gesto de advertencia prudente.

Para todos se evidenciava o profundo respeito com que ella tratava o extraordinario pretendente.

Quando elle se despediu, pareciam ambos de accordo; e, contra todas as praxes do ceremonial, a Imperatriz acompanhou-o até á porta do salão.

O sequito dos familiares, entrando, silenciosos, consideravam esta scena com grande pasmo.

Um momento Grandlys, parando a meio do salão, observou o conjuncto — tapeçarias, moveis, quadros, e, em uma subita emoção, murmurou:

— Que recordações !

Mas a Imperatriz, mais uma vez, levando o dedo aos labios, convidava-o ao mysterio.

Elle cahiu em si, e pronunciou em voz alta:

— Obrigado pela bondade, minha senhora.

— Então... fica promettido?

Inclinada para elle, Josephina respondeu em um murmurio, que surpreendeu apenas Hortencia:

— Sim, *sire*.

.....

A' mesma hora, Jeronymo Cantenor sentia uma commoção.

De vez em quando o seu divagar, aparentemente ocioso, reconduzia-o ás portas do palacio.

Se de lá sahia um grupo, ou um gentil-homem, elle arranjava-se de modo a achar-se na sua passagem, e, saudando-os com cara de parvo,



— Sim. Mas visto estar vivo, que vem elle fazer á França?...

Chegado na vespera a Compiegne, vagueava nas ruas proximas do castello, em traje de camponez abastado que vinha por causa do mercado de sabbado.

Suppunha-se bem disfarçado ; talvez assim fosse, effectivamente, comquanto elle não houvesse ainda adquirido a perfeita habilidade nas caracterisações e *travestis* que mais tarde o notabilisaram.

encarava-os com o seu olhar de lynce.

Deste modo havia já inspeccionado um grande numero, quando viu ao longe desembocar na praça exterior uma personagem vestida de preto, rigorosamente enlutada.

Andava devagar, cabeça baixa, modo pensativo.

Approximou-se, com as mãos nos bolsos, arrastando na poeira a grossa bengala presa ao pulso por uma correia.

A' distancia de quinze passos, o bufo examinou, sem affectação, este individuo. Bruscamente, porém, teve um violento sobresalto, e empallideceu um pouco. Esbugalharam-se-lhe os olhos, e toda a sua physionomia manifestava, ao mesmo tempo, po, immensa surpresa e algum terror.

O desconhecido passava, vem reparar no falso camponez.

Cantenor, parando redondamente no pé de um dos grandes frades de pedra existentes na praça, enxugava o suor em camarinhas, e monologava balbuciante:

— Ora esta! E' sonho! Um so-

nho idiota! Não pôde ser! Contudo, uma semelhança assim! Verdade seja, eu vi o *outro* por alto, mas tenho razões para lhe não esquecer a cara, e eil-a. Eil-o, a elle mesmo, a vinte passos, de mim, sobre as suas pernas. Se o diabo do homem não morreu é porque a morte está morta. Quasi tremo de medo eu! Mas quero tirar o caso a limpo, vamos!

Poz-se logo a seguir a personagem que tanta agitação e espanto lhe causava. Viu-o passar rente á Igreja, voltar á direita, até a praça do Municipio, e por fim entrar no *Sino de Ouro*.

— Não me escapa agora, pensou elle.

E entrou tambem na grande hospedaria.

Neste momento, um joven fidalgo de physionomia jovial dirigia-se ao novo espionado de Cantenor e estendia-lhe a mão, dizendo com viva cordealidade:

— E então, Sr. Conde de Theix, está tambem satisfeito?

— Sim, Sr. Martinsart, tão satisfeito quanto possivel — respondeu o Conde de Theix.

Cantenor não quiz ouvir mais, Sahiu vivamente; tinha necessidade de ar.

— E' elle! E' elle, bom Deus — murmurava ao fugir. — Os mortos resuscitam... O luto que este traz é por elle proprio!

A trezentos passos voltou-lhe a reflexão.

A sua alma de policia despertou no seu corpo de cobarde. Deteve-se rodou nos calcanhares e voltou para os lados do Sino de Ouro.

— Sim! Mas visto estar vivo, que vem elle fazer a França? Aqui?

Quererá tambem alistar-se nos regimentos nobres? Com que fim?

"E' inimigo da França e do Imperador. Medita, por força, qualquer cousa má.. Attenção! Acautela-te Cantenor, acautela-te! Olha bem! No fim de contas, pôde ser novo meio de fortuna... Olho alerta e acautela-te!"

Estas considerações animaram-n'o, e o *bufo* voltou para a hospedaria em passo rapido e decidido.

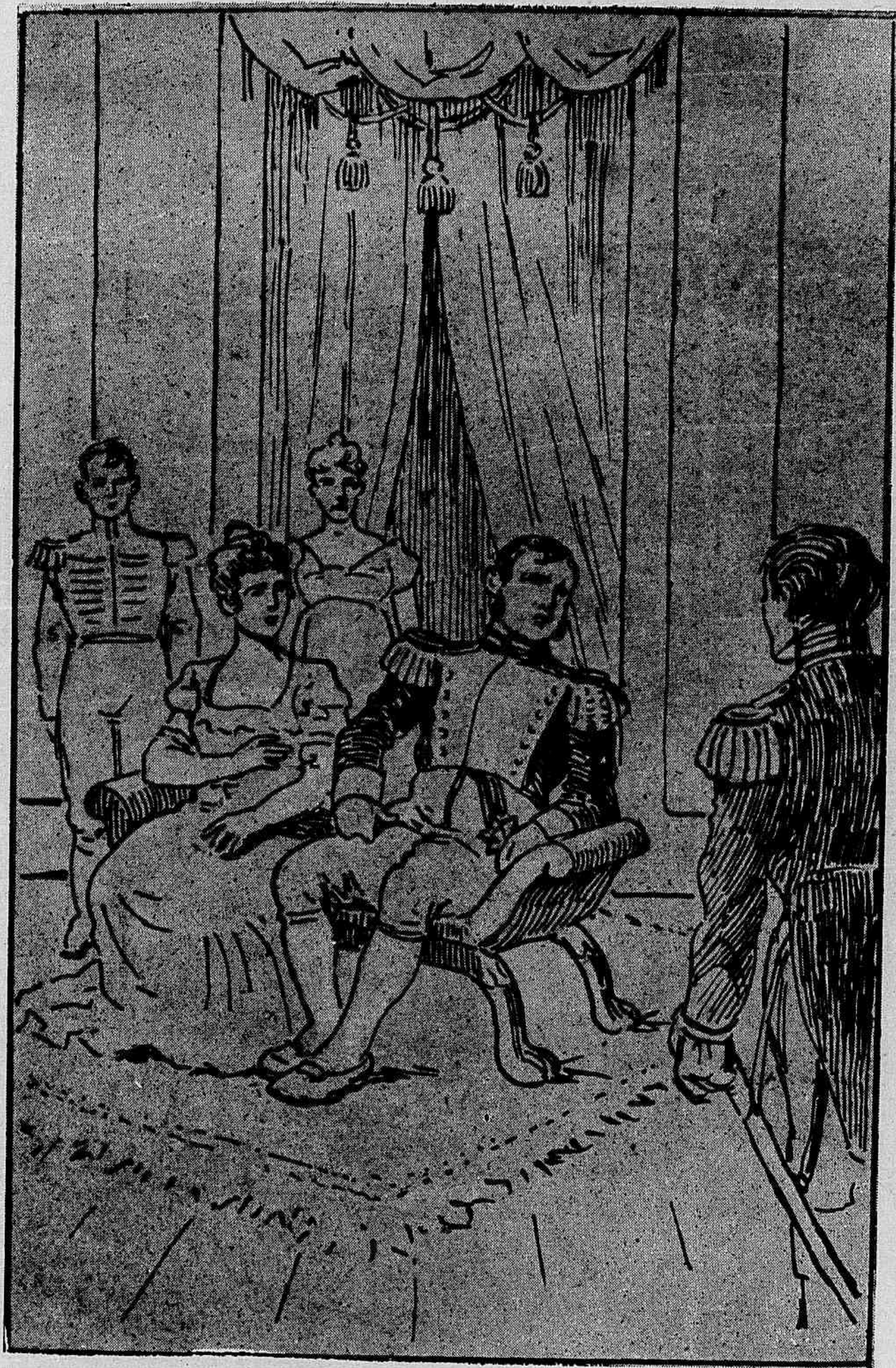
Soava o meio-dia; os sinos da Igreja de S. Jacques respondiam ao carrilhão da casa da Camara Municipal.

A praça, cheia de barracas volantes, de gigas com fructa e hortaliça; as carroças dos horticultores, cobertas com o panno verde, os cavallos voltados nos varaes, com os focinhos mettidos nas alcofas, roendo a sua ração, tudo isto offerecia um curioso movimento de população diversa.

Como era, porém, a hora do almoço, que resoava tambem nos estomagos, fez-se, pouco a pouco, completo socego. As ruas desertaram-se e as casas encheram-se.

Quando Jeronymo Cantenor penetrou, pela segunda vez, na vasta sala do *Sino-de-Ouro*, já alli se acotovelava um publico de lavradores ricos, burguezes da cidade, tudo gente com quem se não importava.

Os olhos fixaram-se apenas em um grupo elegante, distincto do vulgo no trajar e nas maneiras, no meio do qual o agente Fouché reconhecia, com um persistente calafrio, o Conde de Theix, dos Principes de Groix, o cavalheiro da guarda agonisando na herdade d'Austerlitz, e cuja saude—afóra a



— Entendido, sire

melancolia do seu rosto — mostrava ser excellente.

Compunha-se esse grupo de nobres mancebos dos pretendentes que de manhã tinham apresentado as suas solicitações á Imperatriz.

Era, portanto, além do Conde de Theix, já nomeado, e do já conhecido Sr. de Grandlys, o Visconde d'Immarmont, o Conde de Prungey d'Hautresme, o Marquez de Néventer, o Conde de Novara, o cavalheiro d'Orsimont, e os fidalgos Miquet des Marches, Martinsart e de Rantigny.

Este ultimo agitava-se no meio dos outros, prodigalisava finezas, reverencias e cortezes offercimentos.

— Rogo-lhes encarecidamente a mercê de acceitarem um convite, feito de todo o coração, meus senhores. Compreendo muito bem a grande honra que solicito. Vós todos sois de linha aristocratica, e eu não passo de filho de um humilde financeiro.

Houve sorrisos, porque ninguem desconhecia a immensa fortuna de Martinsart, fornecedor dos exercitos, havia dez annos, banqueiro da corte, a quem os principes recorriam em occasiões de apuro, e Josephina devia contas que ameaçavam tornar-se insolúveis.

Seu filho proseguiu:

— Comtudo, é preciso tomar o habito de sermos um tanto camaradas, visto que amanhã seremos todos officiaes do Imperio, sem distincção de titulos nem de nascimentos.

Alguns apoiaram.

— Apresentemo-nos, portanto, cordialmente uns aos outros, e almocemos juntos. Já vos pedi li-

cença para mandar vir o almoço a expensas minhas.

D'Orsimont, mancebo gentil e sem fortuna, replicou vivamente:

— Quanto á despeza, acceito. Mas, na escolha das iguarias, peço o favor de ser ouvido e de colaborar, na minha qualidade de maior gastronomo de toda a França.

— Basofia ! — replicou o filho do financeiro.

Agora todos riam, excepto o pobre de Theix, que mal pôde sorrir após colossal esforço.

— Sr. Martinsart — disse Grandlys — sinto immenso recusar-lhe a graça que solicita.

Eram palavras reaes, e, pelo modo como foram pronunciadas, não se podia distinguir se quem as proferia o fazia a sério, ou gracejando.

— Sinto immenso, mas tenho tambem os meus convidados: o Sr. Visconde de Immarmont e o Sr. Conde de Prungey de Hautresme.

— Isso não faz ao caso, meu caro senhor; resgato o seu credito secretamente. E' uma simplissima operação, transacção facil a que a minha familia está habilitada.

Novas risadas acolheram a engraçada replica.

Já Rantigny e des Marches annuiam a tanta franqueza e sinceridade, quando se ouviu ao largo um clamor, trovejando e crescendo nas ruas e logo a seguir o rumor rythmico e cadenciado da multidão, a grande trote.

Os mancebos correram precipitadamente ás janellas da sala.

De subito, entre um esquadrão de caçadores, cujos sabres relampejavam, passou o Imperador, na sua berlinda descoberta, forrada de

azul celeste e ouro, puxada a quatro cavallos brancos.

Chegava, segundo o seu costume, sem prevenir, e como um cyclone.

Appareceu, visão rapida, brilhante, no seu uniforme verde de guarda de caçadores, levando á frente Savary e um Coronel do Estação Maior, e Berthier á esquerda. Appareceu com o seu aspecto de mocidade, poderoso, soberbo. Não cumprimentava ninguém; os seus olhos duros cravaram-se um momento nesta hospedaria, de onde partiam gritos, appellos, ovações freneticas.

Viu nas janellas essa mocidade que elle amava, e com a qual contava conquistar o mundo.

Miquelet des Marches, Rantigny, Martinsart, Orsimond agitavam os chapéos, e gritavam a plenos pulmões:

— Viva o Imperador !

Prungey, Immarmont, Novara, Theix e Néventer descobriram-se, em silencio.

Grandlys, máo grado seu, tirou o chapéo.

O Imperador passou. Os ultimos cavalleiros da escolta desaappareceram entre nuvens de poeira.

Houve um silencio na hospedaria, o silencio das grandes emoções pensativas nas occasiões graves.

A um canto da sala, Cantenor tomava notas.

Então o Sr. de Grandlys, que acabava, talvez de receber uma lição de historia e de realidade, voltou-se para Martinsart, e, com voz mudada, suave, quasi affectuosa, disse:

— Aceitamos o seu convite, Sr. Martinsart.

— Viva o Imperador ! — repetiu o mancebo. — O dia é feliz!

Como se, em virtude de algum ascendente mysterioso, indefinivel, Grandlys dominasse a bel-prazer nas vontades alheias, apenas elle consentiu, todos se renderam por seu turno.

— Façamos nós dous a lista, Sr. d'Orsemont ! — exclamou o filho do financeiro, puxando-o para as cozinhas.

No emtanto, em uma sala proxima da sala commum, punha-se a mesa, com dez talheres, rapidamente, empregando-se nesse serviço tres criadas muito espertas, uma das quaes, chamada Bastiana, era de véras bonita.

O patrão da hospedaria, prevendo bons lucros, entendia que convinha separar dos hospedes vulgares os que fossem distinctos.

De mais a mais, elle tinha mais de uma razão para o fazer, porque a sala estava cheia de caras suspeitas para os olhos experientes.

Nos dias habituaes de mercado — era sabido — juntava-se sempre muita gente neste sitio; mas neste sabbado a affluencia quintuplicava.

E Cantenor, olhando de revez, pe-tiscando o seu guizado de carneiro, ao passo que observava as pessoas e fazia caretas.

Havia alli varias caras do seu conhecimento, varias creaturas enigmaticas, que tinha visto em volta do *Palais-Royal*, em volta dos ministerios e em outros logares publicos onde o chamavam as suas funções.

Se elle as farejava assim devia igualmente ser adivinhado por elles.

O seu fato de camponez e cara alvar que elle fazia eram meros brinquedos para os profissionaes. A melhor prova consistia em que nin-

guem o mystificava. Vestidos de panno alvadio, á guisa dos abastados mercadores belgas, annunciavam-se como tal, em voz fortemente accentuada; com o uniforme de couteiros, a blusa de alquiladores, ou de qualquer outro modo ainda, elle farejava os espiões de todos os partidos, emissarios do Conde de Provença, agentes do Conde d'Artois, e bem assim alguns camaradas da segurança, ou mesmo do ministério.

Era evidente que a presença de todos esses filhos de familias da antiga nobreza, mais ou menos ligadas, ao Governo, excitava a curiosidade até mesmo a inquietação dos differentes partidos.

Os Bourbons deviam desejar, pelo menos, saber quem eram os novos renegados da sua causa; e o Governo imperial, comquanto os acolhesse sentia a necessidade de informar-se da lealdade com que se convertiam.

Era demasiado recente e demasiado interessado para não inspirar duvidas, e mesmo legitimas desconfianças.

Assim, a hospedaria do *Sino de Ouro*, parecia, neste momento, o ponto de reunião da policia de todo o mundo, e os gestos de cada um dos hospedes alli eram minuciosamente espionados.

Os dez futuros officiaes dos regimentos nobres talvez fossem as unicas pessoas que evoluçionavam, sem constrangimento nem desconfiança, neste meio particular.

Martinsart e Orsement voltaram das cozinhas com ar contentissimo.

O primeiro agitava triumphalmente um cartão, onde estava escripta a lista que acabavam de elaborar.

Entraram logo todos em tumulto

na sala reservada, mas cuja porta ficava aberta por causa do serviço de mesa.

Collocado mesmo defronte, Cantenor podia ver tudo quanto alli se passasse.

Na sua qualidade de amphytrião, Martinsart fallava alto.

— Meus senhores! Camaradas, sentem-se onde quizerem, á vontade. Hoje não ha etiqueta. De resto, como seremos todos eguaes sob as dragonas, comecemos desde já.

Os mancebos sentaram-se. Como, porém, a mesa era redonda, não havia cabeceiras nem logares assignalados.

Immarmont collocou-se, sem affectação, á direita de Grandlys e Prungey á esquerda.

Neste momento entrou de escantilhão, na sala commum um homem de seus cincoenta annos, baixo, hombros largos, cabello preto e crespo, nariz grosso, barba espessa e negra, que lhe chegava aos olhos, vestindo como burguez rico.

Puxou uma cadeira para o lado de Cantenor, empurrou-o dizendo: — Arreda-te!

E installou-se commodamente, hombro a hombro, com elle.

Cantenor resmungou. Embirrava que o incommodassem, principalmente quando o espectáculo era interessante.

Mas o outro fixou-o de modo fulminante, ordenando:

— Cala-te, camponio!

O espião de Fouché não gostou da brincadeira.

Mas dominou-se logo, e jurou desforrar-se na primeira occasião.

No grupo dos diversos viajantes, dos quaes uns comiam, sentados ás mesas, outros bebiam, de pé, junto do balcão, produziu-se um certo

movimento no aspecto do recém-chegado. Todos os olhares desses individuos se fixaram nelle com particular attenção.

Parecia fóra de discussão que este sujeito não era vulgar, e que não perderia os passos quem lhe seguisse a pista.

No entanto, sem se importar com o effeito produzido, elle devorava á pressa duas fatias de carne fria e esvasiava copo sobre copo a grandes goles.

De bocca atafulhada, ia lançando de quando em quando um olhar agudo, sobre um criado que deixára fóra, guardando dous cavallos.

O criado, com as redeas dos animaes debaixo do braço, devorava um pão com presunto, e tinha sobre um banco de pinho, diante da porta um grande pichel de cerveja loura.

E tambem, por sua parte, não perdia de vista o amo.

De repente este levantou-se; fize-ra-o estremecer um surdo clamor.

A porta da sala onde almoçavam os futuros officiaes dos regimentos nobres tinha sido casualmente fechada quando elle entrou.

Ora, neste instante, foi aberta por Bastiana, que levava em uma grande travessa de estanho um guisado de primeirissima ordem.

E a voz argentina da rapariga annunciava:

— Frangos á Marengo !

Este prato foi inventado e assim baptisado no dia immediato ao da grande victoria do primeiro Consul, por um cozinheiro opportunista e corteção chamado Quaresma.

Immediatamente os Imperialistas, isto é, Orsimont, Martinsart, Marches e Rantigny entraram a berrar:

— Viva o Imperador !

Os outros convivas, sem fazerem caso dos enthusiasmos napoleonicos, tentaram rir. E o conjunto da gritaria penetrava nas outras salas como um pé de vento.

O homem de barba negra deu dous murros na mesa, acompanhando de uma furiosa praga, e fixou as pupillas, incendiadas, naquella sala ruidosa.

Bastiana sahiu de lá vermelha, desguedelhada, mas rindo muito apesar disto, perseguida pelo irrequieto Rantigny, que lhe não largava a saia.

Em vista, porém, das chufas do publico, deixou-a e voltou a sentarse no seu logar.

Cessou a gritaria, porque toda a rapaziada tinha a bocca cheia e o bom appetite dos vinte annos.

Ouviu-se então, neste meio silencio, o que elles diziam.

Os peralvilhos compraziam-se, mais uma vez, em se nomearem pelos seus titulos, porque, se alguns eram partidarios de Bonaparte, nenhum parecia lembrar-se de terem existido a Republica e o Terror.

Portanto cruzavam-se no espaço os dizeres:

— Mais vinho, Visconde de Imarmont.

— Obrigado Marquez de Néventer.

— Senhor de Grandlys serve-se de ostras ?

— Com todo o gosto, Conde de Prungey.

Martinsart pronunciava ceremoniosamente:

— Sr. Conde de Theix, dos Principes de Groix por favor deixe-se desse ar melancolico ! Olhe que não tornamos a ser tão novos como

hoje... Quem sabe o que virá amanhã? Pois bem... bebamos ao futuro, seja qual for, e ao presente, tal como é! Aqui tem com que se alegrar, apesar de tudo. Repare nestas garrafas cobertas de poeira... E' o vinho preferido do Imperador.



O homem de barba negra deu dous murros na mesa...

Os quatro intrepidos gritaram logo:

— Viva o Imperador!

As quatro vozes faziam algazarra por dez.

A este grito repetido, o vizinho de Cantenor levantou-se violentamente, como se recebesse uma provocação directa, empurrou a cadeira, que cahiu no soalho, e, agarrando um prato, atirou-o, á toa, para aquella sala.

O prato foi cahir justamente no meio da mesa, partindo tres travessas e quatro copos.

Os dez mancebos levantaram-se, tambem em tumulto.

As pessoas presentes approximaram-se movidas por sentimentos diversos.

Mas o aggressor, sem temer a multidão, apostrophava já os mancebos:

— Não procurem, sou eu! Eu, que não posso ouvir, sem protestar a meu modo, o filho e os sobrinhos d'Immarmont, de Prungey, d'Hautresme, esses puros, esses amigos de Frotté, mortos como elle pelas balas dos azues; os filhos dos guillotizados como Novara e Néventer, atraçoam a sua nobreza e mil annos do passado, acclamando o usurpador.

“Sucia de vis, de renegados, de traidores... Com o tempo, tempo vem... Heide tornar a encontrá-los!

E para que fiquem sabendo, vou atirar-lhes á cara com o meu nome,

á guisa de luva. Sou o cavalleiro de Bruslart, amigo de Cadouñal, o ultimo dos *chouans* ! Viva o Rei !

Estas ultimas palavras perderam-se em um borborinho. O primeiro a sahir foi Martinsart.

Atirou-se á garganta de Bruslart

todo o risco, apoderar-se do temivel *chouan*, cuja cabeça, posta a preço valia mil francos.

Os espiões de Artois, ou Provença entendiam dever seu defendel-o, e entre os convivas da mesa, onde o valente general realista estivera



— Alto ahi !

mas este, dotado de força athletica, reduziu-o á impotencia, torcendo-lhe os braços.

Por sua parte Cantenor accionava tambem. Encantado com a desforra offerecida, resolvido, embora com perigo de vida, a prender o lendario inimigo do Imperador, atirava-se ás cegas.

Acto continuo toda a gente se precipitava; uns pró, outros contra.

Os agentes de Fouché queriam, a

sentado, os movimentos, como os corações, estavam em antagonismo.

Grandlys, em segredo, fazia votos ardentes por Bruslart, servidor devotadissimo da monarchia.

Immarmont e Prungey compartilhavam igualmente essa opinião, Novara, Theix e Neventer, apesar de injuriados, nenhuma animosidade nutriam contra elle.

Os outros quatro, bonapartistas, mostravam-se decididos a arrancar-lhe a pelle.

Desataram aos soccos, pratos, garrafas, talheres, tudo ia pelo ar; mas Bruslart desembaraçado um instante, mercê da energica intervenção dos seus, recuou tres passos, puxou da algibeira um par de pistolas de dous canos e apontou-as brutalmente aos que de novo queriam assaltal-o.

— Alto ahí! Queimo as guelas ao primeiro; bem sabem, que estou habituado.

Os mais destemidos hesitaram; não tinham armas.

Bruslart aproveitou a vantagem para retroceder lentamente até á porta, sempre com as pistolas apontadas e mão no gatilho.

Chegando alli, virou costas em um salto e achou-se na rua. Montou rapidamente no seu possante cavallo, que o servo tinha promptamente sellado apenas ouvira o barulho, e os dous homens partiram a toda a brida, caminho da floresta, enquanto na hospedaria continuava a desordem.

— Peguem-lhe agora com um trape quente! — disse o hospedeiro, philosopho por officio, entrando na sala.

As discussões continuavam. Cantenor, desesperado por haver deixado escapar um dos mais ferozes adversarios do Imperio, accusava toda a gente de cumplicidade na evasão, principalmente o bojudo commerciante belga e o coiteiro.

Estes defendiam-se indignados. Evidentemente, pensavam em sahir quanto antes deste logar nada seguro.

E tinham motivos, porque o primeiro na realidade chamava-se Hourtaul, era de Arras, e andava ao serviço do Conde de Provença; e o outro, de nome Tronpuoy, nativo de Lyon, trabalhava para o Conde d'Artois.

Receiavam, ambos, mais que ninguém, um escandalo que antecipa-

damente os perderia, pela simples razão de os denunciar. Soccorreram-se, afinal, de um subterfugio, allegando que a generosidade da sua alma os impellira de tomar o partido do mais fraco, e a defender um homem só, atacado por outros dez.

— O mais fraco — resmungou Cantenor, que apanhára um socco tremendo nas costas, — Com tres *mais fracos* como elle tomava, eu á minha conta a sorte de vocês todos. Emfim, paciencia, é partida adiada. Não fallamos mais em tal, até á primeira occasião.

Acceitou o convite do falso belga para beber com elle e com o falso coiteiro. Demais percebiam todos tres que se não enganavam; mas, por solidariedade de profissão, e espirito de classe, bebiam e tocavam os copos sem constrangimento.

Entretanto, na sala visinha, cuja porta estava agora fechada, os futuros officiaes continuavam a almoçar sem mais emoção, com o descuidoso appetite proprio dos estomagos de vinte annos.

Todavia, estavam um tanto ou quanto graves, tambem em resultado do alarme recente.

Fallavam das promessas que a Imperatriz lhes fizera nessa manhã. Havia-se mostrado delicada, perfeita, e benevola com todos.

Alguns admiravam-se; dir-se-ia ao vel-a e ao ouvil-a, que ficára fiel ao antigo regimen. Parecia detestar os homens da Revolução, e a sua côrte assemelhava-se a um salão do bairro S. Germano. Ouviam-se alli nomes da antiga aristocracia, e a mulher de Napoleão confessava-se cheia de sympathia pelos titulares.

— Que querem? — diz Orsemond, indulgente. — Ella lembra-se do passado; ainda não se des-

prende das antigas recordações, nem do mundo de outr'ora, que foi o seu.

— Tão pouco ! — replicava Prungey, mordendo os lábios.

“Josephina pertencia á pequena nobreza: os Tascher, que era isso? Quanto a Beauharnais, não passava de um homem de quem se não faz caso.

— O que não impediu que o guilhotinassem, — observou Martinsart.

Grandlys escutava-os, silencioso, com o seu sorriso vago.

Prungey continuava:

— E' como diz meu caro, Josephina não conheceu verdadeiros gentis homens senão nas ante-camaras da guilhotina... Deve-se, contudo, confessar que, apenas se julgou com alguma influencia, apressou-se logo a prestar-lhes os seus humilísimos serviços. E' uma boa creatura.

— Oh ! — retorquiu Miquelet. Sendo assim, é uma boa creatura para os outros, mas não para o marido.

Houve um ligeiro riso.

— O marido ? — arriscou Imarmont — a esse tem ella pregado boas partidas. Coitado !

Martinsart encolheu os hombros.

— Ora vamos, meus senhores, é esse o vosso reconhecimento aos favores desta manhã ? Pois se ha quem menega censuras em tudo isso, não serão antes os que, odiando o Imperador, se valem da Imperatriz afim de obterem collocações, dinheiros, dignidades, e, depois de voltarem costas, lhe pagam com desprezos ?

Estas palavras soaram duramente na bocca deste mancebo, de or-

dinario jovial e desejoso de agradar.

Grandlys acudiu:

— Tem razão, Sr. de Martinsart.

— Oh ! — replicou este — com que direito me ennobrece ?

“Queira chamar-me simplesmente Martinsart, sem mais nada. E' um favor. Sou burguez, filho de burguez, não sou outra cousa.

— Perdão ! — retorquiu Grandlys, sorrindo de novo e trocando um olhar com o seu visinho da direita.

“Perdão para a particula escapada. Não tenho nenhum direito. O senhor tem ainda razão. Sou o primeiro a proclamar a Imperatriz Josephina como a benevolencia em pessoa, e tenho o dever de ser-lhe duplamente reconhecido, pelo presente e pelo passado.

— Ainda bem ! — exclamou Martinsart. — Eis o que é bem dito !

E, atravez da mesa, o mancebo estendeu francamente a mão a Grandlys.

Este, um pouco surprehendido, hesitou um instante. Em seguida apertou frouxamente a mão que se lhe offerencia.

Prungey e Imarmont olharam-se um tanto pallidos.

Rantigny, talvez sem intenção, veio complicar as cousas.

— Sr. de Grandlys, — pronunciou elle muito grave, — o seu testemunho é precioso para nós; mas, sem a menor idéa de offensa, far-lhe-ei notar que o senhor não representa aqui, como eu, senão essa pequena nobreza a que pertenciam os Beauharnais e os Tacher de la Pagerie... Nós dous não temos ne-



Grandlys estendeu as mãos ás duas damas . . .

prende de das antigas recordações, nem do mundo de outr'ora, que foi o seu.

— Tão pouco ! — replicava Prungey, mordendo os lábios.

“Josephina pertencia á pequena nobreza : os Tascher, que era isso ? Quanto a Beauharnais, não passava de um homem de quem se não faz caso.

— O que não impediu que o guilhotinassem, — observou Martinsart.

Grandlys escutava-os, silencioso, com o seu sorriso vago.

Prungey continuava :

— E' como diz meu caro, Josephina não conheceu verdadeiros gentis homens senão nas ante-camaras da guilhotina... Deve-se, contudo, confessar que, apenas se julgou com alguma influencia, apressou-se logo a prestar-lhes os seus humilísimos serviços. E' uma boa creatura.

— Oh ! — retorquiu Miquelet. Sendo assim, é uma boa creatura para os outros, mas não para o marido.

Houve um ligeiro riso.

— O marido ? — arriscou Immarmont — a esse tem ella pregado boas partidas. Coitado !

Martinsart encolheu os hombros.

— Ora vamos, meus senhores, é esse o vosso reconhecimento aos favores desta manhã ? Pois se ha quem mereça censuras em tudo isso, não serão antes os que, odiando o Imperador, se valem da Imperatriz afim de obterem collocações, dinheiros, dignidades, e, depois de voltarem costas, lhe pagam com desprezos ?

Estas palavras soaram duramente na bocca deste mancebo, de or-

dinario jovial e desejoso de agradar.

Grandlys acudiu :

— Tem razão, Sr. de Martinsart.

— Oh ! — replicou este — com que direito me ennobrece ?

“Queira chamar-me simplesmente Martinsart, sem mais nada. E' um favor. Sou burguez, filho de burguez, não sou outra cousa.

— Perdão ! — retorquiu Grandlys, sorrindo de novo e trocando um olhar com o seu visinho da direita.

“Perdão para a particula escapada. Não tenho nenhum direito. O senhor tem ainda razão. Sou o primeiro a proclamar a Imperatriz Josephina como a benevolencia em pessoa, e tenho o dever de ser-lhe duplamente reconhecido, pelo presente e pelo passado.

— Ainda bem ! — exclamou Martinsart. — Eis o que é bem dito !

E, atravez da mesa, o mancebo estendeu francamente a mão a Grandlys.

Este, um pouco surprehendido, hesitou um instante. Em seguida apertou frouxamente a mão que se lhe offerencia.

Prungey e Immarmont olharam-se um tanto pallidos.

Rantigny, talvez sem intenção, veio complicar as cousas.

— Sr. de Grandlys, — pronunciou elle muito grave, — o seu testemunho é precioso para nós ; mas, sem a menor idéa de offensa, far-lhe-ei notar que o senhor não representa aqui, como eu, senão essa pequena nobreza a que pertenciam os Beauharnais e os Tacher de la Pagerie... Nós dous não temos ne-

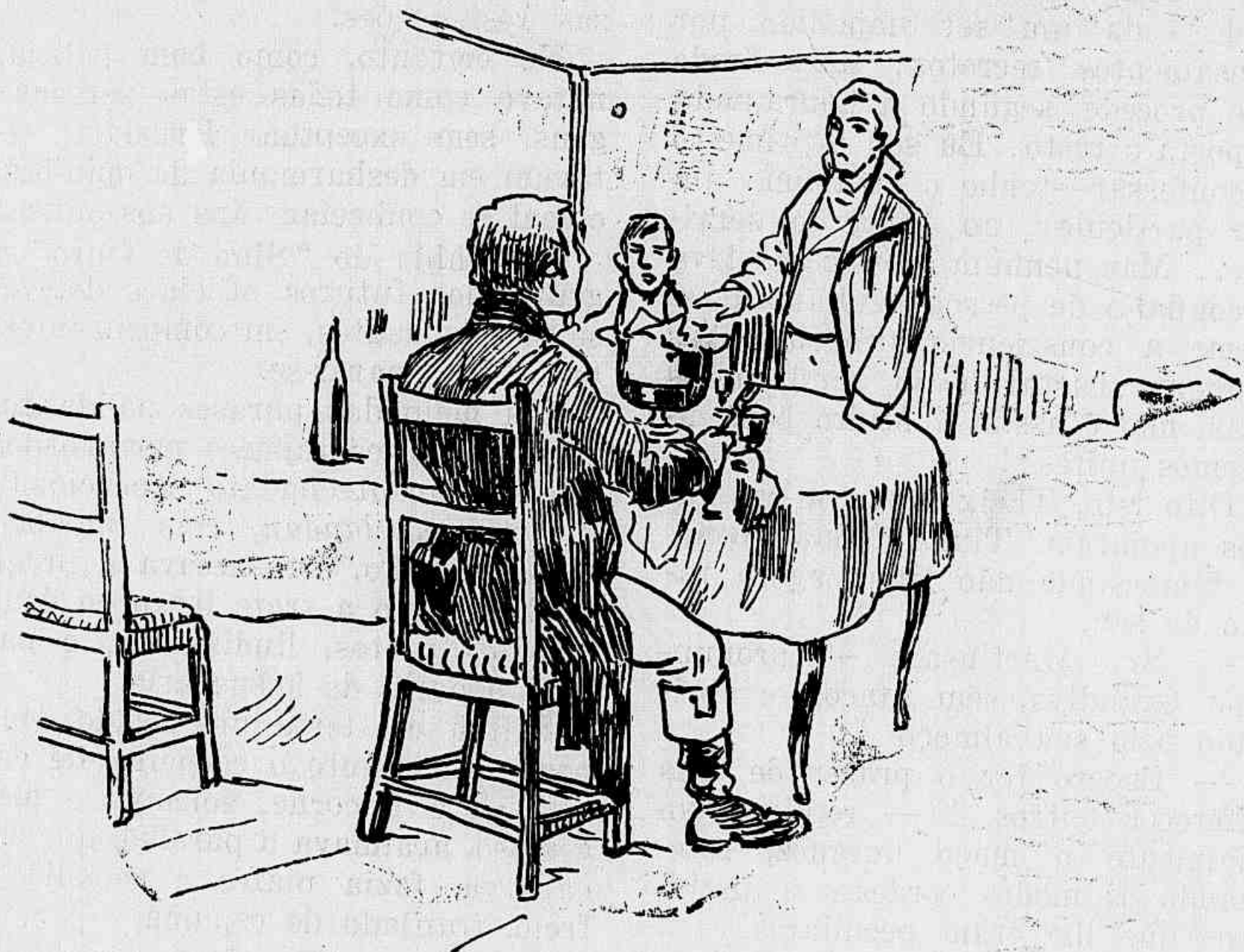


Grandlys estendeu as mãos ás duas damas . . .

nhum esplendor, nenhum titulo sobre o nosso nome. Noto mais que os verdadeiros grandes senhores, nomeados ha pouco pelo cavalheiro de Bruslart — isto é, os Srs. Visconde de Immarmont, Marquez de

ligados ao governo; do outro, quatro imperialistas ferrenhos.

Porém, o Conde de Theix, vendo nascer uma questão fallou, pela vez primeira, desde o principio do almoço. Estendeu a mão, e o seu



...o seu testemunho e precioso para nós...

Neventer, Conde de Prungey d'Hautresme, Conde de Novara. Conde de Theix, dos Principes de Groix, levantaram a voz para atacar a sua protectora, e não a levantaram para defendel-a. Consta-to-o com tristeza; eu esperava que, no exercito do Imperador, todos fossem devotados ás pessoas da familia Imperial.

Houve um estremecimento geral: desenharam-se os partidos; de um lado seis realistas, mais ou menos

gesto imperioso recommendou silencio.

Voluntariamente eclipsado entre estes mancebos turbulentos, não atrahira até agora as attensões. Mas a sua voz, a sua attitudo, a singular belleza do seu rosto triste impressionaram, de subito, os seus companheiros, que o escutaram sem um murmurio.

— Meus senhores, — dizia elle — que necessidade temos de sondar as nossas consciencias ? Somos to-

dos francezes. Amanhã todos nós seremos officiaes. Quaes serão os nossos deveres? A dedicação á patria, o desprezo ao perigo. Cumpriremos estes deveres sem pensamento reservado. Ninguém tem direito de perguntar ou de saber mais nada. Póde cada um ser impellido por pensamentos secretos; mas desde que procede, segundo a honra, nada importa o resto. Eu sou o primeiro a confessar—tenho o meu fim; um fim particular, ao tomar o serviço... Mas nenhum motivo me leva a confiar-o de pessoa nenhuma. Basta-me a consciencia propria. Aos senhores bastar-lhe-ão também as suas, não é assim? Muito bem, fiquemos quites!

Dito isto, Theix levantou-se. Todos apoiaram. Tinha fallado bem. A tempestade não tinha agora razão de ser.

— Sr. Martinsart — pronunciou Grandlys, sem rancor, e obrigado pelo seu almoço!

— Espero ter o prazer de lhes offerecer outros! — replicou jovialmente o moço burguez, retomando os modos cordeaes e distinctos que lhe eram peculiares.

E todos, retirando os chapéos dos cabides de parede, sahiram da sala, sem olharem para as pessoas que os miravam curiosamente.

Cantenor levou a mão ao chapéo e fez um cumprimento. Aproveitou o ensejo para encaral-os mais uma vez, um a um, fixar-lhes as physionomias na memoria.

Informado pela catilinaria de Bruslart, sabia que estavam entre esses mancebos, alguns cujos nomes lhe eram conhecidos, papeis roubados ao cavalleiro da guarda, que suppunha morto e que nesse

mesmo instante rogava por elle, vivo e são.

Nomes, certamente suspeitos, no sequito de um Sr. Grandlys, mancebos empenhados em alguma ruim aventura, usando mascara, representando um papel, simulando falsas resignações.

No entanto, como bom policia, notava como todas estas personagens, sem exceptuar Bruslart, estavam em desharmonia de opiniões, e mal se conheciam uns aos outros.

A' sahida do "Sino de Ouro" o grupo dos futuros officiaes deteve-se por momentos, em cumprimentos, antes de separar-se.

Em meio das phrases polidas, foram os nobres rapazes perturbados por um acontecimento sensacional.

Um rico *landau*, com um brilhante brazão, atravessava a praça do Municipio a trote largo de dous cavallos pretos, lindissimos, e parava á porta da hospedaria.

Saltou em terra um criado, empoadado, enquanto o cocheiro, de cabelleira e tricorne, solemne e magestoso, acalmava a parella, que escarvava, fazia piafés e sacudia o freio, franjado de espuma.

Seguiam o trem dous picadores, montados, levando cada, á redea, outro cavallo livre.

Tudo como no bom tempo dos nobres, anterior aos exilios, aos enforcamentos e á guilhotina.

Dentro do "landau" uma senhora de certa idade, mas graciosa, e uma joven incomparavel, em todo o brilho da sua ardente formosura, debruçavam-se, procurando com a vista, alguém entre os grupos estacionados.

— Immarmont, tua mãe e tua irmã! — advertiu Prungey.

O Visconde voltou-se vivamente; porém, já Grandlys o antecipára; Prungey seguiu-o.

Os outros moços nobres contemplavam a dez passos, tirando o chapéu, em um gesto espontâneo, porque as duas damas inspiravam ir-

será Condessa de Prungey d'Hautresme.

— Sr. de Grandlys — murmurou a Sra. de Immarmont, — permita que eu o leve conosco. Não fica bem a um gentil-homem de tão alta qualidade habitar em uma hospeda-



...o grupo dos futuros officiaes deteve-se, por momentos, em cumprimentos...

resistivelmente admiração e respeito.

Diante da carruagem, Grandlys inclinou-se. Com profunda surpresa dos assistentes, o fino cumprimento foi logo retribuído com muitas mais inclinações e mesuras do que elle se dignara fazer.

Immarmont pronunciou rapidamente:

— Atenção! Observam-nos!

Acto continuo todos tomaram attitudes differentes.

— Sr. de Grandlys, minha mãe, minha irmã Izabel, que em breve

ria. Visto ser amigo de meu filho e de meu sobrinho Prungey conceda-nos a graça de honrar a nossa casa com a sua feliz presença.

Grandlys hesitou.

Várias vezes havia exposto as razões que o aconselhavam a conservar-se afastado e independente, por mais alguns dias, e a hospedar-se ao acaso, nas terras onde passasse.

Mas, perante o pedido instantâneo que leu nos olhos luminosos da Sra. d'Immarmont e no olhar ardente que lhe dardejou a menina Izabel,

estremeceu e rendeu-se promptamente.

— Minha senhora, não posso, resistir... e faço mal... Aceito... Faça-se o vossa vontade.

— Obrigada, monse... meu senhor? — exclamou a donzella um pouco ruborisada.

E já se levantava para ceder o lugar ao convidado.

— Deixe-se estar, Izabel, — ordenou precipitadamente Prungey.

— Estamos em publico. O Sr. de Grandlys sentar-se-á no banco da frente. O trajecto é curto.

— Como, então! — disse Grandlys; divertido.

E saltou agil, installando-se em face das duas damas.

Ao mesmo tempo Immarmont fazia signal aos picadores e, estes, apresentaram os dous cavallos livres. O mancebo subiu, ligeiro, á sella, e Prungey imitou-o.

O cocheiro incitou a parelha com uma leve chicotada e o *landau* partiu com toda a pompa, escoltado pelos dous mancebos, cada um á sua portinhola, e pelos dous picadores, vinte passos á retaguarda.

Martinsart soltou estas palavras:

— Quem dirá que houve alli uma tremenda revolução?

Miquelet respondeu, com bastante verdade:

— O Imperador gosta do fausto. Anima-o em toda a parte onde póde produzir-se.

— Não importa! — concluiu Rantigny. — Ainda se póde contar com a nobreza. Tem a vida dura.

.....
Emquanto uns almoçavam no *Sino-de-Ouro*, outros almoçavam também no Palacio.

O Imperador, cahindo alli como um raio, reclamou logo a refeição. Vinha morto de fome, e, quando assim estava, o seu genio irrequieto tornava-se execravel.

Acolheu Josephina e Hortencia de má catadura, não se dignou responder ás saudações da côrte, e a propria Luiza de Castelet perdeu o seu tempo em sorrisos e mesuras.

Remetteram-se todos ao silencio, consternados, perante a impaciencia e irritação do amo.

Berthier e Savary, chamados á parte pelas bonitas damas, abanavam a cabeça e não queriam responder palavra.

Diziam-lhes:

Vejamos, não é possivel que o Imperador esteja assim unicamente por ter fome. Deve haver outro motivo. Que será?

Todos replicavam:

— Não sei.

Evitavam compromettimentos.

Durante os cinco minutos de espera, Napoleão, só, no terraço, andava apressadamente de lado para lado, e fustigava, com o chicote que conservara na mão, as laranjeiras plantadas em caixotes.

Emfim, passaram á sala de jantar. Elle estendeu a mão a Josephina, e o cortejo formou-se segundo a etiqueta.

Berthier, o Principe de Neuchâtel, acompanhava Hortencia; o General Savary, muito galanteador, acompanhava Luiza de Castelet.

O Imperador comeu depressa e pouco. Os seus grandes appetites com quasi nada se saciavam. Bebeu, vagorosamente, um pequeno copo de Chambertin — o seu vinho preferido — e, reconfortado, respirou ruidosamente. Depois correndo a vista em redor da mesa, onde

as personagens pareciam petrificadas nas suas graves attitudes, disse:

— Vamos a saber: que têm os senhores tido para apresentarem essas caras de enterro?

Palavras ditas, todos se puzeram a rir.

Acabava-se o constrangimento; a tempestade afastava-se. Comtudo, Josephina, doce e terna, insistiu:

— Tinha algum desgosto, Napoleão, não é verdade?

— E depois? — respondeu elle. — Se assim fosse? Devo, porventura, dar-lhe contas do que me preocupa? Confidencias publicas?

E, em seguida a um momento de reflexão, accrescentou:

— Afinal, não é nenhum segredo; posso dizer-o. Sim, desgostame a Prussia.

Houve um profundo silencio.

— Mais guerra — gemeu Hortencia tristemente.

— Por ora não, pequena! — explicou o Imperador. — Em todo o caso, não sou eu que a provoço.

— E' de crêr que tudo se resolve por meios conciliadores, — affirmou Berthier.

— Os prussianos não se atreveriam! — apoiou Savary.

Josephina ficava pensativa; a perspectiva das batalhas, mesmo gloriosas, aterrava-a.

Notando a desolação produzida pelas suas palavras, quiz Napoleão desvanecer-lhes o máo effeito. Fez-se então expansivo e jovial, arreliando as damas da côrte, conforme costumava.

Affirmou a Luiza de Castelet que se lhe ia fazendo o nariz vermelho, e dentro em pouco pareceria uma ingleza velha.

A joven senhora soltava gritinhos de terror, fingindo acreditar e ter grande desgosto, e o grande homem divertia-se com isso.

O final da refeição foi animado e alegre. A propria Josephina, dominando as suas apprehensões, mostrou-se joven e viva; estava linda, e o Imperador sorriu-lhe.

Era a ocasião propicia para apresentar os pedidos; a Imperatriz não esquecia os seus protegidos.

Depois do café, servião pelos pagenes, Napoleão levantou-se da mesa, e, de mãos atrás das costas, dirigiu-se ao terraço, onde, durante momentos, contemplou o horizonte, o parque, a confusão obscura das arvores seculares, que limitavam ao longe um mar de verdura, a floresta. Depois deixou-se cahir um tanto pesado, em uma grande poltrona de madeira branca, e tirou da algibeira a sua caixa de tartaruga, meia de rapé.

Ia engordando, o grande homem, a sua tez estava agora mais clara. Não parecia já o official corso, pequeno de corpo, magro, trigueiro, sempre inquieto.

Apezar das passageiras agitações uma grave serenidade, indicando a consciencia da sua força, lhe enobrecia os traços regulares do rosto de medalha.

Conservava, porém, da sua primeira juventude, esses olhos profundos, penetrantes, agudos, olhos

terríveis, cujo olhar fixo ninguém sustentava nas horas tempestuosas.

Em volta d'elle, a dancas reguladas pela etiqueta, a corte instalava-se em assentos volantes, Josephina, Hortencia, Savary e Berthier ficavam a tres passos.

Decidiu-se então a Imperatriz. Fallou com a voz pousada e doce de creoula, a que accentuava a entoação infantil quando queria pedir e obter.

O Imperador, percebendo o que o esperava, franziu a testa, mas sem verdadeiro máo humor, por enquanto.

Ella dizia:

— Conforme me permittiu, Napoleão, recebi novas requisições de candidatos ao officialato dos regimentos nobres de Isemberg e La Tour d'Auvergne.

— Os quadros de Isembergu estão completos — respondeu seccamente o Imperador.

— Então para o Tour d'Auvergne — acudiu Josephina sem desanimar.

— O Tour d'Auvergne, o Tour d'Auvergne... — resmungou o senhor da Europa. — Em primeiro lugar, não lhe permitti nada absolutamente.

— Tolerado, se assim quer.

— Não é o mesmo.

— Emfim; tenho bons nomes da velha nobreza para apresentar-lhe, Napoleão. Todos esses mancebos, deslumbrados pela gloria, vencidos pela grandeza do Imperador, aspiram a servir-o, a combater e a morrer por elle.

— Pois sim. Não me faz moça, — murmurou o grande homem, tamborilando uma chamada, com a

ponta das unhas, na caixa do rapé.

Depois, curioso, máo grado seu, fazia uma primeira concessão.

— Vamos a saber: como se chamam esses bonifrates?

Josephina voltou-se para Luiza de Chatelet, a quem o cerimonial afastava além de dez cadeiras.

— Tem a lista, Luiza?

A joven levantou-se, risonha, com um papel na mão.

— Eil-a, magestade.

Approximou-se, graciosa, Napoleão já conquistado, pelo encanto emanante da sua gentil pessoa, interrogou-a com voz brusca:

— E' agora secretária de sua magestade a Imperatriz?

— Das graças, sim, sire — replicou Luiza, saudando Josephina.

— Cortezã!

— Oh!

— Então! Cortezão, cortezã... é grammatical.

Elle ria, tudo estava bem.

Com o seu ar bonacheirão das horas calmas, elle estendeu a mão com o papel a Josephina, que o observava, já satisfeita.

— Queira dar-se ao incommodo de ler isso. Advogue a sua causa.

Josephina começou:

— O Conde Theix, dos Principes de Groix.

Napoleão deu um pulo.

— Esse? Familia de *chouan* irreductiveis... Alista-se? Não pôde ser! Um Theix morreu ao lado de Tintémac, de arma em punho, no campo da batalha.

— Era tio deste — respondeu Josephina. — Este é filho segundo do Conde de Theix, que se suicidou, o anno passado, após um horroroso drama de familia, consoante me indicou por alto o nosso candidato. E'

rapaz muito gentil e com garbo bastante para dar brilho ao regimento.

— “Acceita-o ?

— Talvez, disse Napoleão — mas depois de um exame, não é assim Savary ?

— Entendido, sire.

— Martinsart ?

— O filho de... ? Ah ! não vae mal. Falla-me de nobreza e apresenta-me a alta finança ? Emfim... Sim, a esse não podemos preterir. Daria sérios desgostos a muita gente. Não lhe parece, Josephina ?

A Imperatriz corou um pouco.

— Seu pae, — respondeu ella, — é effectivamente bem visto na côrte, presta serviços e toda a familia nos é sinceramente dedicada.

— Bem sei ! Acceito-o. Voltemos aos nobres, aos mais nobres.

— O Marquez de Neventer...

Napoleão atalhou :

— Neventer ? Hervé de Neventer ?

A sua prodigiosa memoria retinha todos os nomes.

— Sim, sire.

— Aquelle que conspirou contra nós, com Cadoudal, Morcan e Pichegru ? Foi condemnado á morte, como George e Saint Victor, mas antes foram executados e elle não. Commoveu-me a sua mocidade e commutei-lhe a pena em dous annos de prisão, em Vincennes, com ordem de servir no exercito depois de cumprida. E ousa elle agora solicitar uma patente ?

— Sire — observou docemente Josephina — Vossa magestade agraciou-o por se compadecer da sua juventude, é certo ; mas tambem porque Fouché apresentou cartas em que essa criança, desorientada pelos seus, se declarava a deslum-

bradissima pelo esplendor do Consulado e lamentava ter procedido contra sua magestade e isto tempo antes da sua captura.

— “A admiração de Neventer tem augmentado.

Está prompto a partir, sacco ~~de~~ costas, como simples soldado, e ~~é~~ ainda uma graça que elle solicita.

— Não ! — pronunciou redondamente Bonaparte.

— “Quer que se conceda tudo aos inimigos ?

— Permittir-me-á que torne a fallar-lhe a este respeito, sire.

— Veremos, veremos. Vamos aos outros.

— Jacques d’Immarmont.

— Dos Duques d’Urgel e d’Immarmont ? — interrogou vivamente o Imperador.

— Exacto. Sobrinho do Duque de Urgel, chefe das armas e ~~de~~ nome : apenas Visconde, este.

— Ah ! é interessante ! Pelo visto, Josephina, a senhora pactua com toda a gré dos *Chouans* ! Os Immarmont são irreconciliaveis. Pois esse seu protegido que se nos allia, segundo diz, temos o resto da familia conspirando em Inglaterra. Eram dos bandos de Fasisé. Não quero cá essa gente. Não insista, é inutil. Quero officiaes dedicados para o commando das minhas novas legiões e não traidores provaveis, entre estrangeiros pouco seguros. Adiante, vamos a outros. A sua lista é hoje desgraçadissima, Josephina !

— O Sr. de Grandlys.

— Que vem isso a ser ?

— Uma velha familia, e das mais nobres.

— Josephina atrapalhava-se, tanto mais porque sentia pesar sobre ella os olhares curiosos das

suas damas de honor, para quem a personalidade de Grandlys permanecia enigmática.

O Imperador proseguia, zombeteiro:

— Não conheço em França *Grandlys* nem *pequenos-lys*. *Grandlys* não é nome que me agrade.

Josephina insinuou:

— Os *lysgrandes* ou *pequenos* estão a seus pés, senhor!

— Phrases! Isso é bom para outros!

— Oh, sire!

— Então, o quê? Queira continuar, faça favor, ou fiquemos por ahí, á sua escolha.

Josephina abafou um soluço. O dia annunciava-se mal. Comtudo, proseguiu:

— O Conde João de Prunzey d'Hautresme.

Napoleão explodiu:

— Ah! Sim? E' uma aposta? Ainda uma familia de realistas militantes conhecidissimos. Companheiros de Cadoudal e de Frotté. Affirmo-lhe senhora, ou a illudem, ou abusam da sua bondade. E' mais algum attentado em preparação, e é a senhora, sem de tal desconfiar, quem abre a porta á traição, que me espreita sem treguas.

Encolerisado, arrancou-lhe o papel das mãos, percorreu a lista, e leu em voz alta:

— Grandlys, não! Porque está este em primeiro lugar? De Theix, não! Neventer, não! Immarmont, não! Prunzey d'Hautresme, não! Novara, não! Martinsart, sim.

"E' o unico. Nobre como um gato de telhado mas este não atraição.

Josephina estava consternada. Hortencia acudiu em seu auxilio:

— Sire, permitta-me.

— Nada! Tua mãe enlouqueceu! Se eu lhe desse ouvidos, antes de tres mezes era assassinado.

Um grito de horror brotou de todas as boccas femininas. A gentil Castelet deixou escapar:

— Essas cousas não se dizem!

— Deveras, feiticeira? E' preciso a sua autorisação?

— Não lha daria, sire!

O Imperador acalmou-se um pouco. Conservava na mão a lista das candidaturas, o que dava pallidas esperanças a Josephina, habituada a estas rapidas irritações, seguidas de reconsiderações não menos rapidas.

Talvez não estivesse tudo perdido.

Ao cimo de uma escada, trinta passos á retaguarda do Imperador, appareceu neste momento um ajudante de campo, fazendo silenciosamente um signal a Savary, que estava voltado para o seu lado. Em seguida retirou-se.

O General, gran-chefe da gendarmeria do Imperio, levantou-se sem affectação, affastou-se primeiro tres passos, depois dez e por fim desapareceu em procura do official que o chamára.

Passados alguns instantes voltou, um tanto pallido e com ar preocupado.

Ao mesmo tempo operava-se um movimento de armas no pateo de honra. Pelotões de granañeiros a correram, ao longo das grades.

Napoleão surprehendeu immediatamente a manobra.

Levantou-se de repente.

— Que é isto? Que ha de novo? Reforçam a guarda? Quem deu a ordem? Foi o senhor, Savary? Vi-o ausentar-se ha instantes; porque foi?

— Sire, — respondeu Savary, —



— Sire ! Izabel ! Venham ! Vejam !

quando se trata da vossa pessoa todas as precauções são poucas.

— Ha então algum perigo? — murmurou Josephina, collocando-se instinctivamente diante do Imperador.

— Tira-te dahi, — disse este,



Napoleão, cego de colera, pronunciava palavras incoherentes

afastando-a com a mão. — Savary, quero saber.

Savary inclinou-se.

— Só tenho a obedecer. Sire, ha cerca de um quarto de hora, na hospedaria do *Sino-de-Ouro*, rebentou um escandalo tremendo entre mancebos nobres, esses justamente cujos nomes a Imperatriz nos propunha ainda agora, e um estranho que os accusou, com ultrages, de trairem a sua casta, alliando-se a

Vossa Magestade. O insultador conseguiu escapar-se, por ser o unico que tinha armas.

— Sabem-lhe o nome? — Perguntou Napoleão.

— Sim, sire.

— Pois bem, diga-o; é o principal.

Savary hesitava ainda. O Imperador bateu os pés nos tijolos.

— Diz, ou não diz?

— Bruslart.

— Bruslart!

A' primeira vez foi este nome murmurado em um sopro; á segunda resoeu em um grito rancoroso.

E' que bastava tal nome para exasperar Napoleão até ao furor.

Bruslart era o seu pesadello, a sombra negra, o peor dos inimigos, o unico a quem não conseguia vencer. Bruslart, o cavalleiro Guérin de Bruslart, o ultimo *chouan* — que sustentava a guerra havia dez annos.

O amigo de Frotté, de Cadoudal, de Pichegru, de Moreau, o feroz realista que jurava matar Napoleão, e que passeava a sua indolencia e eterna ameaça pela França nas pisadas do tyranno, consoante as suas

expressões, sem que a policia de Fouché, os gendarmes de Savary e os espiões do Imperio tivessem conseguido descobrir ou se asylava ou prendel-o em qualquer parte.

E eis, em pleno dia, em uma estalagem, no meio de muita gente, a quinhentos metros do palacio onde estava o Imperador, elle apparecia, desafiava, offendia, basofian-do a sua força, cuspindo injurias e escapando-se ainda sem que pudessem lançar-lhe a mão!

Napoleão, cego de colera, pronunciava palavras incoherentes.

— Cumplicidades, fraquezas, incurias, todos culpados!

Em volta delle curvavam-se as cabeças.

O proprio Berthier olhava apenas para as suas botas. Savary descorava cada vez mais.

As damas da côrte, tremulas, imitando Josephina e Hortencia, mantinham-se immoveis, de mãos juntas ou pendentes, em attitudes dolorosas.

Por fim, o senhor socegou.

— Pormenores! Quero saber: como souberam que era Bruslart? Diga-me tudo, Savary; quero-o, ouve? *tudo, tudo!*

O General narrou a seu modo a aventura da hospedaria, que elle já soubera por terceira ou quarta informação. Claro que de bocca para bocca ia-se modificando, alterando, a ponto de não ser a verdadeira expressão do que se passára. E' sempre o caso de: — quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto.

Sire, — disse elle — Bruslart entrou na hospedaria quando os gentis-homens, cujos nomes estão ahi, nesse papel, estavam almoçando em uma sala á parte. A porta estava aberta por causa do serviço.

Bruslart, do logar onde estava almoçando, ouviu os nomes de Im-marmont, de Prunzey d'Hautresme, de Neventer, e dos outros que sabeis. Os mancebos pediram um frango á Marengo. Apenas o prato chegou, gritaram em côro: — "Viva o Imperador!".

O rosto de Napoleão, até alli sombrio, animou-se visivelmente.

Savary continuou em voz mais firme:

— Depois, ao abrirem as garrafas do *Chambertin* — o nosso vinho preferido, repetiu-se o grito entusiasta: "Viva o Imperador!".

— Briosa gente, — murmurou Hortencia.

— Vês, Napoleão? — murmurou Josephina.

— Silencio! — bradou o Imperador. Continua Savary.

Reapparecia o tratamento de — tu — era bom signal.

— Bruslart então levantou-se, agarrou nos pratos e garrafas que apanhou a geito, e atirou tudo á mesa dos mancebos, chamando-lhes covardes, traidores, renegados, e gritando o seu nome. Os offendidos sahiram da sua sala e atiraram-se ao provocador: mas este devia ter auxiliares na sala, porque se livrou em um prompto. Puxou por duas pistolas, saltou da janella, montou a cavallo e fugiu para a floresta.

Todos se levantaram ao mesmo tempo e olharam o mar de verdura, estendido em sua frente, até perder-se no horizonte.

Josephina estremeceu.

— Eis o que se passou, — concluiu Savary.

— Perseguem-no? — perguntou Napoleão.

— Sim, *sire*, mas tarde de mais

o fizemos, porque ninguém ousava vir perturbar Vossa Magestade, prevenindo-me durante o vosso almoço.

— Imbecis ! — resmungou o senhor.



...Luiza de Castellet, com um livro na mão, sahiu do parque...

E ficou meditando um instante. Depois, dando a Berthier o papel amarrotado, na sua colera, a lista de pretendentes a officiaes apresentada por Josephina, — disse simplesmente :

— Marechal, concedo a patente de Alferes a esses dez aspirantes.

Josephina e Hortencia agradeceram-lhe em um duplo amplexo de ternura.

Elle soltou-se desses lindos braços.

Deixem-me em paz. E' muito na-

tural. Trazem-me uma prova da sua medicação. Está bem ! não desejo senão acreditar-a ; no fim de contas, é simples.

Em seguida, um pouco rabujento ainda, ajuntou :

— De resto, onde elles estiverem serão bem vigiados.

Foi assim, mercê da intervenção de Bruslart, e em especial dos accipies combinados por Martinsart e Orsimont, que os dez concorrentes deste dia obtiveram as suas dragonas.

As pequenas causas têm grandes efeitos.

.....
Neste mesmo sabbado, pelas cinco horas da tarde, Luiza de Castellet, com um livro na mão, sahiu do parque e penetrou na floresta.

Vestia completamente de *linon* branco, á imitação da sua augusta ama, com uma ligeira mantilha verde sobre as costas e os braços.

Com ar innocente de passeante ociosa, embrenhou-se na matta, tomou por uma alea, á direita dos Beau-Monts, que ia ter directamente ao corredor do Carvalho Verde.

Chegou lá em cinco minutos.

Rodeava a grande arvore um banco de madeira ordinaria. A joven senhora sacudiu com um lenço as folhas cahidas do grande carvalho e sentou-se graciosamente.

Depois, abrindo o livro, pareceu absorver-se na leitura, sem nenhum cuidado nas cousas exteriores.

Em redor tudo estava deserto e mudo. Os rumores da cidade apercebiam-se apenas indistinctos e confusos. Um toque de trombetas do lado do palacio perturbou tres minutos o silencio.

Depois, calma absoluta.

A bonita Luiza de Castelet não largava a leitura, que sem duvida a apaixonava. Era *Stella* ou *Os Proscriptos*, primeira obra de um mancebo, de nome Carlos Nodier.

Mas nos altos ramos de um esquilho, perturbado no seu solitario sonho, testemunha de repente o seu máo humor, bombardeando a intrusa com folhas, pequeninos rebentos e bolotas verdes.

Era uma chuva, uma torrente, uma avalanche.

Luiza ergue os olhos, descobre o fragil inimigo e, sempre generosa, envia-lhe um lindo sorriso. O animalito não soube avaliar aquelle encanto e redobrou de colera e de projectis.

Luiza então ameaça-o, agitando a mantilha. O Pesquillo pára, assustado. Agachado, na verdura, lamenta a sua falta e a sua temeridade.

Entretanto, na estrada proxima sôa um passo pesado.

Approxima-se.

Luiza pouisa o livro no banco, e fixa o olhar á direita, de onde vem o ruido dos passos.

Espera.

Deve ser algum namorado, e na verdade quantos desejariam estar no seu logar !

Finalmente apparece um homem, no quadro estreito da alea, orlada de arvoredos. E' um campones, com um pesado cesto. Vem resfolegando e enxuga o suor da testa a um lenço encarnado.

Diante do banco, parece hesitar; mas, enfim, pouisa o cesto em terra e senta-se modestamente na extremidade mais afastada da joven senhora.

— Com sua licença senhora fidalga... Estou arrebatado. Faz calor de fornalha. *Em Paris* assa-se a gente, por força.

A' palavra *Paris* Luiza de Castelet estremeceu.

Aquelles que Fouché lhe envia devem pronunciar esta palavra ao principio da conversa, afim de darem a conhecer.

Elle desvia-se um pouco, observa de través a personagem e murmura.

— E' Cantenor ?

— Sim, minha senhora; ás suas ordens, — respondeu este, com a sua voz natural. — Não estou mal disfarçado, pois não ?

— Muitissimo bem, — affirma Luiza risonha. — Se não fosse a palavra não era capaz de o conhecer. Ouça. Fallo depressa. Diga a Fouché que a Imperatriz conseguiu do Imperador a nomeação de varios officiaes novos para os regimentos nobres. Lá terá a lista no Ministerio... ou na guerra se quizer. Entre elles, tome bem sentido, está um tal Sr. de Grandlys.

— De Grandlys.

— De Grandlys, sim.

— Bom, já sei !

— Muito extraordinario, este. Quiz fallar a sós com Josephina. Ella accedeu e elle disse-lhe qualquer cousa que a impressionou. Levou-o para o terraço, onde o dialogo durou vinte minutos, e durante todo o tempo a Imperatriz demonstrava-lhe um respeito, uma veneração, que não dispensa a ninguem, nem mesmo ao Imperador.

— Diabo !